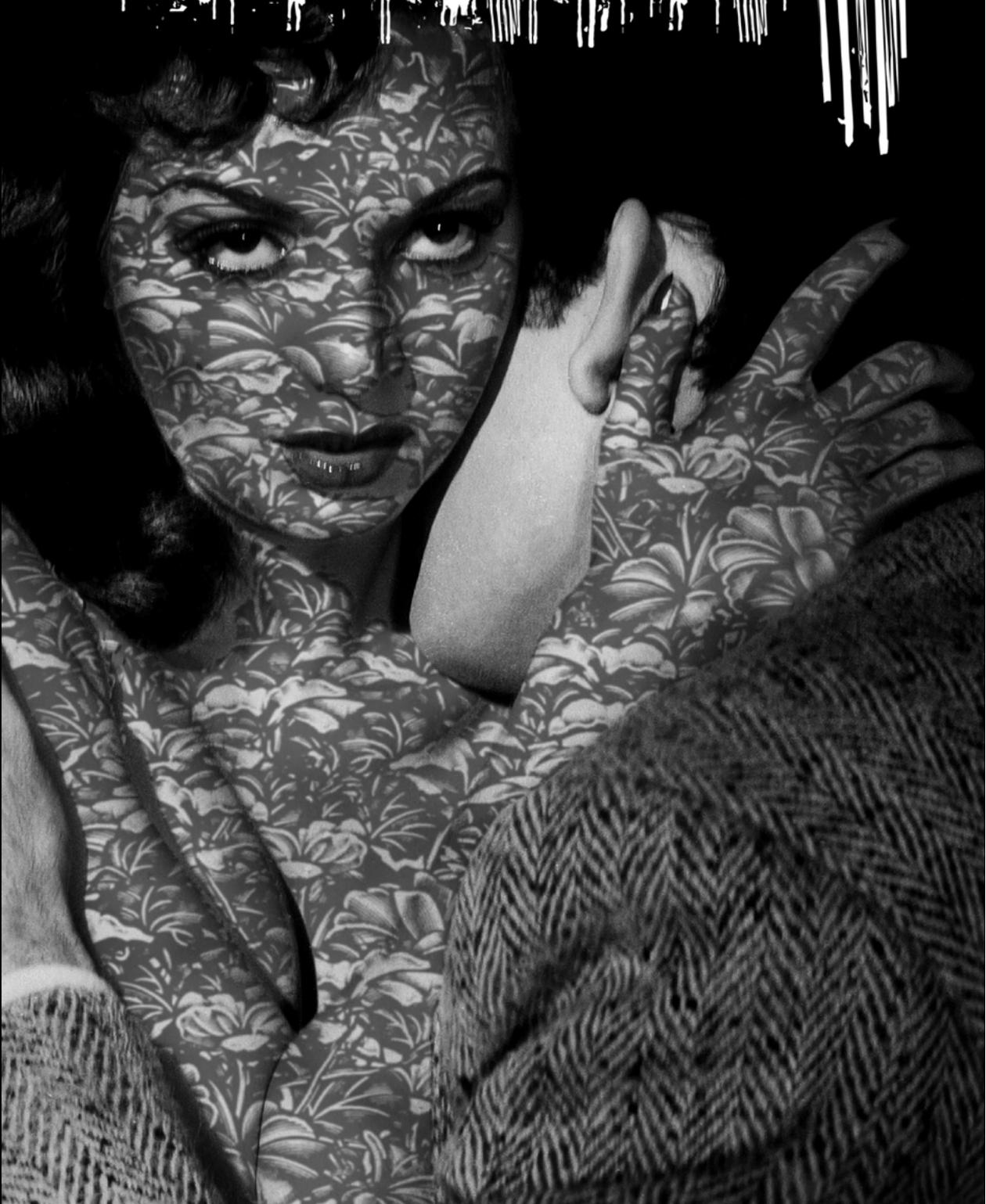


# HORROR

NO CINEMA BRASILEIRO

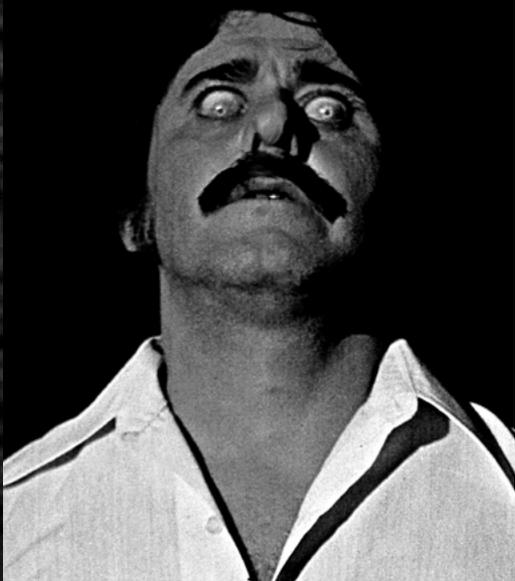


Inserido em uma tradição maior e mais antiga, aquela da literatura e do cinema de horror internacionais, o filme brasileiro de horror, especificamente, é um produto único, graças à rica herança mística de nosso folclore combinado à pluralidade de religiões e à sensualidade característica de nossa cultura.

Por isso, muitos "monstros" surgem na forma de mulheres sedutoras que incorporam espíritos malignos invocados por meio de rituais de macumba. A simples presença de elementos religiosos ligados ao candomblé, à umbanda e à macumba não estabelece necessariamente ponte com o horror; porém, isso acontece sempre que o elemento místico é representado como meio para o mal, seja o monstro grotesco, seja de aparência encantadora.

Este livro-catálogo não esgota a filmografia brasileira de horror, mas traz amostra representativa, incluindo filmes que não se enquadram totalmente na definição clássica e mais corriqueira desse gênero.

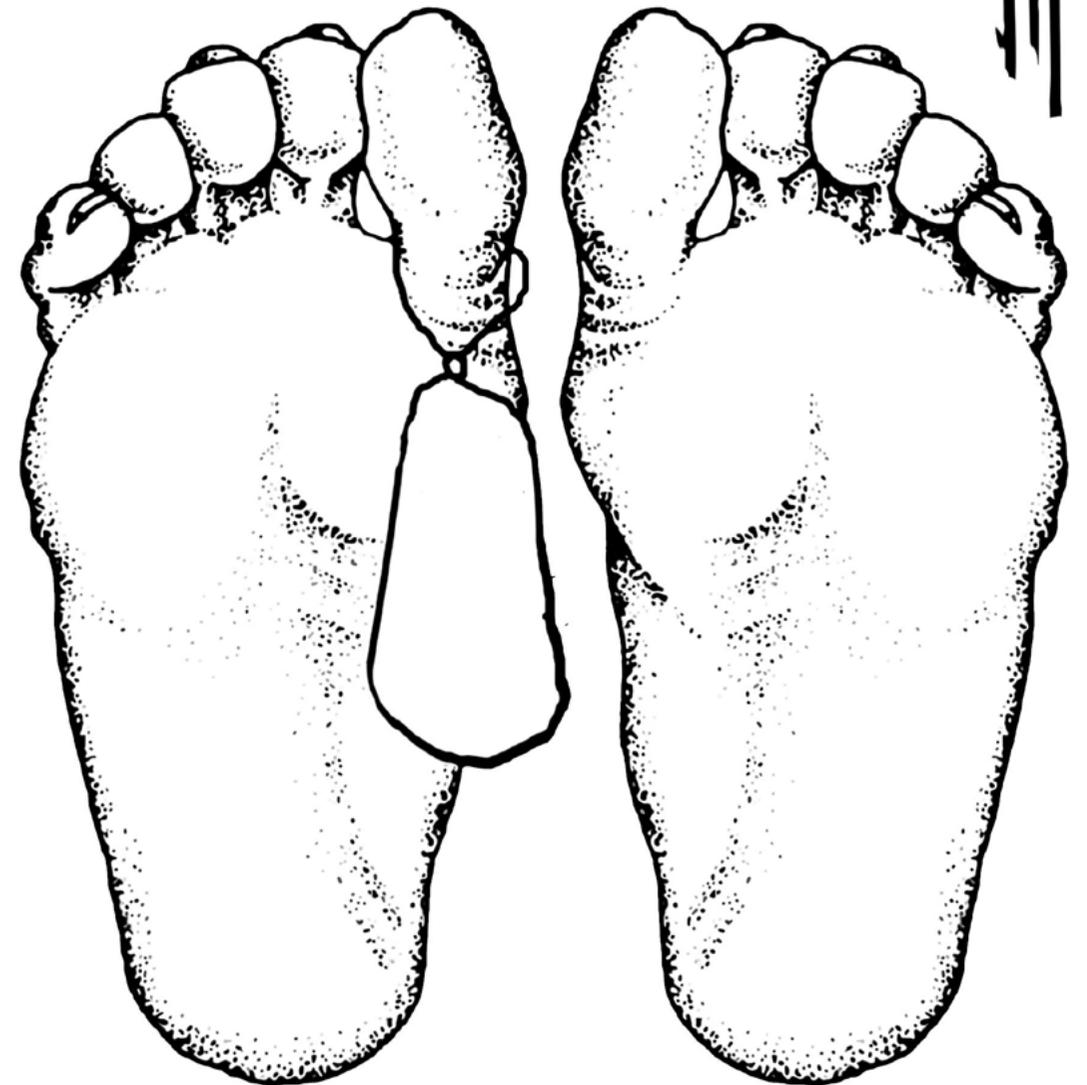
Pretende, assim, ampliar a percepção sobre os filmes que se relacionam com essa tradição marginalizada, mas importante, do nosso cinema, e sugerir novos caminhos historiográficos e interpretativos para a nossa cinematografia.



# HORROR

## NO CINEMA BRASILEIRO

EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO - EUGENIO PUPPO





Criado por José Mojica Marins, em 1963, para o filme *À meia-noite levarei sua alma*, Zé do Caixão, é, sem dúvida, o mais famoso personagem do horror cinematográfico brasileiro – e um dos mais populares da história do nosso cinema. Mas Mojica não é o único cineasta brasileiro a ter feito experiências com o horror – gênero que desde a década de 1930 se tornou um dos principais pilares do cinema mundial.

Talvez pelo fato de nunca ter sido catalogado de forma correta, o cinema de horror nacional é pouco conhecido. Muitos dos filmes do gênero realizados no país foram inseridos em outras categorias, dando a impressão equivocada de que a produção de terror no Brasil é incipiente ou pouco significativa.

Com a realização da mostra **Horror no Cinema Brasileiro**, o Centro Cultural Banco do Brasil pretende contribuir para uma nova perspectiva de análise dessa filmografia no país.

**Centro Cultural Banco do Brasil**

6

## NOTAS DO EDITOR

Eugênio Puppo

10

## ENSAIOS

Como pensar o horror no cinema brasileiro?  
**Laura Cánepa**..... 11

Sangue, sexo e riso: espectros do horror nos filmes brasileiros  
**Carlos Primati** ..... 16

22

## ANÁLISE DE FILMES

O jovem tataravô – Luiz de Barros..... 23

Fantasma por acaso – Moacyr Fenelon ..... 24

Veneno – Gianni Pons ..... 25

O despertar da besta – José Mojica Marins..... 26

O lobisomem – Elyseu Visconti ..... 27

Enigma para demônios – Carlos Hugo Christensen ..... 28

A mulher do desejo (A casa das sombras) –  
Carlos Hugo Christensen..... 29

Pecado na sacristia – Miguel Borges ..... 30

Excitação – Jean Garrett..... 31

O estripador de mulheres – Juan Bajon..... 32

A força dos sentidos – Jean Garrett ..... 33

Episódios de John Doo, David Cardoso e Ody Fraga ..... 34

A reencarnação do sexo – Luiz Castilini..... 35

O segredo da múmia – Ivan Cardoso..... 36

Shock – Jair Correia..... 37

As sete vampiras – Ivan Cardoso..... 38

Ritual Macabro / Ritual of death – Fauzi Mansur..... 39

Olhos de Vampa – Walter Rogério..... 40

Um lobisomem na Amazônia – Ivan Cardoso..... 41

Mangue negro – Rodrigo Aragão..... 42

O fim da picada – Christian Saghaard ..... 43

Trilogia Zé do Caixão – José Mojica Marins..... 44

O Maníaco do Parque – Alex Prado..... 46

48

## GLOSSÁRIO

50

## PANORAMA DO HORROR NO CINEMA BRASILEIRO

Carlos Primati



O gênero de horror no cinema, apesar de ter motivado milhares de filmes, não é fácil de definir. Nessas obras, geralmente, uma força maléfica desestabiliza a normalidade corriqueira do mundo real.

Para selecionar filmes que representem o horror no cinema brasileiro, antes é essencial elucidar o que é “horror”. Na linguagem cinematográfica, pode ser definido como uma narrativa de ficção na qual o drama se desenvolve a partir da presença em cena de uma força maléfica, em geral representada por algum tipo de monstro. Este pode ser tanto sobrenatural ou racionalmente incompreensível quanto uma ameaça natural que apresente níveis de violência e agressividade incomuns; os personagens centrais, via de regra, são animais assassinos, em algumas ocasiões transformados por meio de mutações ou experiências genéticas.

O mal é representado por uma figura atemorizante: fantasmas, lobisomens, vampiros, zumbis, múmias, animais excessivamente agressivos, extraterrestres. Não é raro que o “monstro” também seja humano: *serial killers*, psicóticos e desajustados, cujas motivações para matar são injustificáveis do ponto de vista racional. Representam outra vertente do gênero (referida como “horror psicológico”) as perturbações mentais que resultem numa distorção da realidade e conseqüentemente origem sensações de pavor e perigo.

O objetivo central do horror é, em última análise, causar espanto e medo por meio de situações de pavor vividas pelos personagens. Mas trata-se de um gênero em transformação, em que há também lugar para o suspense, a fantasia, a ficção científica e até para a comédia, a sátira e o deboche.

Ao longo de mais de cinco anos estive envolvido em uma pesquisa em torno do cineasta José Mojica Marins que culminou com a realização de uma mostra de filmes, a edição de um livro, uma exposição e a finalização de um filme inédito, *A praga*, quando ampliei consideravelmente as informações relacionadas ao universo do horror em nosso cinema. Foi então que assisti a diversos filmes de outros diretores que flertaram com o gênero – Walter Hugo Khouri, Carlos Hugo Christensen, Jean Garrett, John Doo, Ody Fraga –, entre outros. Ficou o desejo de realizar um projeto que ampliasse ainda mais essa pesquisa iniciada com Mojica, em 2002. Por outro lado, me preocupava levá-lo adiante dada a quantidade de informações disponíveis, normalmente publicadas sem o devido cuidado, e do desdém para com a preservação dessas informações e filmes por parte, muitas vezes, de seus próprios realizadores. A maioria das informações relativas a essa filmografia trazia muitas contradições, e algumas vezes o que se sabia não era sequer suficiente para se fazer simples menção em novos textos.

No início de 2008, o pesquisador Carlos Primati propôs que fizéssemos uma mostra de filmes que tivesse como base a pesquisa que ele desenvolve há mais de quinze anos, e que consiste em assistir sistematicamente e catalogar filmes brasileiros que se relacionem de alguma forma com o gênero de horror. Primati me apresentou Laura Cánepa, que acabara de defender sua tese de doutorado na Unicamp, intitulada “Medo de quê? Uma história do horror nos filmes brasileiros”. A lista de filmes que eles me apresentaram trazia mais de duzentos títulos. Então, começamos a assistir

e reassistir esses filmes, que não estavam diretamente associados ao gênero horror, mas que poderiam ter elementos que justificassem sua inclusão na mostra. Devido às dificuldades em identificar elementos que justificassem a inclusão de determinados filmes, propus cortes em diversos títulos desta lista, e decidi pela inclusão, neste livro, da filmografia do horror brasileiro, na qual diversos filmes foram eliminados e outros incluídos. Havia casos de filmes inspirados na história de assassinos em série, o que aparentemente já justificaria a inclusão do filme neste panorama, mas uma vez que os assistimos, foi possível verificar que não havia nessas obras elementos claros que justificassem sua inclusão na filmografia. Vale ressaltar: a lista da qual partimos continha mais de duzentos títulos, mas no “Panorama do horror brasileiro”, na página 50, constam apenas 144.

Este livro-catálogo contempla boa parte das mais importantes manifestações do horror no cinema brasileiro. Não se restringe, porém, a esse gênero, abrindo portas para filmes que flertam com ele ou trazem elementos fortes de terror, apesar de se enquadrar em outras classificações de gênero.

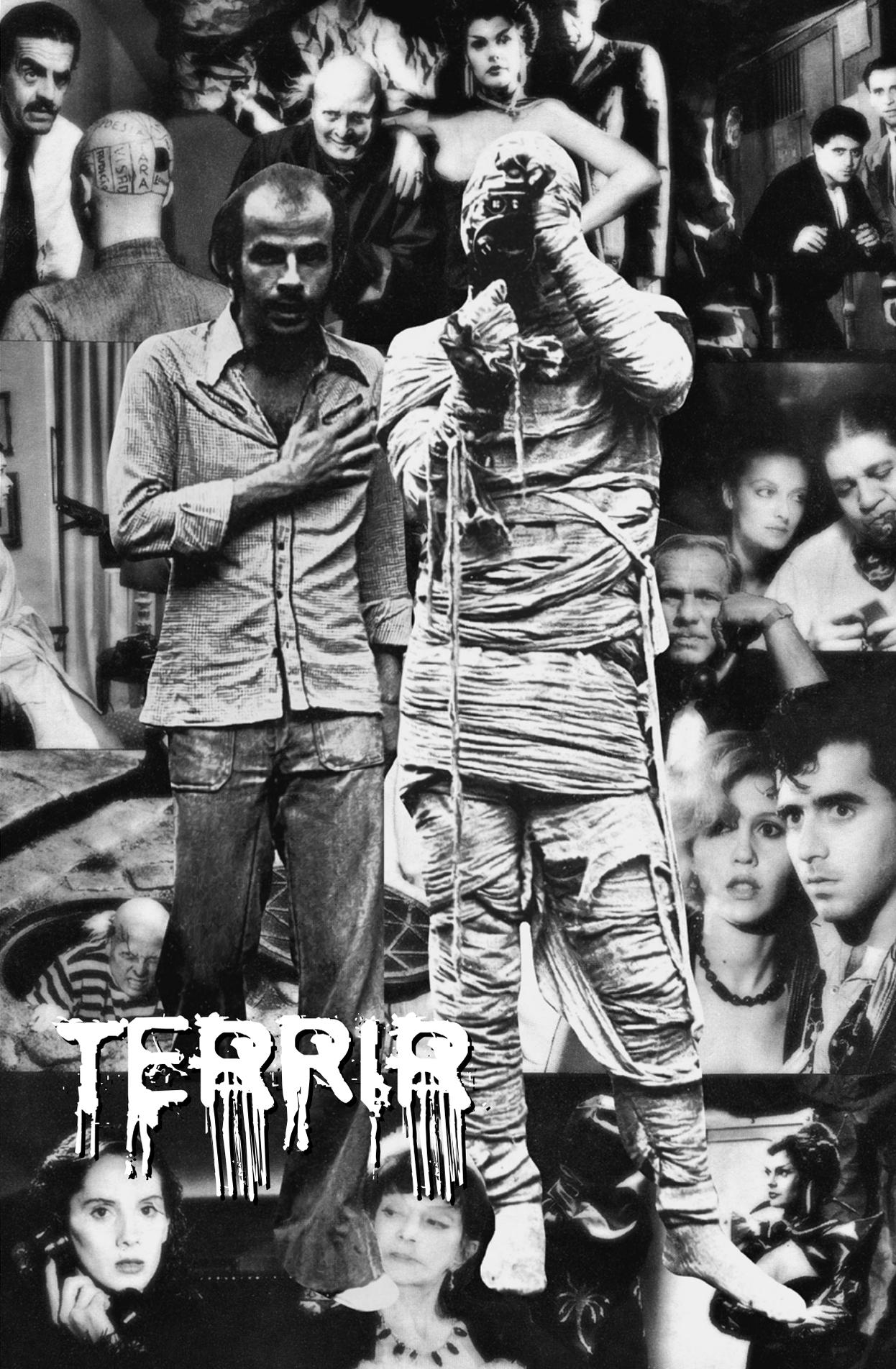
Editado por ocasião da mostra Horror no Cinema Brasileiro, este livro-catálogo contém ensaios, artigos assinados por críticos e uma extensa filmografia, textos que contemplam obras de mestres do gênero, como José Mojica Marins, Ivan Cardoso, Fauzi Mansur, entre outros, além de informações sobre filmes de autores e produtores, como Luiz de Barros, Amácio Mazzaropi, Domingos de Oliveira, Julio Bressane, Elyseu Visconti, David Cardoso, entre outros, que se dedicaram a experimentar, ampliando os limites consagrados da filmografia brasileira.

A mostra de filmes traz uma vinheta produzida especialmente para a ocasião a partir de cenas inéditas do filme inacabado *Sentença de Deus*, rodado entre 1955 e 1956 por José Mojica Marins, 25 longas-metragens selecionados, entre clássicos e raros, e um filme inédito, *O Maníaco do Parque*, de Alex Prado, filmado em 2002 e finalizado em 2009 pela Heco Produções, que lança o longa exclusivamente dentro da programação da mostra. Trata-se de uma cinebiografia de Francisco de Assis Pereira, o motoqueiro que assassinou brutalmente diversas vítimas inocentes em um parque estadual na cidade de São Paulo.

Agradeço a Marcelo Colaiacovo, admirador do gênero, principal colaborador e grande incentivador deste projeto, que teve a participação também de Raoni de Freitas na produção, e a toda a valorosa equipe que me acompanha há anos.

O projeto Horror no Cinema Brasileiro teve como objetivo central dar uma contribuição séria e consistente a um gênero desprestigiado, mas que interessa diretamente à Heco na medida em que alguns desses filmes constituem marcos do cinema brasileiro. Nele, contamos com o fundamental apoio da Cinemateca Brasileira, que tem em sua missão o fundamental papel de preservar e difundir o cinema nacional, sem o qual não teríamos conseguido alcançar voos mais altos.

Agradeço o patrocínio inestimável do Banco do Brasil, que através do Centro Cultural Banco do Brasil valoriza nossa cultura e apóia mais este projeto exigente, que ora realizamos com muito orgulho.





## COMO PENSAR O HORROR NO CINEMA BRASILEIRO?

Laura Cánepa

“Por que não um dos nossos para filmar o infilmável?”, perguntava Rogério Sganzerla no prefácio do livro *Maldito*, que trata da vida e da obra de José Mojica Marins, o mais famoso cineasta brasileiro a se dedicar ao gênero horror. É dessa pergunta que este trabalho parte, dedicando-se a um mapeamento das narrativas e construções visuais do horror no cinema brasileiro. Afinal, num país com grande tradição de violentas histórias sobrenaturais, parece contraditório a ideia de que apenas “um dos nossos” tivesse se dedicado ao gênero.

Dizer que o horror é raro no cinema brasileiro é uma afirmação que, sozinha, quase nada significa. Afinal, filma-se pouco no Brasil – e exhibe-se menos ainda. Então, só é possível dizer que o gênero é menos expressivo numericamente se compararmos sua expressão com a de outros gêneros. Nesse caso, o resultado é revelador: em 2002, Antonio Leão da Silva Neto, em seu *Dicionário de filmes brasileiros*, contabilizava que, até o começo daquele ano, 3.415 filmes de longa-metragem haviam sido finalizados no Brasil e, dentre eles, apenas duas dezenas eram classificadas pelo autor como sendo de *horror* ou de *terror* – em sua maioria, obras de Mojica. Só a título de comparação, o gênero policial, por vezes próximo do horror por seu caráter violento, era identificado no mesmo dicionário em mais de 250 obras.

No entanto, trata-se de um gênero narrativo bastante popular na mídia brasileira, sendo, inclusive, explorado frequentemente pelos programas de televisão e de rádio, assim como também nas histórias em quadrinhos e na literatura *pulp*. A audiência para filmes de horror estrangeiros (particularmente os de Hollywood) também é muito grande. Todo ano, fitas de horror estrangeiras estão nos primeiros lugares dos *rankings* nacionais de bilheteria e de compra e aluguel de DVDs. Além disso, a atenção dada ao gênero pela crítica especializada é significativa, com o surgimento constante de novas revistas eletrônicas, comunidades virtuais e listas de discussão dedicadas ao assunto.

Assim, é natural que perguntemos os motivos pelos quais nosso cinema, ignorando a popularidade do horror no país, tenha evitado o gênero de forma tão evidente. O que se verifica, porém, é que sua ausência é mais historiográfica do que histórica. Afinal, num exame dos filmes brasileiros a partir de suas sinopses, encontram-se, no mesmo dicionário já citado de Silva Neto, mais de uma centena de títulos claramente ligados ao horror, mas que não foram identificados dessa maneira e que tampouco foram reunidos e examinados sob esta perspectiva. Tais títulos nos remetem a experiências industriais e estéticas tão diferentes como o cinema dos estúdios paulistas, chanchadas, o cinema erótico – obras pouco conhecidas de autores consagrados –, além de todo um universo cultural de produções independentes que nem sempre é mencionado nos estudos de cinema brasileiro.

Como observa Lúcio Reis, autor da dissertação de mestrado *A cultura do lixo*, o horror cinematográfico brasileiro, apesar de pouco lembrado, é representativo e expressivo. Segundo ele, o caráter híbrido desse cinema talvez configure um problema se quisermos categorizá-lo, pois, apesar de se apropriar de parte dos clichês mais marcantes do horror canônico, jamais se integrou aos paradigmas já estabelecidos da cinematografia mundial do gênero ou dela se tornou vertente. Pelo contrário: acabou estabelecendo suas próprias e significativas marcas, graças a iniciativas isoladas e à margem da linha de frente do cinema brasileiro.

Esse conjunto heterogêneo começou nas comédias e melodramas que dialogaram com os temas góticos e fantásticos (até os anos 1950), passou pela obra de cineastas marginais, de realizadores do cinema erótico e de arte, e chegou até os dias de hoje com vitalidade insuspeita. No entanto, para a maioria do público brasileiro, a ideia de um cinema de hor-



Imagem rara do filme *Os mistérios do Rio de Janeiro* (1917), de Coelho Neto, um dos muitos títulos do período do Cinema Mudo brasileiro que possivelmente dialogavam com elementos de horror

ror brasileiro ainda está vinculada apenas aos filmes de Mojica, que se eternizou como o coveiro psicopata Zé do Caixão, naquele que foi o primeiro longa-metragem brasileiro a se declarar “de terror”: *À meia-noite levarei sua alma*, realizado em São Paulo, em 1963.

De fato, com seu filme prodígio, Mojica ligou sua carreira diretamente ao horror, produzindo uma versão nacional desse gênero tida como uma das mais radicais e originais do planeta, e transformando a si mesmo num fenômeno de mídia. Mas, apesar da importância inquestionável do seu trabalho, reduzir o cinema de horror brasileiro à sua obra e ao personagem que o consagrou é esquecer de filmes e realizadores que, há muito tempo, merecem crédito.

Esse esquecimento de outras obras de horror em nossa memória histórica, porém, não tem relação com um possível “privilégio” dado a Mojica – embora o cineasta deva ser reconhecido pela capacidade de furar vários bloqueios ao longo de sua carreira. O desprezo de nossos historiadores e críticos pelo cinema de gênero em geral e pelo horror em particular está ligado em parte a posturas ideológicas que dominaram o projeto modernista do nosso cinema, estabelecido nos anos 1950, quando se elaborou um discurso que ajudou a constituir o que Jean-Claude Bernardet chama de *Historiografia clássica do cinema brasileiro* (1995). Segundo ele, essa historiografia estaria dominada pela visão de uma elite de cineastas e críticos que desejavam construir uma tradição cinematográfica genuinamente brasileira – intenção muito oportuna numa época em que nossa elite intelectual estava em busca de um projeto nacional viável e coerente. Tal tradição deveria legar ao cinema brasileiro grandes nomes e grandes filmes que pudessem legitimá-la e dar-lhe algum tipo de interesse artístico e cultural.

Esse modo de encarar o cinema feito no Brasil rendeu grandes frutos teóricos e estéticos, mas também criou um beco sem saída para os que se aventuram a conhecer o nosso cinema. Pois, como observa Bernardet, de um lado, a necessidade de construção dessa tradição brasileira acabou dando origem a uma visão isolacionista dos processos vividos pelo cinema nacional, reduzindo o espaço para o diálogo com tendências internacionais que sempre chegaram por aqui. De outro lado, a proximidade com os realizadores, mais do que com exibidores e consumidores, fez com que os estudos privilegiassem aspectos autorais (e mesmo alguns autores em especial), diminuindo consideravelmente o espaço para discussões sobre o papel dos espectadores, das relações econômicas, das convergências entre o cinema e outros meios de comunicação e da influência dos modos hegemônicos do cinema internacional sobre a produção brasileira.

Cada vez mais, no entanto, os que se interessam pelo cinema nacional são surpreendidos com as lacunas deixadas pela historiografia clássica e sentem-se desafiados a completar a visão construída nos últimos sessenta anos. Nesse contexto, um dos assuntos que chama a atenção dos pesquisadores é a questão dos gêneros, que, embora estejam presentes com variações em diversas partes do mundo, são mais facilmente identificados com o cinema clássico hollywoodiano, cujas bases estéticas, temáticas e industriais estão ligadas, até hoje, a um número limitado de formas narrativo-ficcionais consagradas.

A relação do cinema brasileiro com os gêneros ficcionais importados de Hollywood, é claro, enfrenta vários problemas. Um deles é o econômico, pois, ao longo de cento e poucos anos de história do cinema brasileiro, não foi possível criar uma indústria cinematográfica com bases sólidas o suficiente para originar uma linhagem contínua de filmes, o que teria favorecido a reprodução e o reaproveitamento de fórmulas. Há também o problema cultural, já que nem todas as experiências de cinema clássico de gênero dizem respeito às características e preocupações do Brasil (o que acabou favorecendo um “subgênero” até bastante recorrente no país, que é o da paródia de fórmulas típicas do cinema estrangeiro). Mas devemos considerar, também, que o projeto estético e político dominante para o cinema brasileiro priorizou, durante muito tempo, obras realizadas por uma elite de cineastas que se opunha aos modelos impostos pela poderosa indústria de Hollywood.

E apontar essas dificuldades em relação à existência de um cinema de gênero no Brasil não significa dizer que não houve repetidas tentativas de estabelecê-lo. Observando os registros históricos, percebem-se diversas estratégias para promover uma indústria que dialogasse com as fórmulas narrativas e estéticas consagradas comercialmente no mercado estrangeiro. Assim, desde o Cinema Mudo, encontramos em nosso cinema popular de ficção traços recorrentes ligados aos clichês de gêneros clássicos como o faroeste, a ficção científica, o filme religioso, o melodrama romântico, o horror etc. Evidentemente, por se tratar de uma filmografia periférica, sem uma indústria cinematográfica consolidada, esses gêneros nunca se apresentaram em suas formas narrativas e iconográficas canônicas: as diferenças são evidentes. Porém, os teóricos de cinema contemporâneos não se cansam de afirmar que os gêneros cinematográficos permanecem vigentes justamente porque são apropriados por seus múltiplos usuários (os diversos grupos de espectadores, produtores, distribuidores e exibidores) das mais diversas maneiras, produzindo variações que são responsáveis pela própria sobrevivência das formas.

Assim, no caso de um cinema de gênero horror brasileiro, uma abordagem das práticas de apropriação de referências, clichês e fórmulas do cinema internacional e dos aspectos regionais é mais frutífera do que a busca de filmes que sigam cartilhas simples – embora esses também existam. O que se deseja, então, é precisamente discutir a possibilidade de, a despeito de todas as dificuldades e interrupções, se falar em um cinema de horror brasileiro com traços característicos.

Para levar essa discussão adiante, porém, é necessário que, antes, definamos o que estamos chamando de horror cinematográfico, até porque essa dúvida não é exclusiva dos

pesquisadores brasileiros. Afinal, o horror, além de ser um dos gêneros mais numerosos e variáveis em todas as cinematografias do planeta, torna-se particularmente hostil a definições por sua tendência à mutação, necessária a um tipo de espetáculo voltado para promover constantemente o choque e a surpresa.

Entre os estudiosos do chamado “horror artístico”, convencionou-se que esse gênero narrativo surgiu na Europa, na segunda metade do século XVIII, num impulso de desafio à visão iluminista do mundo. As histórias de horror surgidas naquele momento teriam, assim, o objetivo de readaptar o pensamento mágico e as imagens medievais às formas do irracionalismo romântico nascente, buscando representar e despertar sentimentos de pavor, aversão e perplexidade diante de fenômenos inexplicáveis pela natureza ou pela razão.

Nesse sentido, a maioria dos teóricos aponta duas condições inseparáveis para que se constitua o horror: a ameaça violenta e maléfica aliada à sugestão do sobrenatural ou, ao menos, de algo inexplicável pela racionalidade científica. Segundo Noel Carroll, em *A filosofia do horror*, essa ameaça geralmente vem personificada em algum tipo de figura monstruosa que, ao incorporar características humanas e não-humanas (ou sobre-humanas), provoca reações de horror nos personagens da ficção e, supostamente, por tabela, nos espectadores dessas obras.

Além dessas características estruturais, evidentemente, outro elemento fundamental para se entender o “horror artístico” é sua busca por uma reação física imediata dos espectadores. No caso de versões do gênero para o teatro e para as telas, ela é suscitada não apenas pelas histórias, mas, sobretudo, por aspectos iconográficos, rítmicos e de composições visuais que nem sempre precisam se subordinar à estrutura narrativa. Geralmente, essas representações visuais e sonoras apresentam corpos sujeitos a emoções intensas, marcadas não por articulações da linguagem, mas por gritos de susto, gemidos, encolhimentos de medo, náuseas – que, quando funcionam, acabam sendo, de alguma forma, mimetizadas pela plateia, tornando-se o principal foco de atenção.

Esse caráter sensacional do “horror artístico”, somado ao desafio à racionalidade moderna, está, possivelmente, na raiz do baixo *status* cultural tantas vezes atribuído ao gênero. Apesar disso, vários pesquisadores têm tentado, principalmente nos últimos trinta anos, legitimar as histórias de horror, atribuindo-lhes significados simbólicos que poderiam estar por trás das sensações imediatas. Para esses autores, o desejo do público de repetir *ad nauseum* determinados sentimentos pode ter motivações que se encontram em camadas mais profundas do imaginário individual e social. As figuras monstruosas, então, simbolizariam e satisfariam desejos reprimidos de onipotência e liberdade instintiva, além de personificarem medos primitivos como o de uma certa “independência” de nosso organismo em relação às nossas vontades. Da mesma forma, a frequente aniquilação dos monstros nas histórias de horror daria aos espectadores uma sensação de controle sobre esses mesmos instintos e medos, que geralmente ameaçam a ordem social. Essas abordagens são bastante recorrentes nas interpretações de obras desse gênero e permitem iluminar os motivos do interesse que essas obras sempre despertaram.

É possível que a recente curiosidade acadêmica sobre os filmes de horror, que se verifica em várias partes do mundo e também no Brasil, se deva também aos estudos de recepção cinematográfica, que encontraram, nos cultuadores do gênero, uma percepção estética ao mesmo tempo transgressora e comprometida com o entretenimento massivo, o que permite a observação de uma série de contradições da indústria cultural em torno das concepções de sensacionalismo e subversão – que estão na raiz tanto da produção quanto do consumo desse gênero.

Em meio a tantas questões que apontam para caminhos tão diferentes, acaba sendo uma tarefa árdua estabelecer uma definição de horror cinematográfico, ainda mais quando se vai tratar de uma cinematografia como a brasileira, na qual a questão do gênero é tão pro-

blemática. Mas, se é possível encontrar um denominador comum ao gênero, ele pode se basear na reunião dos seguintes critérios: do ponto de vista temático/estrutural, apresentam histórias nas quais elementos monstruosos e/ou inexplicáveis racionalmente causam perplexidade e medo aos personagens da ficção; do ponto de vista visual e iconográfico, são filmes que utilizam imagens violentas e ao mesmo tempo misteriosas, tematizando a imprevisibilidade, o corpo violentado, a monstruosidade e/ou os elementos grotescos e escatológicos; finalmente, do ponto de vista industrial e comercial, obras que se ligam a efeitos como o medo, o choque causado pelas imagens de violência, o susto, o imponderável ou o sobrenatural como fontes de ameaça.

Observando-se os filmes brasileiros sob essa perspectiva, pode-se dizer que o horror é, sim, bastante presente. Pareceria até estranho que não o fosse, pois, como aponta Lúcio Reis, se olharmos para nossas narrativas tradicionais, veremos que boa parte delas versa sobre os mistérios que envolvem a vida e a morte, os embates entre as forças do bem e do mal, e a interferência de elementos sobrenaturais ou irracionais como fatores determinantes no mundo cotidiano – elementos que estão na raiz do “horror artístico”.

Assim, se o horror nem sempre é fácil de reconhecer em nossos filmes, é preciso lembrar, como argumenta Peter Hutchings em seu livro *The horror film* (2004), enquanto a própria indústria e a crítica frequentemente parecem confusas, a audiência e os cineastas parecem saber o que procuram. Se o pesquisador norte-americano estiver certo, a experiência de assistir aos filmes brasileiros atentando para os aspectos de horror que trazem pode tanto levar os espectadores a conhecerem melhor o nosso cinema quanto a terem uma visão mais abrangente e lúdica do próprio horror cinematográfico.



Cena final de *Ninfas diabólicas* (1978), um dos vários filmes do diretor John Doo vinculados ao fantástico e ao sobrenatural

# SANGUE, SEXO E RISO: ESPECTROS DO HORROR NOS FILMES BRASILEIROS

Carlos Primati

Uma bruxa caquética surge em cena desejando “péssima noite a vocês, meus amiguinhos corajosos” e em seguida aconselha a plateia que abandone o cinema, que não veja o filme. Ninguém lhe dá ouvidos e... tarde demais: o relógio soa doze badaladas e tem início *À meia-noite levarei sua alma*. Anunciado em seu material publicitário como o primeiro filme de horror brasileiro autêntico, o longa escrito, dirigido e protagonizado por José Mojica Marins não é o primeiro exemplar com elementos fantásticos feito no país; mas é o que assumiu o pioneirismo de se aceitar como tal.

O horror já se insinuara em diversas produções brasileiras, quase sempre de maneira tímida e incipiente, pelo menos durante as três décadas que precederam o lançamento da obra de Mojica, em 1964. Tal presença é suficiente para configurar a existência de uma respeitável filmografia nacional vinculada ao fantástico. Ainda que o “filme de horror brasileiro” – à exceção das estripulias de Zé do Caixão – não seja um conceito com o qual estamos acostumados a conviver, ele de fato existe.

São muitos os motivos para que, principalmente no meio acadêmico, a considerável produção de filmes de horror no Brasil, que chega muito próximo da contagem de 150 títulos no transcorrer de sete décadas, não seja tratada como tal. O preconceito em relação ao horror certamente é uma dessas razões. Em termos quantitativos, e mesmo no que se refere a temas abordados e a particularidades narrativas, a filmografia brasileira de horror é comparável ao conjunto de obras neste gênero realizadas em países periféricos no que diz respeito ao fantástico. Se, por um lado, é negável a contribuição de Estados Unidos, Inglaterra e Japão na formação, estabelecimento e produção industrial de filmes de horror, podemos equiparar a safra brasileira à de países como França, Argentina e Alemanha do pós-guerra.

A gênese do filme de horror internacional – compreendido como uma narrativa com a intenção objetiva de provocar calafrios e sobressaltos na plateia – encontra-se nas primeiras produções sonoras do estúdio Universal, que se inspirou nas obras-primas macabras do movimento expressionista alemão para lapidar o formato definitivo do gênero. Transformado em cultura de massa (e despido das elevadas aspirações artísticas e filosóficas dos germânicos), os primeiros exemplares do horror sonoro resultaram em êxitos mundiais de bilheteria com filmes como *Drácula* e *Frankenstein*, ambos de 1931. O sucesso destes deu origem ao primeiro grande ciclo de filmes de horror, de intensa produção nos EUA e notável popularidade internacional. Porém, por algum motivo, o sucesso dos produtos importados não foi capaz de fomentar a realização maciça de obras de horror em outros países durante a década de 1930. Mesmo assim, existem exemplares isolados que representam o embrião do horror internacional e estabelecem o marco inicial em várias filmografias, dentre os quais podemos destacar o mexicano *La llorona* (1933), baseado no folclore local sobre uma mulher fantasma; a precária realização argentina *El hombre bestia* (1935), uma extravagante aventura na qual um homem civilizado transforma-se em besta-fera; o chinês *Ye ban ge sheng* (1937), uma variação oriental de *O fantasma da Ópera*; e o francês *Le Golem* (1936), adaptado de uma lenda tcheca sobre um monstro de barro.

A estreia do cinema brasileiro no gênero fantástico se daria em circunstâncias parecidas, com a comédia musical *O jovem tataravô*, realizada por Luiz de Barros em 1936. A produção era da Cinédia, companhia importante no período, na ocasião fazendo sua transição para as realizações sonoras. O filme acompanha, de maneira farsesca e com uma moderada dose de picardia, as aventuras de um rapaz que, morto ainda jovem, é trazido de volta

à vida décadas mais tarde, por meio de uma cerimônia secreta organizada para reanimar espíritos desencarnados. O ritual de reencarnação acontece durante uma sessão espírita que utiliza ensinamentos secretos dos antigos egípcios. Quando o tataravô, um mulherengo incorrigível, torna-se inconveniente mesmo no seio familiar, ele é despachado de volta ao Além através de um ritual de macumba.

Ainda que seja insensato classificar objetivamente como “de horror” uma comédia musical sem grandes pretensões dramáticas, *O jovem tataravô* traz, em sua narrativa, elementos claramente emprestados do cinema fantástico, demonstrando, acima de tudo, o reconhecimento de sua fonte de inspiração em filmes do gênero – em especial, *A múmia*, estrelado por Boris Karloff em 1932, no qual o ritual de reencarnação também surge como um segredo dominado pelos egípcios.

## Fantasmas do bem e do mal

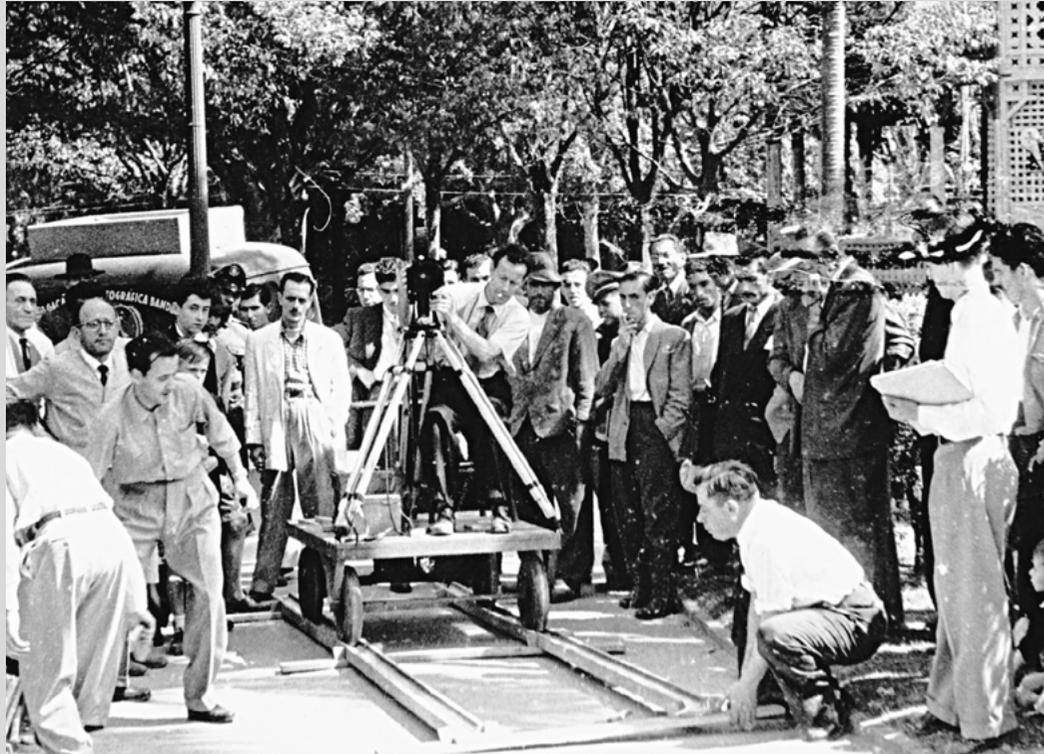
Dez anos se passaram até que outra realização nacional voltasse a flertar com assombrações, novamente em ritmo de comédia musical. A chanchada *Fantasma por acaso* (1946), produção da Atlântida estrelada por Oscarito e Grande Otelo e dirigida por Moacyr Fenelon, estava em sintonia com a tendência global do “horror” no período: a comédia romântica em torno de espectros bem-intencionados. Filmes como o americano *O fantasma apaixonado*, o francês *Sylvie e os fantasmas* e o argentino *Una mujer sin cabeza* são exemplos do estilo de horror lúdico e inofensivo da época. A Atlântida repetiria a recei-



Cena final da comédia musical *O jovem tataravô* (1936), na qual o mulherengo intruso é enviado de volta para o Além

ta, adicionando outros elementos fantásticos, em mais duas comédias: *Três vagabundos* (1952), com Oscarito e Grande Otelo, e *Os apavorados* (1962), com Oscarito e Vagareza.

Um tipo mais maléfico de assombração aparece como tema central de *Alameda da saudade, 113* (1951), de Carlos Ortiz, o primeiro exemplar de horror dramático feito no país. O filme, inspirado numa popular lenda urbana, acompanha o romance entre um rapaz e uma moça que se conhecem durante um baile de Carnaval. No dia seguinte, quando vai procurá-la no endereço indicado pela garota, ele descobre que ela está morta há dez anos. O toque de tragédia macabra fica por conta do revólver que o rapaz encontra junto ao túmulo de sua amada – um inequívoco convite para que o casal se reúna no Além.



Bastidores das filmagens de *Alameda da saudade, 113* (1951), realizado em locações no litoral paulista

A década de 1950 também ficou marcada pelo crescimento do cinema paulista, com as companhias Maristela, Multifilmes e, principalmente, Vera Cruz, sediada em São Bernardo do Campo, que tinha aspirações de realizar obras seguindo o modelo clássico hollywoodiano. Uma das vertentes exploradas por estes estúdios foi a das histórias de mistério e suspense, muitas vezes flertando com o sobrenatural, materializadas em sombrios melodramas femininos cujas narrativas se aproximavam do gótico. Os filmes *Caiçara* (1950), *Meu destino é pecar* (1952) e *Chamas no cafezal* (1954) são exemplares significativos desse filão, todos influenciados, de uma maneira ou outra, pelo clássico *Rebeca, a mulher inesquecível* (1940), de Alfred Hitchcock.

Este era o cenário do cinema brasileiro encontrado por José Mojica Marins ao anunciar *À meia-noite levarei sua alma*, produzido em 1963 e lançado no ano seguinte. O cinema de horror havia se internacionalizado, com muitos países, até então sem tradição no gênero, começando a investir nesse filão. A malvadeza sem rédeas de Zé do Caixão, um vilão ímpio, blasfemo, misógino e mau-caráter, estabelecia uma ponte entre o fetichismo necrófilo do espanhol Jesús Franco e a violência chocante do norte-americano Herschell Gordon Lewis, mesmo que Mojica não fizesse a mínima ideia de quem fossem esses sujeitos.

O sucesso do filme de Mojica motivou outros realizadores independentes a investir em seus próprios exemplares no gênero. Infelizmente, duas obras com possível potencial para hoje serem consideradas objetos de culto tornaram-se meras notas de rodapé na história do horror brasileiro. *Phobus, o ministro do diabo*, realizado em 1965 pelo mineiro Luiz Renato Bressia, é um filme sobre o líder de uma seita demoníaca que faz um pacto com o Diabo e torna-se imortal. Exibido em raríssimas ocasiões, chegou às telas somente na década seguinte e tornou-se uma obscuridade, sendo pouco provável que alguma cópia em película tenha sobrevivido. Por sua vez, *Zorga, o médico louco*, anunciado no Rio de Janeiro em 1963 pelo diretor César Galvão, sequer chegou a ser concluído; de fato, talvez jamais tenha ido além da fase de pré-produção. À estas duas curiosidades, podemos acrescentar *O homem lobo*, realizado em São Paulo por Raffaele Rossi em 1966 e lançado somente cinco anos depois. Apesar de carecer de maiores méritos artísticos, o filme ao menos atesta a existência de outros cineastas (além de Mojica) atentos às possibilidades do horror.

## Teratologia udigrúdi

O legado artístico de Mojica, com seu cinema agressivo, vigoroso e impetuoso, que desrespeitava regras cinematográficas simplesmente por ignorá-las, foi assimilado por uma nova geração de realizadores que surgia, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, em fins da década de 1960. Julio Bressane, Rogério Sganzerla, Elyseu Visconti Cavalleiro e outros baluartes do chamado “Cinema Marginal” tomaram as telas com obras experimentais e transgressoras como *Barão Olavo, o horrível*, *Copacabana mon amour* e *Os monstros de Babaloo*, todos de 1970. Em São Paulo, o próprio Mojica se uniria a Ozualdo Ribeiro Candeias e Luiz Sergio Person na antologia *Trilogia de terror* (1968). Ainda que não possam ser considerados propriamente do gênero “horror” – aliás, não se caracterizam por gênero algum – estes filmes se valem de signos e características do cinema macabro e místico para compor suas narrativas surreais. Uma década mais tarde, o carioca Ivan Cardoso combinaria a irreverência do Cinema Marginal à graça das chanchadas com seu estilo “**terrir**”, em obras como *O segredo da múmia* (1982) e *As sete vampiras* (1986).

O cinema de horror ganharia definitivamente as telas do mundo todo nos primeiros anos da década de 1970, impulsionado pelo êxito comercial de *O exorcista* (1973). O fenômeno repercutiria também no Brasil, em imitações diretas do diabo estrangeiro, como *Exorcismo negro* (1974) e *Seduzidas pelo Demônio* (1976), ou em obras originais, como *Enigma para demônios* (1975), de Carlos Hugo Christensen. O misticismo brasileiro, na mistura da tradição cristã com as crenças afro, da macumba, da umbanda, do candomblé e da quimbanda, seria uma fonte fértil para as investidas no horror. A sensualidade tipicamente tropical, inflamada por imagens de entidades sobrenaturais fascinantes, como lemanjá e lansã, resultaria em exemplares significativos, como *As noites de lemanjá* (1971), *Janaina, a virgem proibida* (1972) e *Belinda dos orixás na praia dos desejos* (1979), tornando o litoral brasileiro o cenário principal de grande parte dos filmes fantásticos nacionais.

A superstição, o misticismo e a religiosidade heterogênea do povo brasileiro, especialmente nas camadas sociais “mais baixas”, são perfeitamente exemplificados pelos filmes de Mazzaropi, o qual, mesmo não associado imediatamente ao horror, inseriu elementos fantásticos em pelo menos cinco de seus 32 longas-metragens: *O Lamparina* (1964), *O jeca macumbeiro* (1974), *Jéca contra o capeta* (1975), *Jecão... um fofoqueiro no Céu* (1977) e *O jeca e a égua milagrosa* (1980). À sua maneira simplória, o famoso comediante demonstra o quanto o sobrenatural está arraigado no imaginário popular, dando forma à máxima de se acender uma vela a Deus e outra ao Diabo. No extremo oposto, Walter Hugo Khouri mostrou o horror com nuances existenciais em obras indispensáveis e de conteúdo mais erudito, como *O anjo da noite* (1974) e *As filhas do fogo* (1978), corroborando a pluralidade do tema no cinema nacional.

## Tarados pelo horror

A partir da metade dos anos 1970, seguindo até meados da década seguinte, o núcleo de realização de filmes de horror no Brasil localizou-se na Boca do Lixo paulistana, em obras assinadas por cineastas como Fauzi Mansur, David Cardoso, Jean Garrett, John Doo, Antonio Meliande e outros. O elemento em comum da maioria absoluta desses filmes era o sexo, presente tanto nas comédias eróticas quanto nos policiais machistas, mas o horror também estava presente numa parcela significativa dessas películas.

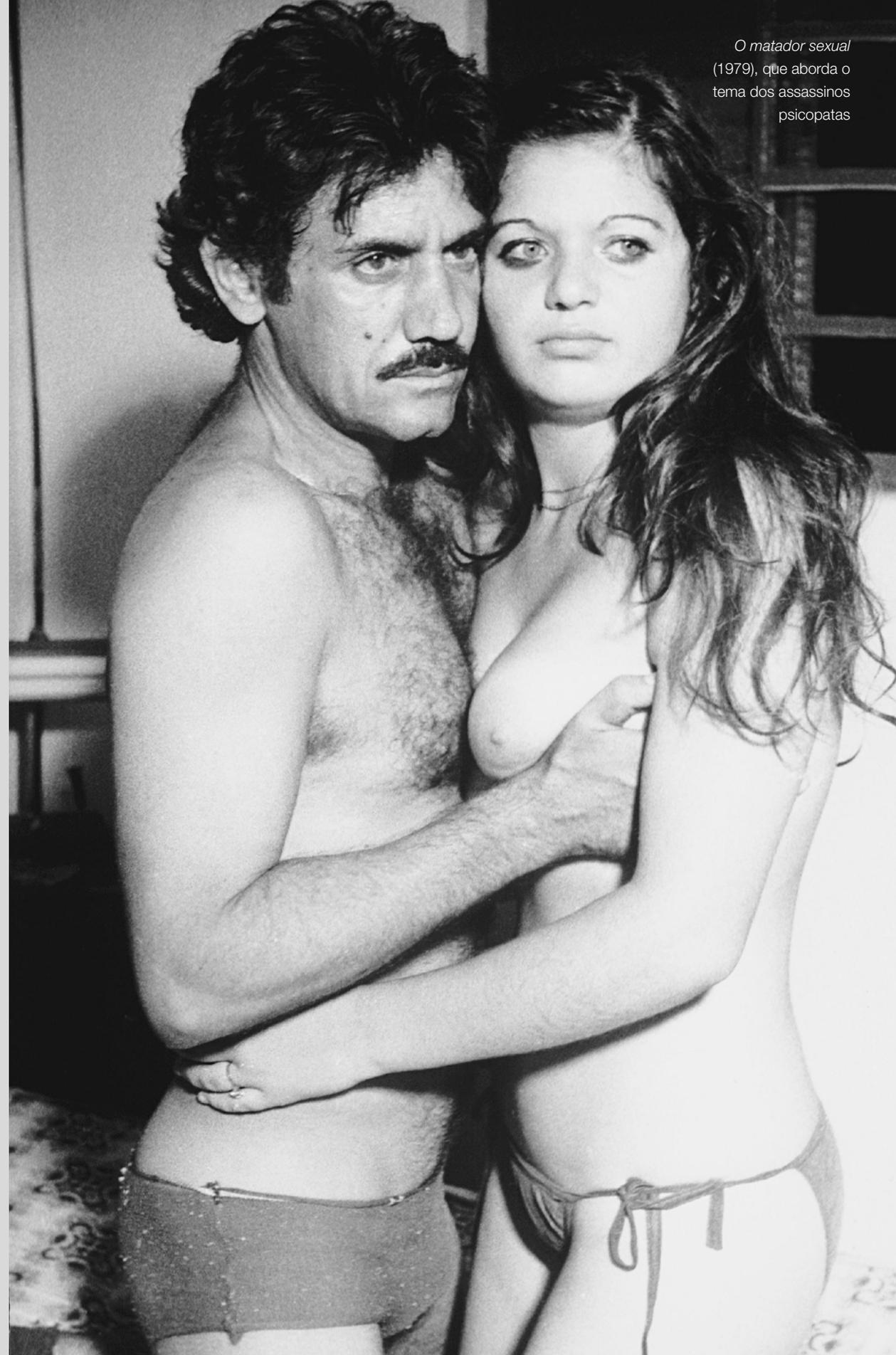
Filmes eróticos com títulos apelativos como *Excitação* (1977), *Perversão* (1979), *A noite das taras* (1980), *Delírios eróticos*, *Aqui, tarados*, *Pornô* (todos de 1981), *Banquete de taras* e *O castelo das taras* (ambos de 1982) surpreendem como exemplares interessantes do horror nacional (alguns deles de caráter impetuoso e transgressor), mas que não foram explorados pelos exibidores como obras ligadas ao cinema fantástico ou sobrenatural. Por outro lado, filmes na vertente dos maníacos homicidas não se mostram encabulados em anunciar em seus títulos a que vieram: *Amadas e violentadas* (1976), *O estripador de mulheres* (1978), *O matador sexual* (1979) e outros. O fim da censura e o estouro das produções pornográficas culminou no subgênero dos filmes de horror com cenas de sexo explícito, em exemplares como *As taras do mini vampiro* (1987) e *A menina do sexo diabólico* (1987).

O período marca também a única investida do cinema brasileiro no estilo **slasher**, o formato americano do filme de matança de adolescentes, popularizado pelos exemplares de séries como *Halloween* e *Sexta-feira 13*. O resultado foi *Shock* (1984), de Jair Correa, que se limita a copiar a receita importada. Francisco Cavalcanti também tentou pegar carona no êxito de fitas estrangeiras nas telas brasileiras com seu *A hora do medo* (1986), cujo título inspira-se em sucessos americanos como *A hora do espanto*, *A hora do pesadelo* e *A hora dos mortos-vivos*, todos muito populares na época.

A década de 1990 ficou marcada pela irrisória produção cinematográfica brasileira e pelo consequente desinteresse do mercado doméstico com relação ao produto nacional. Sem demanda local, Fauzi Mansur realizou duas produções de horror visando exclusivamente ao público norte-americano. *Satanic attraction* e *The ritual of death*, falados em inglês mas com elenco bem brasileiro, apresentam um nível de violência grotesca nunca visto em produções nacionais. O reaquecimento da produção, com a chamada “Retomada”, trouxe exemplares curiosos como *Olhos de Vampa* (1996), *Gêmeas* (1999) e *O xangô de Baker Street* (2001).

O filme de horror brasileiro ganhou novo impulso a partir do surgimento da tecnologia digital, que possibilita a realização de obras relativamente bem acabadas sem esbarrar nos custos proibitivos da película. A geração contemporânea de cineastas vinculados ao horror inclui o talento promissor de Rodrigo Aragão, de *Mangue negro*, lançado de maneira independente em 2008, fora do circuito convencional. Sua cultura fílmica, entretanto, não se baseia no que se fez anteriormente no Brasil dentro deste gênero, devido à ausência da tradição do horror no país. O modelo seguido é o de filmes estrangeiros, inspirado em realizadores como Sam Raimi e Peter Jackson. Mesmo assim, existe uma interessante pluralidade temática entre os novos realizadores: *O fim da picada* (2008), de Christian Saghaard, bebe na fonte dos marginais ao propor a reinvenção de nossos monstros; o experimental *FilmeFobia* (2009), de Kiko Goifman, propõe uma releitura existencialista dos “testes macabros”, e mesmo José Mojica Marins, voltando às telas com vigor renovado em *Encarnação do Demônio* (2008), adapta as torturas e castigos de Zé do Caixão ao radicalismo extremo de *Jogos mortais*, *O albergue* e derivados. Setenta anos depois de arriscar os primeiros sustos, e após décadas de flertes com o gênero, o cinema brasileiro parece, enfim, pronto a assumir, sem medo, sua vocação para o horror.

*O matador sexual*  
(1979), que aborda o  
tema dos assassinos  
psicopatas





## O JOVEM TATARAVÔ — 1936, RJ. P&B. 77 min.

Luiz de Barros

Em um leilão, Eduardo compra uma “caixa de segredos” que teria supostamente pertencido a Estácio de Sá, e que conteria antigos pergaminhos dos tempos de Ramsés II descrevendo uma fórmula mágica com poder de reanimar os mortos. Empolgado, ele realiza uma sessão espírita em que aplica os ensinamentos para invocar seu tataravô, Vítor Eulálio, morto há mais de cem anos. Este surge na penumbra da sala, para horror de todos, em carne e osso.

Em *O jovem tataravô* (1936), produção da Cinédia dirigida por Luiz de Barros, identificamos facilmente vários elementos do filme de horror: o velho pergaminho com fórmulas mágicas, o incauto que vai liberar forças extraordinárias, a sessão espírita, a conjuração dos mortos e a interferência do oculto na vida cotidiana. Mas o filme é uma comédia musical que utiliza o sobrenatural como tema. Apesar de ser uma obra pouco lembrada, é interessante ver como os paradigmas do horror se integram aos números musicais e às situações cômicas sobre as quais se desenvolve a narrativa, ficando por isso diluídos e desprovidos de sua função primordial: causar medo ou repulsa.

Como era de se esperar, a intromissão do espírito encarnado no cotidiano da família de Eduardo vai trazer problemas, ainda que o morto redivivo se comporte mais como brincalhão e mulhengo, ao contrário de uma entidade maléfica e destrutiva típica de uma obra de horror. Mesmo assim, torna-se imperativo ao tataraneto – em inspirada interpretação do comediante Darcy Cazarré – encontrar um meio de mandar de volta para o Além o tataravô inconveniente. Tarefa complicada, já que a fórmula para desencarná-lo foi destruída por sua filha, enamorada pelo espírito. Eduardo consulta, por fim, um pai de santo, numa cerimônia de macumba retratada de forma satírica, repleta dos preconceitos da época aos cultos de origem africana.

Produzido com esmero, é nítido em *O jovem tataravô* o conhecimento técnico apurado dos mecanismos do horror cinematográfico que se fazia então, notadamente nas produções da Universal. É patente nas sequências iniciais essa inspiração, no tratamento de imagens e no uso do claro-escuro, como se pode ver na sessão espírita. Mas o enfoque muda logo a seguir: o alto contraste dá lugar a tomadas mais atenuadas e uniformes, de acordo com os padrões das comédias musicais.



## FANTASMA POR ACASO — 1946, RJ. P&B. 104 min.

Moacyr Fenelon

A chance de ver Oscarito no papel de fantasma, fazendo *gags* com o mundo dos mortos, nessa versão brasileira de *Que espere o céu* (1941), de Alexander Hall, não é de se jogar fora. É promessa de morte feliz para os espectadores cardíacos. O pessoal vai morrer de rir. Para alguns, o filme se revelará um tédio, mas os fanáticos e maníacos por cinema brasileiro antigo não devem desprezar a oportunidade de conferir essa relíquia.

Especialistas afirmam que é o mais antigo longa-metragem preservado da Atlântida. O velho cinema brasileiro caminha mesmo para a morte, pois lembro de ter assistido, há pouco mais de uma década, outra “protochanchada” da Atlântida, ainda mais antiga que essa, chamada *Tristezas não pagam dívidas* (1944), e que já não existe mais. Morreu, coitada. Infelizmente, ninguém do outro mundo a mandou de volta para assombrar esses cinéfilos tarados que arrastam correntes atrás de filmes obscuros à procura de grandes revelações.

A história de *Tristezas não pagam dívidas* também tinha ligação direta com o Além, assim como *Fantasma por acaso*, mas nunca me ocorreu que ambas poderiam ser enquadradas como “cinema de horror”. Eram, sim, duas comédias. De um estilo muito comum, baseado num repertório de piadas que o cinema sempre gostou de explorar. O *jovem tataravô* (1936) e sua refilmagem *O pirata do outro mundo* (1957), ambos de Luiz de Barros, são outros dois bons exemplos desse tipo de comédia.



*Fantasma por acaso* passou muito tempo sem ser exibido. É um filme importante na história da Atlântida, produtora que é hoje reverenciada como a maior fábrica de comédias da história do cinema brasileiro. Marca a falência do modelo cooperativo e a saída de um dos fundadores da empresa, o diretor de *Fantasma por acaso*, Moacyr Fenelon.

Mas o negócio não estava perdido. Logo em seguida, a fórmula de *Fantasma por acaso* e a equipe do filme – principalmente Oscarito, em dupla com Grande Otelo, o argumentista e cenógrafo Cajado Filho e o montador Waldemar Noya – vão ser a chave para o sucesso da companhia.

Remier Lion

## VENENO — 1952, SP. P&B. 76 min.

Gianni Pons

Entre 1949 e 1954, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz produziu dezoito longas-metragens, entre eles uma história “intensamente dramática” que apresentava três “novas aquisições”: a atriz Leonora Amar, “brasileira internacionalmente conhecida por sua atuação no cinema mexicano”; o fotógrafo Edgar Brasil (Edgar Hauschildt, 1902-1954), “o maior iluminador do cinema nacional, responsável pela fotografia do legendário *Limite*”; e o diretor Gianni Pons (Giovanni Claudio Pons, 1909-1975), “internacionalmente conhecido” por filmes feitos na França e na Itália.

*Veneno* conta a história de Hugo (Anselmo Duarte), funcionário de uma indústria de vidros apaixonado por sua esposa Gina (Leonora Amar). Ele começa a ter pesadelos nos quais se vê matando Gina e sendo interrogado por um implacável delegado de polícia (Ziembinski). Sonho e realidade se confundem depois que o casal recebe em casa o mesmo delegado do sonho de Hugo.

Certa noite, ao ir a um restaurante com os colegas, Hugo se impressiona com a incrível semelhança da bela cantora Diana (também vivida por Leonora Amar, mas dublada por outra atriz, Cleyde Yáconis) com sua esposa. Ao retornar para casa, Hugo envenena Gina e abandona o corpo num banco de praça junto com o frasco de veneno, simulando suicídio.

Hugo convida Diana para morar com ele, fingindo que se trata de sua esposa, mas se torna cada vez mais violento, fazendo com que ela perceba a trama e o denuncie. Ao fugir da polícia, Hugo é atraído, próximo da linha ferroviária, por braços fantasmagóricos que ele acredita serem de Gina, e morre atropelado pelo trem.

“Melodrama expressionista” (Afrânio Catani), “melodrama de suspense policial” (Luiz Felipe Miranda) ou “policial **noir**” (Hernani Heffner), *Veneno* flerta com o horror por meio de elementos característicos do gênero, principalmente de suas vertentes expressionista e gótica: alucinações e premonições; a figura sinistra do duplo; a violência mórbida (imaginada e praticada); e a narrativa de mistério que se avizinha, em certos momentos, do fantástico.

Da premiada fotografia **noir**/expressionista de Edgar Brasil à *hitchcockiana* trilha de Enrico Simonetti (que segundo Cintia Onofre acentua a atmosfera de suspense pela repetição e circularidade do *leitmotiv*), tudo colabora para que este drama policial se aproxime do universo do horror.



Rogério Ferraraz

## O DESPERTAR DA BESTA — 1969-1983, SP. P&B/Cor. 91 min.

José Mojica Marins



Renomado psiquiatra participa de um programa de televisão no qual tenta justificar as experiências com LSD que realizou com quatro voluntários. O cineasta José Mojica Marins também está no debate, pois seu personagem Zé do Caixão foi escolhido pelos viciados como tema comum a todos eles para avaliar os efeitos alucinógenos da droga.

Depois de sacudir o marasmo do cinema brasileiro com as barbaridades de Zé do Caixão, irritando críticos e censores, José Mojica Ma-

rins empenhou-se em realizar seu filme mais poderoso. *Ritual dos sádicos*, depois transformado em *O despertar da besta*, pela primeira vez colocou em cena criador e criatura, confundindo o real e o imaginário. Metalinguístico, autoindulgente e impetuoso, o filme transforma *egotrip* em *bad trip*, empilhando episódios depravados e denunciando uma sociedade decadente em todas as suas classes.

Ao imputar à violência urbana cotidiana a inspiração de seus horrores, Mojica responde às acusações de seus detratores e traz à tona todo tipo de maldade humana, mesmo aquela que permanece adormecida no subconsciente do cidadão de bem. Mas não devemos nos iludir: ainda que se proponha a desvendar a origem do mal, é um filme que olha para o próprio umbigo. É, acima de tudo, uma obra sobre o processo da criação artística, indisciplinado e mutável, no qual o cinema destemido de Mojica não teme nem sequer os programas sensacionalistas que malhavam o cineasta na televisão. Antropofágico, genial e atemporal, pode ser visto como um filme-síntese dos princípios tropicalistas da época – propõe a fusão de todas as mídias – da TV às HQs; do teatro à música – e traz até uma marcha carnavalesca que fala de “Frankstem” [sic]. Fascinante e encantador em seus defeitos (basta uma cartolina com a palavra “contador” rabiscada para identificar um escritório de contabilidade), *O despertar da besta* retorna às telas em toda a sua glória, desta vez numa cópia restaurada pela Cinemateca Brasileira.

A suposta mensagem final – afrouxar a vigilância aos viciados e intensificar o combate aos traficantes – tenta demonstrar alguma preocupação social. Mas é improvável que alguém realmente se importe com isso. O recado subliminar é muito mais poderoso: quem precisa de tóxicos, quando estamos todos entorpecidos pelo poder avassalador de Zé do Caixão?

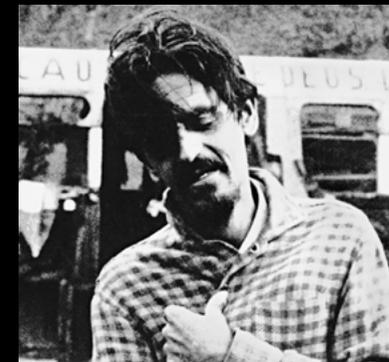
Carlos Primati

## O LOBISOMEM — 1972-1975, RJ. Cor. 75 min.

Elyseu Visconti Cavalleiro

Um homem excêntrico, que supostamente se transforma em lobisomem e ataca nas noites de sexta-feira, vive recluso em seu chalé numa floresta. O local é frequentado por algumas moças *hippies*, que são seduzidas e atacadas pelo monstro. Numa caverna próxima, Satanás surge nu e perambula pelas redondezas.

Dentre todos os monstros clássicos, o lobisomem é o que melhor foi assimilado pela cultura fílmica brasileira, talvez graças à sua selvageria primitiva, que tão facilmente incendeia a imaginação supersticiosa e faz brotar metáforas infundáveis. A criatura é tema do longa experimental *O lobisomem*, realizado por Elyseu Visconti Cavalleiro entre 1972 e 1974, no qual o licantropo ganha as feições de Wilson Grey, canhaque mefistofélico, além de revelar que tem centenas de anos e que ferveu em poço de enxofre. Paródico, inquieto e provocante (chegando à blasfêmia em alguns momentos), mostra um lobisomem que não fica peludo em noites de lua cheia e cujo aspecto sedutor – comicamente encarnado pelo típico malandro carioca – o aproxima do vampiresco Drácula.



Objetivamente, pouco acontece e nada se explica, mas o cinema de Cavalleiro é mesmo essencialmente imagético. Numa das primeiras tomadas, o lobisomem, mãos em garras, passa diante das janelas de um chalé, como um Nosferatu dos trópicos, o sol brilhando ao fundo no cenário verdejante. Assume desavergonhadamente o conceito de “onde se vê dia, veja-se noite”, desculpa filosófica inventada pelo colega Ivan Cardoso no média-metragem *Nosferato no Brasil* (1970).

Lobisomem udigrúdi, não precisa mostrar unhas de gavião, presas de cascavel e ódio no coração (como ele próprio se descreve) nem pilosidade lustrosa. Mais do que assustar, o monstro quer seduzir, preguiçosamente enroscando-se em moças atraentes no bosque, enquanto rola um rock delirante ao fundo – Jimi Hendrix, John Lennon e similares. Diferentemente de *Os monstros de Babaloo* (1970), o outro dos únicos dois longas de Cavalleiro – que pode ser lido como uma reinvenção tropical do controverso *Freaks* (1932), de Tod Browning, com elenco de grotescas aberrações humanas –, *O lobisomem* faz de Wilson Grey seu monstro-galã, da mesma maneira que há um fascínio decadente no Satanás encarnado por Paulo Villaça, cara de louco, se autossodomizando numa estalagmite no interior de uma gruta. Como diz, resignado, o lobisomem: “Pois é, amar foi minha ruína”.

Carlos Primati

## ENIGMA PARA DEMÔNIOS — 1975, RJ. Cor. 98 min. Carlos Hugo Christensen

Existem dois fatores fundamentais para a beleza rara de *Enigma para demônios*: a “Valse triste”, de Jean Sibelius, e a interessante utilização da atmosfera de Ouro Preto. Somente esses dois elementos fornecem o clima propício para a instalação do terror. Não aquele dos sustos e do sangue, mas um terror das sombras, do desconhecido e dos subterrâneos. A cidade mineira, palco importante do Brasil colônia, tem uma espécie de aura fantasmagórica, um peso histórico soturno, que a belíssima valsa de Sibelius evidencia.

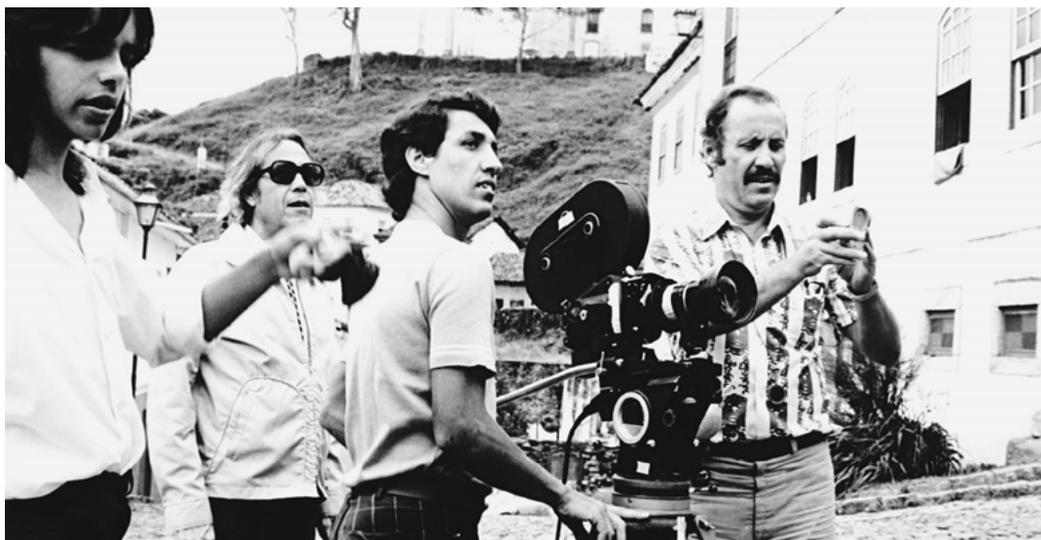
Christensen, diretor argentino de origem dinamarquesa radicado no Brasil, experimentava com gêneros. Passou por quase todos eles, da comédia picante ao policial, da crônica de costumes ao *western*. Mas foi feliz mesmo no terror, gênero no qual apostou algumas fichas, principalmente durante os anos 1970, talvez a fase mais interessante de sua carreira.

Com *Enigma para demônios*, atingiu um grau de cinema autorreferente que poucas vezes vimos no Brasil. O caldeirão é estimulante, mas não aprisiona o estilo. De Manoel de Oliveira, extrai o gosto pela penumbra, pelo mergulho nas trevas que podemos ver em *Benilde - A virgem mãe* (1975), e a religiosidade marcante de *Acto da primavera* (1962). É improvável que Christensen tenha visto *Benilde*, pois ambos são do mesmo ano. Mas a semelhança existe, e é um bom sinal de que bebiam, os dois diretores, nas mesmas fontes: Jean-Marie Straub e Ingmar Bergman. Oliveira, como um cineasta maior, ia fundo nessas referências e vislumbrava um outro caminho a partir delas. Christensen, artesão competente, ainda que deslumbrado, se servia com habilidade das águas densas dos mestres.

Subestimado por muitos críticos ainda hoje, *Enigma para demônios* revela um cuidado no olhar e na perseguição aos gestos e expressões dos atores, que aproximam Christensen de um cinema clássico e rigorosamente teatral. Ao mesmo tempo, com o uso radical do zoom – no que lembra Visconti, Rossellini, Antonioni e outros italianos – e da câmera inclinada que o cinema japonês usou como ninguém – vide Kinoshita e Imamura –, criticava o classicismo de dentro.

Um deslumbramento com o cinema moderno que arrisca, mas não perde, a atmosfera do filme. No cinema atual, é muito difícil que alguém encare de frente esse risco. Mas Christensen abriu-se completamente à possibilidade do erro, e isso lhe conferiu vitalidade inegável.

Sérgio Alpendre



## A MULHER DO DESEJO (A CASA DAS SOMBRAS) — 1975, RJ. Cor. 81 min. Carlos Hugo Christensen



Um filme de forte acento gótico ambientado em Ouro Preto, Minas Gerais. Assim pode ser brevemente definido o belo filme de Carlos Hugo Christensen, protagonizado por José Mayer e Vera Fajardo. A estrutura do roteiro lembra a de várias narrativas góticas. Um casal herda uma casa, além da fortuna do tio do marido, com a condição de que devem viver na mansão. Aos poucos o marido passa a adquirir os traços da personalidade do parente morto, ao mesmo tempo em que descobre que sua mulher é idêntica a uma antiga paixão não correspondida do tio, que cometeu suicídio.

Além da figura de um sinistro mordomo, o filme ainda apresenta atmosferas sombrias que reforçam a presença sobrenatural do morto e a ação dessa força sobre a própria casa. O filme reporta-se à trama de *Drácula*, e também apresenta belas cenas de sexo, fotografadas com requinte, mostrando os amantes suspensos por seu desejo e a presença cada vez maior do espírito se apossando do corpo jovem do sobrinho, para poder consumir a paixão platônica da juventude, tragicamente interrompida.

José Mayer interpreta os dois papéis. A orquídea que parece eternamente bela e viva representa a força da obsessão do tio e a representação do amor eterno que rompe os limites da morte. Sem grandes efeitos, o filme consegue manter a atenção do espectador presa até o final, mesmo com a trama cada vez mais encapsulada dentro da velha e sombria casa.

A sequência em que o padre é violentamente agredido pelo possesso personagem de Mayer é de grande força. Com poucos personagens e um único cenário principal, o filme se mantém firme graças à direção precisa de Christensen e ao casal de protagonistas.

Um filme clássico, tanto do ponto de vista formal, quanto em sua leitura do universo gótico. A sequência na qual a casa parece criar vida é muito criativa e eficiente e reforça uma ameaçadora frase do sinistro mordomo, que diz que uma casa “aceita” ou não seus donos.

Marcelo Carrard

## PECADO NA SACRISTIA — 1975, RJ. Cor. 84 min.

Miguel H. Borges

Quando *Pecado na sacristia* estreou (em 1975), o cinema brasileiro atravessava um de seus momentos favoráveis: o número de salas de exibição era quase o triplo do que é hoje, e ainda sobreviviam as da periferia, com seus ingressos mais baratos. As comédias eróticas dominavam o mercado, e os diretores Braz Chediak, Jean Garrett, Alberto Pieralisi, Ody Fraga e Sílvio de Abreu disputavam as maiores bilheteiras com os veteranos Mazzaropi e J. B. Tanko (*Os Trapalhões*). Era um cinema vulgar, porém popular.



Entre os campeões daquele ano, apenas *Guerra conjugal*, de Joaquim Pedro de Andrade, e *O casal*, de Daniel Filho, se dirigiam ao público mais sofisticado.

Miguel Borges surgiu no Cinema Novo em 1962, num dos episódios de *Cinco vezes favela*. Logo se afastou do movimento, preferindo abordar o submundo carioca em *A canalha em crise*, *Perpétuo contra o esquadrão da morte*, *As escandalosas*, *O último malandro* e *O caso Cláudia*. Alguns desses filmes foram sucesso de crítica ou de público. Borges não dirige desde 1980. Seu cinema pode ser voluntariamente cafajeste, mas sempre será antenado. Sim, porque Miguel Borges é um autor, mesmo quando trabalha dentro do esquema comercial. E este filme, obra intelectual que corteja o popular, é uma excelente prova disso.

*Pecado na sacristia* é considerado pela maioria o seu melhor filme. Uma incursão às origens nordestinas, já que o cineasta nasceu no Piauí. Também uma volta às suas raízes cinematográficas, pois é o que ele fez de mais parecido com o Cinema Novo. Lá estão os planos-sequência, os planos gerais, a câmera na mão, a interpretação exacerbada, a ausência do plano/contraplano, as elipses e as alegorias.

“Faço questão de não assustar ninguém”, disse Miguel Borges na época. E não assusta mesmo, pois a trama é picaresca, próxima da literatura de cordel. Não é difícil para os bem informados detectar reflexos de *O auto da compadecida* (a peça de Ariano Suassuna) ou de *Macunaíma* (o filme de Joaquim Pedro de Andrade). Mas, no final, predomina a originalidade de um mundo fantástico, entre Ariano Suassuna e Glauber Rocha.

A contribuição de *Pecado na sacristia* para o sobrenatural no cinema brasileiro é a inclusão de entidades do folclore nacional, como a mula-sem-cabeça e a mãe-d’água, distantes da Transilvânia e da palidez dos personagens góticos importados. Uma possibilidade artística muito promissora, mas que, hoje, tantos anos depois, ainda permanece quase inexplorada. Infelizmente.

João Carlos Rodrigues

## EXCITAÇÃO — 1977, SP. Cor. 87 min.

Jean Garrett

*Excitação*, dirigido por Jean Garrett, com roteiro deste e de Ody Fraga e fotografia de Carlos Reichenbach, mescla características do *thriller* psicológico, da ficção científica e do horror. Renato (Flávio Galvão) é um engenheiro eletrônico que quer se livrar da mulher, Helena (Kate Hansen). Ele pretende ficar com Arlete, sua amante e viúva de Paulo, seu ex-sócio numa empresa de computação. Para enlouquecer Helena, Renato conta com um computador que liga, desliga e movimenta os eletrodomésticos de casa.

A imagem de uma mulher atacada por eletrodomésticos que ganham vida é familiar à ficção científica, como em *A geração de Proteus* (1977), dirigido por Donald Cammell, no qual um supercomputador assume o comando de uma casa informatizada. Outra referência ao imaginário da ficção científica é a ocupação do próprio Renato, engenheiro afinado por cibernética, uma derivação do tradicional cientista frio, calculista e diabólico. Segundo Renato, “a eletrônica hoje pode tudo, o bem e o mal”, inclusive se passar por mágica, o que faz lembrar Arthur C. Clarke, para quem a tecnologia avançada pareceria mágica ao espectador desavisado.



Materialista convicto, o vilão não contava que o sobrenatural interviesse e sua mulher Helena acabasse servindo ao plano de vingança do espírito de Paulo. O filme oscila entre o fantástico, o policial e a ficção científica, comportando características dos três gêneros: a alma penada, o crime perfeito e a parafernália cibernética.

O final, no entanto, reforça a proeminência do fantástico ou de um horror de inspiração expressionista, com alucinações e objetos que ganham vida, antecipando o *Poltergeist* (1982), de Tobe Hooper. Este horror tecnológico evoluiria, posteriormente, para o cinema de David Cronenberg (*Videodrome*, 1982), Shinya Tsukamoto (*Tetsuo*, 1989) e Hideo Nakata (*Ringu*, 1998).

A câmera de Reichenbach, por vezes instável e claustrofóbica, enquadra personagens através de janelas e escotilhas, contribuindo decisivamente para o clima de alucinação e suspense. Curioso notar como a trilha de tensão assemelha-se ao ruído do aparelho de rastreamento da série *Alien*, iniciada em 1979. *Excitação* também transpira uma certa moralidade católica ou espiritualista, e nisso antecipa outro suspense sobrenatural, *Revelação* (2000), de Robert Zemeckis, em que também o marido peca e acaba punido, mas é sua mulher quem sofre.

Alfredo Suppia

## O ESTRIPADOR DE MULHERES — 1978, SP. Cor. 94 min.

Juan Bajon

Esse curioso filme policial brasileiro é um de nossos raros exemplares de um popular subgênero do horror cinematográfico: os filmes de *serial killers*. No papel de um misterioso assassino de mulheres, aparece o ator Ewerton de Castro, que tenta, durante todo o filme, imitar o protagonista de *M: O vampiro de Düsseldorf*, de Fritz Lang, vestido sempre de preto e portando uma valise.

A primeira vítima a aparecer no filme é uma mulher despejada da pensão onde mora. Em uma rua escura, ela é perseguida e imobilizada pelo assassino, que faz dois cortes em sua barriga, no formato de uma cruz. O espectador descobre posteriormente que o tal estripador retirava as vísceras de suas vítimas, mas devido à rígida censura da época esse detalhe **gore** do filme foi cortado da tela.

Essa primeira vítima acaba vinculando ao crime seu antigo amante, que abate bois em um matadouro e, por ser um homem rude e violento, acaba se tornando o principal suspeito das mortes das mulheres que se sucedem.

Uma série de dementes se apresenta como o assassino, mas na delegacia onde tudo ocorre se destacam a presença de uma velha que denuncia um vizinho supostamente comunista, numa corajosa referência ao regime militar então ainda em vigor no Brasil, e a aparição em cena de um bizarro “místico” que afirma saber quem é o assassino, e que este pretende fazer uma cruz de cinco pontas com cinco cadáveres de mulheres.

Bajon surpreende em uma sequência onde os rostos dos acusadores aparecem envoltos pela escuridão e com uma iluminação expressionista de suas faces, remetendo a um clássico maneirismo de Mario Bava que parece criar retratos suspensos na escuridão.

A sequência do assassinato no açougue é genial, dispensa palavras, e com uma montagem precisa é um dos grandes momentos do filme, ao lado de outra cena de homicídio em um elevador. Outro grande momento do filme mostra o estripador vestindo uma máscara cirúrgica, dissecando um gato anestesiado anteriormente.

*O estripador de mulheres* também é conhecido com o título de *O assassino da noite*. Este filme policial brasileiro reserva boas surpresas para os cinéfilos mais atentos e menos preconceituosos. Vale conferir.

Marcelo Carrard



## A FORÇA DOS SENTIDOS — 1979, SP. Cor. 100 min.

Jean Garrett

A imagem de um entardecer apresenta os créditos iniciais do filme, para em seguida sermos lançados em uma espécie de umbral, onde figuras fantasmagóricas se movem em um cenário de sombras e opacidade de teias de aranha.

O que vemos nessa abertura de *A força dos sentidos* é o lamento de um homem que já não suporta ver um cadáver cujo rosto ele nunca enxerga, e que é trazido todas as noites por um pescador. Imobilizado, preso nesse umbral, o que surge em seguida é a história desse homem: Flávio, um escritor que chega a uma ilha para buscar inspiração para sua nova obra.



Com belos movimentos de câmera, vemos o encontro de Flávio com a misteriosa Pérola, interpretada por Aldine Muller, uma jovem surda e muda que se torna uma obsessão para Flávio. A atmosfera de mistério e ambiguidade ganha cada vez mais intensidade quando o escritor passa a interagir com os outros habitantes da ilha, seres de comportamento estranho que parecem viver um caso de dupla personalidade. Durante o dia são calorosos e amistosos, e durante a noite, frios e misteriosos. As mulheres se entregam a Flávio com uma volúpia fora do comum.

Destaque absoluto para uma sequência em que a ótima direção de fotografia de Carlos Reichenbach cria uma composição de uma mulher transando com Flávio, na qual ela está sobre ele, com uma lua cheia no mesmo enquadramento, lembrando muito uma composição de HQ e remetendo diretamente a uma sequência de *Dellamorte dellamore*, de Michele Soavi, em que um casal transa sob um túmulo.

O amanhecer traz uma espécie de amnésia para todos, que nunca se lembram o que aconteceu na noite anterior, principalmente as mulheres que transam com Flávio. A descoberta de um pacto de morte entre um casal que viveu antigamente na ilha reforça todo o clima mórbido e surreal que a introdução do filme já anuncia. A recriação de temas clássicos das narrativas góticas é muito bem trabalhada no roteiro.

Existe o tema do amor além da vida, da necrofilia, das heroínas ambíguas, das imagens fantasmagóricas e da eterna condução do protagonista até o abismo por sua amada morta, que retorna do Além. No papel de Flávio, o escritor/narrador do filme, o ator Paulo Ramos. Do elenco feminino se destaca, além de Aldine Muller, atrizes conhecidas como Elizabeth Hartmann.

Marcelo Carrard

**O PASTELEIRO** – Episódio de *Aqui, tarados!*  
1981, SP. Cor. 38 min.  
David Cardoso

**O GAFANHOTO** – Episódio de *Pornô*  
1981, SP. Cor. 38 min.  
John Doo

**SOLO DE VIOLINO** – Episódio de *A noite das taras nº 2*  
1983, SP. Cor. 44 min.  
Ody Fraga

A Dacar, companhia de David Cardoso, destacou-se pelo apuro técnico e apelo comercial de suas produções. Especializada em filmes divididos em episódios, foi responsável por três verdadeiros exercícios de horror escritos pelo prolífico Ody Fraga, que demonstra grande familiaridade com o gênero.

“O pasteleiro”, de *Aqui, tarados!*, é um surpreendente ensaio que penetra na intimidade de um assassino serial, tema pouco explorado em nossa filmografia. Dirigido por Cardoso, traz John Doo como o recatado pasteleiro que utiliza uma receita singular nos pastéis: a carne das prostitutas que leva para casa. Excepcional tecnicamente, é um autêntico **splatter**, com seqüências de necrofilia, desmembramentos e canibalismo. Essas cenas extremas permanecem vigorosas também no contexto do “sangue e tripas” internacional. A construção do jogo de gato e rato entre pasteleiro e prostituta (interpretada por Alvimar Taddei) é primorosa, com diálogos afiados que preparam o espectador para o inevitável e sangrento clímax.

“O gafanhoto”, presente em *Pornô*, com direção de John Doo, é um conto de fadas de horror com trama requintada e narrativa onírica. A cega Diana (Zélia Diniz) mora numa mansão onde mantém Marcos (Arthur Roveder) como escravo sexual. Ela cria uma ponte entre seu universo de trevas e o mundo ao seu redor, controlando o amante através de espelhos. Mais do que substitutos dos seus olhos, eles são janelas de sua alma. Espalhados pela casa, os espelhos tornam a feiticeira Diana onisciente de todos os atos do prisioneiro. O encontro de Marcos com um gafanhoto, porém, faz desmoronar esse universo de forma trágica e violenta.



“Solo de violino”, dirigido por Ody Fraga para *A noite das taras nº 2*, retoma o tema do morticínio em série com maior aprofundamento na psique dos personagens e na intensidade dramática. Tem como base a difícil relação entre mãe dominadora (Wanda Kosmo) e filho submisso (Ênio Gonçalves). Ela não aceita que o rapaz siga a carreira de

violinista, a mesma do falecido marido, tornando a vida dele um inferno do qual não consegue se libertar. Édipo mal resolvido, o filho perambula pela noite levando para a cama e assassinando compulsivamente prostitutas que remetem à sua mãe. Horror psicológico bem estruturado, fotografado em tons escuros que acentuam a densidade da trama.

Lúcio Reis

**A REENCARNAÇÃO DO SEXO** – 1981, SP. Cor. 85 min.  
Luiz Castillini



Em isolada casa de campo, pai enciumado descobre que a filha Patrícia mantém relações com o empregado Artur. Ele mata o rapaz a machadadas e o enterra na floresta. Induzida pelo fantasma do amante, a jovem descobre a cova e corta a cabeça do cadáver, que guarda em um vaso de antúrios. Posteriormente, a família se desintegra, com as mortes de Patrícia, por desgosto, e da mãe, pelo excesso de bebida, e a internação do pai num sanatório. Dez anos depois a casa é alugada. Assim começa *A reencarnação do sexo*, interessante aproximação do cinema brasileiro a um tema recorrente na filmografia do horror: as histórias de fantasmas.

O enredo se desenvolve a partir da interferência do sobrenatural no cotidiano dos novos moradores e no desfecho trágico de suas vidas. Todos sentem na carne a influência dos fantasmas do casal – convertidos com exagero em entidades diabólicas –, que os levam ao sexo desenfreado e ao assassinato. Os espíritos de Artur e Patrícia (de forma semelhante aos do jardineiro Quint e da governanta Jessel de *A volta do parafuso*, de Henry James) buscam através da possessão um lampejo da corporalidade perdida. Mas parecem refletir a culpa pelos atos que levaram ao seu triste fim: a expiação pela entrega aos desejos, isto é, ao sexo proibido.

Esse caráter perverso e destrutivo que reveste as ousadas, e quase explícitas, seqüências expressa a ambiguidade dessas produções que tratam o sexo de modo negativo, ao mesmo tempo em que se sustentam na sua exploração como chamariz mercadológico.

Levando em conta a modéstia da produção, a fragilidade da trama e o caráter apelativo das cenas de sexo, o filme escrito e dirigido por Luiz Castillini, inspirado em conto do *Decameron*, consegue estabelecer relação estreita com o universo do horror, marcado no filme por assombrações e possessões. Para tanto, contribui a caracterização assustadora de Patrícia Scalvi e a fotografia de Cláudio Portioli, responsável pelo ambiente de fantasmagoria consistente, com seus claros-escuros.

A atmosfera é prejudicada por recursos equivocados, que causam tropeços narrativos e embaraços, como a voz em *off* de Artur incluída à revelia do diretor, os efeitos especiais canhestros – em especial a planta se mexendo – e as cenas de sexo longas demais, que resultam em quebras constantes na evolução do suspense.



Lúcio Reis

## O SEGREDO DA MÚMIA — 1982, RJ. Cor/P&B. 81 min.

Ivan Cardoso

O que faz uma múmia viva no Brasil? Além de trazer surpresa geral, causa o espanto por algo terrivelmente fora do lugar que reivindica seu espaço, perturbando casais em motéis e tirando a paz das pessoas.

Ivan Cardoso realiza, com *O segredo da múmia*, uma verdadeira ode à invenção cinematográfica. O assunto é cinema, sem deixar de lado a diversão, com humor e frases lapidares. A trama reatualiza clichês clássicos, com um sabor tropical. É a inauguração do **terror**, gênero do qual Ivan se tornou mestre.

Há no filme interpretações memoráveis. Wilson Grey como professor Expedito Vitus, que vive entre o sonho da fama e as experiências visionárias – herdeiras daquelas empreendidas pelo professor Oãxiac Odez no clássico episódio *Ideologia*, de José Mojica Marins.

Felipe Falcão, no papel do ajudante-geral Igor, é uma espécie de Stroheim fiel e alucinado. A cena da operação de Igor, com a cabeça desenhada, sob o olhar curioso de Rodolfo (Júlio Medaglia), é um momento de glória do deboche na invenção.

A dupla Regina Casé e Evandro Mesquita, saídos do grupo de teatro Asdrubal Trouxe o Trombone, e Clarice Piovesan, como Gilda, fazem um leve contraponto àqueles personagens. E no meio de tudo está o trágico farol Runamb (Anselmo Vasconcellos).



A trilha sonora de Medaglia, premiada em vários festivais, é um capítulo especial. Uma verdadeira aula sobre a música na história do cinema, mais do que pontuar ou criar climas, ajuda a embaralhar o épico com a farsa. Até a dublagem dos atores está ali para se fazer notar. E não faltam cenas de dunas e cavalos num areal da Barra da Tijuca.

No cinema brasileiro, o jogo de recriações e referências presentes em *O segredo da múmia* só encontra paralelo em alcance com *O Bandido da Luz Vermelha*. O universo do filme B os aproxima, e Sganzerla foi buscar o tema nas notícias de jornal, enquanto Cardoso recorreu aos pergaminhos de Runamb para mostrar o Brasil e o cinema.

A ideia de filmar as aventuras de uma múmia no Brasil – sugestão do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro – acompanhava o diretor desde 1972, quando tentou realizar *A múmia volta a atacar*, e depois, em 1977, com *O lago maldito*, que serviu de base para *O segredo*.

“Contra a cópia mimeográfica, a invenção mumiógrafa”, sentenciou o mestre Jairo Ferreira, para quem o verdadeiro segredo da múmia estava em seu andar sincopado. Um andar incômodo, desconcertando o presente.

Alessandro Gamo

## SHOCK — 1984, SP. Cor. 78 min.

Jair Correia

Jovens isolados num local distante, onde não podem receber ajuda dos adultos? Confere. Sexo, drogas e *rock-and-roll*? Confere. Um assassino misterioso, cujo rosto nunca é mostrado? Confere. Personagens estereotipados? Também confere.

Sendo assim, estamos diante de mais um autêntico **slasher movie** – um subgênero do horror/suspense em que incansáveis assassinos psicopatas, normalmente mascarados, perseguem jovens com os hormônios em ebulição. A diferença é que *Shock* não foi produzido nos Estados Unidos, pátria de *slashers* populares como *Halloween* (1978) e *Sexta-feira 13* (1980), mas sim no Brasil, tornando-se uma das poucas contribuições nacionais a esse subgênero.

*Shock* foi escrito e dirigido por Jair Correia, então com 27 anos. É o seu terceiro e último filme, e, apesar das semelhanças com as produções estrangeiras, Jair garantiu não ter visto qualquer uma delas à época.

No filme, seis jovens (interpretados por Elias Andreato, Kiko Guerra, Taumaturgo Ferreira, Cláudia Alencar, Mayara Magri e Aldine Muller) são perseguidos por um misterioso assassino após um show de rock num lugar ermo.

Do vilão, só vemos as mãos e os pés. Ele calça coturnos, fato que leva a um criativo final-surpresa. Também dá margem para diferentes interpretações. Segundo o diretor-roteirista, é uma alegoria: “Metaforicamente, o assassino é o próprio Sistema – a polícia, a política, o Exército, as forças de aniquilamento social, sejam elas quais forem”, explicou em entrevista a mim concedida em 2006.

Em comparação aos *slashers* importados, o filme é interessante por subverter alguns clichês típicos. A mocinha virgem e inocente interpretada por Mayara Magri, por exemplo, é uma das primeiras a morrer, ao contrário do que acontece nas moralistas produções estrangeiras (nas quais fazer sexo é um sinônimo de morte).



Além disso, os adolescentes brasileiros parecem muito mais inteligentes, pois preferem ficar todos juntos trancados num quarto ao invés de se separar o tempo todo para virarem vítimas fáceis. O próprio matador é uma figura mais humana e menos sobrenatural, que aparece assobiando, comendo, fumando e até tocando bateria para torturar as vítimas aprisionadas.

Hoje, alguns diálogos soam involuntariamente cômicos (“Essa casa tem um astral ruim”), e muitas situações já não surpreendem como na época. Mas a montagem é dinâmica e o esmero visual sobressai nas cenas das mortes, todas em câmera lenta – uma delas “iluminada” por uma luz estroboscópica, que parece estender o tormento da pobre vítima. E há belos momentos para os fãs do gênero, como a cena do rato (real) apunhalado pelo assassino ou a revelação do que aconteceu a um dos jovens que fugiu para buscar ajuda.

Felipe M. Guerra

**AS SETE VAMPIRAS** — 1986, RJ. Cor/P&B. 90 min.  
Ivan Cardoso

Após a estreia em longas com *O segredo da múmia*, que promoveu a apropriação e popularização de um subgênero já existente, o **terrir** – terror para rir, ou comédia para assustar? – Ivan Cardoso retorna, depois de quatro anos, com *As sete vampiras*. O filme é uma história vertiginosa que congrega plantas carnívoras, assassino serial e vampirismo, com o desfile habitual de beldades nuas tão a gosto do diretor.

Porém, *As sete vampiras* não deu tão certo quanto *O segredo da múmia*, porque Ivan Cardoso resolveu colocar o escracho acima do referencial, e assim, quando o referencial aparece, está enfraquecido pelas camadas exageradas de desleixo estético disfarçado. Ora, o cinema do diretor é essencialmente referencial. Não faz sentido avacalhar tanto, a não ser que se consiga algo realmente bombástico. Não é o caso.

O que outros cineastas que se identificavam com o udigrúdi conseguiam – aquela anarquia que não deixava de ser cinema, uma liberdade invejável de estilo em contato com almas vivamente transgressoras – na obra do diretor de *Nosferato no Brasil* se encerra sob uma ótica que favorece muito mais a pornochanchada rala do que a crítica. Quando falo crítica, não falo da crítica propriamente dita, o ofício de escrever sobre filmes com “paixão e lucidez”, segundo Jean Douchet, mas tão somente da crítica enquanto cinema referencial, o eterno colocar em crise de procedimentos que se repetem e ameaçam paralisar a grande arte. O que os melhores cineastas ditos marginais faziam muito bem. Quando digo pornochanchada, penso naquela que se satisfaz em repetir comodamente as regras do gênero, sem choque ou ameaça de ruptura – o que às vezes é mais interessante do que a ruptura em si.

Em retrospecto, é como se *O segredo da múmia* fosse feito como crítica ao *As sete vampiras*. Mas no sentido cronológico do tempo, o segundo não funciona, de jeito nenhum, como antítese possível do primeiro. Por que isso acontece? Principalmente porque um dinamita o outro. Melhor dizendo, o que está realizado em *O segredo da múmia* praticamente anula *As sete*

*vampiras* de saída, sobrando apenas, neste último, algumas piscadelas para o Cinema Marginal, para a pornochanchada, para diversos subgêneros do horror, e até para os Trapalhões, na presença curiosa de Dedé Santana. Há um equívoco de registro, uma falta de foco, uma carência de unidade que até permite que Ivan Cardoso exercite tanto o humor quanto o terror, mas não é consistente em nenhuma das vertentes. Um tiro no pé fácil de se ver, com momentos inspirados perdidos pelo miolo, mas ainda assim, um tiro no pé.

Sérgio Alpendre



**RITUAL MACABRO /**  
**THE RITUAL OF DEATH** — 1991, SP. Cor. 84 min.  
Fauzi Mansur

Alucinação, sexo, sociedades primitivas e zumbis canibais. Mais uma vez, a origem de todo o mal emana de um único livro. E do maldito teatro, claro. Fauzi Mansur profana antigas culturas, seus totens e tabus, para nos presentear com mais essa pérola do cinema brasileiro que, para horror dos estudiosos mais tacanhos da matéria, é falada em inglês. Deve ser por isso que eles ainda não entenderam porque obras como essa, e não outras, são tão fundamentais para se discutir seriamente as principais questões do cinema brasileiro.



Quem quiser pensar o cinema de gênero que era feito no Brasil em termos de “qualidade” (o que é isso?) vai se dar mal e perder o que ele tem de melhor. Mas não quero dizer com isso que *The ritual of death* seja um filme **trash**, pelo menos não no mesmo sentido que um *Seduzidas pelo demônio* ou um *Bonecas diabólicas*, duas obras-primas dignas de antologia. Filmando dentro das limitações impostas por uma produção que se pode chamar de “classe B”, Fauzi apresenta um filme muito bem realizado, quase americano mesmo, sem tempos mortos (só mortos-vivos) e com uma São Paulo de filme inglês surpreendente, de tirar o chapéu.

Destaque para a fotografia de Antonio Meliande, em total harmonia com a direção de arte de Leo de Leoni e Fausto Paez e com os sensacionais efeitos especiais de Vagner dos Santos. A montagem também não deixa a peteca cair. O filme segura e diverte o espectador, e não deixa de ser incompreensível o fato de não ter se tornado um clássico das madrugadas – ou mesmo das sessões da tarde – nos canais de TV.

Fauzi Mansur é um dos principais nomes do bom e velho cinema que era praticado na rua do Triunfo e arredores, verdadeira antítese do cinema hoje teorizado nos cursos universitários, contemplado pelos editais públicos e pelos departamentos de marketing das estatais que financiam a “Retomada”.

Quando o pornô invadiu as salas de cinema de São Paulo para minar a verdadeira *bollywood* paulistana (não essa da Vila Clementino), o diretor e produtor aderiu ao gênero como quase todo mundo. Mas, no final dos anos 1980, quando a coisa realmente ficou preta, Fauzi não ficou choramingando como a maioria de seus colegas, deu a volta por cima e realizou uma pequena série de fitas de terror, todas em inglês e com olhos voltados para o mercado externo.

Parece que a estratégia funcionou, mas os filmes permanecem praticamente inéditos no Brasil. *The Mouth of Trash is on the screen! Screams, bastard!*

Remier Lion

## OLHOS DE VAMPA — 1996, SP. Cor. 74 min.

Walter Rogério

A melhor maneira de apreciar *Olhos de Vampa* é não levá-lo a sério. Com diálogos e interpretações que parecem idealizados por um calouro de faculdade, o longa empolga como uma sátira ao modelo de cinema paulistano dos anos 1980: filmagens nas ruas de Pinheiros (bairro tradicional de classe média), liberdade para o sotaque, ar nostálgico e decadente; flertando também com o **terrir** de Ivan Cardoso, sobretudo na metade final.

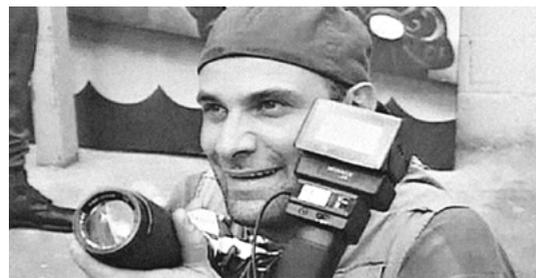
A história pode ser resumida em poucas palavras, e já se revela uma zombaria só. Policiais paulistanos saem no encalço de um assassino-vampiro, que suga o sangue das vítimas – mulheres jovens de corpo bonito – mordendo uma de suas nádegas.

É curioso ver atores como Antônio Abugamra e Marco Ricca dizendo bobagens homéricas. Abugamra, como o delegado, tem a primazia: “Não foi roubo, não foi vingança e não foi sexo”, dando a deixa para o policial, um canastrão inacreditável, completar: “É um vampiro”. Mais adiante: “Nós diremos que nosso principal suspeito é o passador de fumo”. E depois: “Se vocês notarem um homem com esse tipo perseguindo um traseiro bem feito, vão atrás, pode ser o nosso homem”. A última: “Nós temos que pegá-lo no ato, com a boca na botija”, despertando gargalhadas dos policiais. Isso tudo com apenas dez minutos de filme, um aperitivo do que vem em seguida.

Joel Barcellos, ator importante do cinema brasileiro, presente em filmes como *A agonia*, de Julio Bressane, e *Rio Babilônia*, de Neville D’Almeida, é o suspeito de ser o Vampa. Sua interpretação soturna, silenciosa, e o andar de Nosferatu contribuem para o interesse dessa narrativa tortuosa e atabalhoada, mas não destituída de certo charme ingênuo.



Walter Rogério, o diretor, tem uma das carreiras mais injustiçadas do cinema. Não há um verbete para ele na *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, de Fernão Ramos e Luiz Felipe Miranda. No entanto, sua estreia em longa-metragem foi com um filme bem interessante, chamado *Beijo 1348/72*, uma crítica à burocracia que emperra nossa cultura. *Olhos de Vampa* é seu segundo longa. Como montador, trabalhou no transgressor *Hitler III Mundo*, de José Agripino de Paula, filme de 1968, deflagrador de uma nova tendência que ficaria conhecida como “marginal”, para desespero de muitos e facilidade de outros. Sua carreira mais prolífica se deu como editor de som, trabalhando em diversos filmes entre 1978 e 1994. Como diretor, merece maior reconhecimento.



Sérgio Alpendre

## UM LOBISOMEM NA AMAZÔNIA — 2005, RJ. Cor. 75 min.

Ivan Cardoso

A dificuldade que o cinema brasileiro de hoje tem para absorver cineastas como Ivan Cardoso indica uma estrutura obsoleta. Após uma década de glória, Ivan foi tragado pelo buraco negro provocado pelo fim da Embrafilme, e penou até conseguir realizar *Um lobisOMEM na Amazônia*. Acabou caindo nas garras do produtor Diler Trindade

O filme diverte, mas não se compara aos outros títulos dirigidos e produzidos pelo cineasta. A saga de *Um lobisOMEM na Amazônia* começou quando Ivan Cardoso ganhou um raro exemplar de *A Amazônia misteriosa* (1926), obra obscura da literatura fantástica infanto-juvenil, de autoria do médico sanitarista brasileiro Gastão Cruls.

A ideia era ter um ponto de partida para recriar o clima dos filmes de aventura na selva que a Universal rodou no Brasil nos anos 1950, como *Curucu, beast of the amazon* (1956) e *Love slaves of the amazons* (1957), ambos dirigidos por Curt Siodmak. Até então, nem sombra do homem-lobo rondava o projeto, a não ser uma pequena coincidência: o alemão Curt Siodmak é também roteirista do clássico *O lobisOMEM* (1941), e foi quem definiu o personagem – no filme interpretado por Lon Chaney Jr. – como nós o conhecemos hoje.

Na época, porém, Ivan só pensava na chance que teria de importar diretamente de *As amazonas na lua* (1987), outro de seus filmes favoritos, as mulheres-guerreiras do título. Esta paródia em episódios, codirigida por John Landis e Joe Dante, atualiza para a grade de programação da TV a ideia de sessão de cinema que Ivan parodiava nos super-8 da década de 1970. Discípulos de Roger Corman, tanto Landis quanto Dante fazem um cinema que tem parentesco com o de Ivan Cardoso. E, curiosamente, foram Dante, com *Grito de horror*, e Landis, com *Um lobisOMEM americano em Londres*, ambos de 1981, os responsáveis pelo *revival* do lobisOMEM nos anos 1980. Mas a criatura só entrou mesmo para a Amazônia de Ivan quando, num festival internacional de horror, o cineasta conheceu o veterano ator, produtor e diretor espanhol Jacinto Molina, mais conhecido como Paul Naschy.

Naschy encarnou “el hombre lobo” em mais de uma dezena de longas-metragens, e foi atraído pelas coincidências entre a história original de Cruls e o clássico *A ilha do dr. Moreau*, de H.G. Wells, cujo personagem principal sonhava interpretar. A sintonia entre Ivan e Naschy em *Um lobisOMEM na Amazônia* foi perfeita, e o ator bota o filme inteiro no bolso.

Por último, coincidência ou não, qual o primeiro filme de horror brasileiro realizado depois das fitas de Zé do Caixão dirigidas por Mojica? Nas minhas contas é *O homem lobo* (1971), de Raffaele Rossi, a primeira versão brasileira para o mito de Curt Siodmak...



Remier Lion

**MANGUE NEGRO** — 2008, ES. Cor. 104 min.

Rodrigo Aragão

Luiz, um simplório morador do mangue, finalmente cria coragem para se declarar a Rachel, a moça mais bonita do lugar. Porém, defuntos voltam à vida e infernizam os poucos habitantes da região, forçando o adiamento do romance do casal.

O filme de zumbi, não é exagero afirmar, é o subgênero por excelência do horror cinematográfico. Representado pela imagem do cadáver humano que se recusa a permanecer morto, teve seu cânone criado e desenvolvido a partir de *A noite dos mortos-vivos* (1968), do norte-americano George A. Romero. Filmes sobre o tema costumam ser o vestibular de muitos realizadores estreados vinculados ao horror, talvez porque seja irresistível a ideia de que a morte não é o fim – ou porque o personagem de um zumbi raramente exija aprofundamento psicológico ou talento dramático por parte do ator que o interpreta: basta parecer morto e ameaçador.

*Mangue negro* marca a auspiciosa estreia em longa-metragem do capixaba Rodrigo Aragão, cuja experiência prévia fora o curta *Chupa cabras* (2007). Realizado em esquema comunitário ao longo de quase três anos, ao custo aproximado de R\$ 50 mil (cerca de 25 mil dólares), *Mangue negro* tem como cenário um agonizante manguezal no Espírito Santo, onde a pesca de caranguejos, ostras e peixes está cada vez mais escassa. A narrativa se inspira claramente em modelos estrangeiros do horror, especialmente em filmes como *A morte do demônio*, de Sam Raimi, e *Fome animal*, de Peter Jackson, apesar de a temática ser local, bem brasileira.



O talento de Aragão brilha mais intensamente nas cenas dos ataques de zumbis, com efeitos de maquiagem em estilo **gore** e impressionantes modelos animatrônicos. Também é necessário destacar o papel da Preta Velha, personagem que representa o espírito do mangue e sua sabedoria onisciente em todo o seu misticismo. *Mangue negro* é o testemunho pulsante do filme que cresceu e ganhou vida própria, alheio às vontades do próprio criador. É o filme da mocinha que se recusou a morrer no final; após anos de gravações, das crianças que pediram para ser zumbis; dos mortos-vivos que desistiram na etapa final de gravação, exaustos de tantas sessões de maquiagem e litros de sangue cênico. Com tudo isso, o filme tem uma atmosfera de estranha doçura, talvez por mostrar que, mesmo num cenário literalmente apodrecido, ainda existe espaço para o amor puro e sincero – mesmo que em meio a tripas e sangue.

Carlos Primati

**O FIM DA PICADA** — 2008, SP. Cor/P&B. 80 min.

Christian Saghaard

“O que está acima é como o que está abaixo.” Sabe-se lá o que isso quer dizer exatamente, mas deve ser verdade. É um dos bordões psicodélicos de *O fim da picada*, filme muito louco dirigido por Christian Saghaard. Tirem as crianças da sala.

Quando o pessoal do Cinema Novo resolveu amaldiçoar o udigrúdi, acabou atirando no próprio pé. Criou um mito. Uma lenda. Uma subcultura. Uma seita. E, óbvio, uma terrível maldição. A interdição atraiu legiões de fanáticos e psicóticos de diferentes gerações. E o primeiro cinema de Rogério Sganzerla, Julio Bressane e Ivan Cardoso continua sendo, principalmente para os mais desajustados, um grito contra “tudo que está aí”.



O outro lado terá que continuar formando professores, distribuindo prêmios e bolsas de estudo. O título deste filme de Saghaard aponta com ironia para onde o cinema brasileiro conseguiu chegar e revela um humor quase subliminar do diretor. Entre os vários subgrupos que, há décadas, se revezam na impossível tarefa de decifrar, recriar e atualizar o espólio marginal, existe uma facção de cineastas que misturou sua fixação por essa zona anteriormente proibida do cinema brasileiro com uma iconografia diabólica que fez muito sucesso entre a molecada nos anos 1980.

São os filhos metaleiros de Ivan Cardoso! Christian é próximo geracionalmente desse grupo, mas tem uma intenção autoral que o leva na direção de Bressane. Com a crise nas infinitas Terras, não sei como essas influências vão se recriar daqui para frente. Devem se diluir totalmente. Mas *O fim da picada* ainda é um verdadeiro relicário do gênero, com participações ilustres – o próprio Ivan, Carlos Reichenbach e José Mojica Marins – e uma sincera “antologia” de expedientes lisérgicos.

Sacrifícios, viagem no tempo, uma mulher-diabo que queima fumo, Mickey Mouse, túneis, viadutos, grafites, invasões, um moleque viajando de cola, uma sequência de *fumerie*, carne crua, o saci, *hip-hop* e uma burguesa histórica que perde a cabeça e se transforma em zumbi. Não há dúvidas, o Inferno é mesmo aqui.

Remier Lion

**A MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA** — 1964, SP. P&B. 81 min.

**ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADÁVER** — 1967, SP. P&B/Cor. 107 min.

**ENCARNAÇÃO DO DEMÔNIO** — 2008, SP. Cor/P&B. 94 min.

**José Mojica Marins**



*Esta noite encarnarei no teu cadáver*

no de viver num mundo dominado pela força, pelo egoísmo, pela mentira, pela hipocrisia, pela mistificação e pelos preconceitos. É um cinema em que o horror brota para purgar, para transfigurar uma existência totalmente familiar, e que vai contra um discurso oficial, aquele discurso reproduzido nos valores da boa conduta “de classe” e nos meios de comunicação. Pode ser um cinema direcionado politicamente (anarquizante no caso de Carpenter; declaradamente esquerdista no caso de Dante), mas é acima de tudo um cinema que parece dizer um “não” primal, estridente e sarcástico, quase pré-político (se isso fosse possível), para um estado de coisas insuportável.

Observemos a trilogia de José Mojica Marins, iniciada nos anos 1960 e finalizada mais de quarenta anos depois, em 2008.

O universo da ficção é o do mundo mezinho assim como o conhecemos, povoado por pessoas crédulas, hipócritas, supersticiosas, comportando-se como ovelhas no rebanho. Em uma palavra, o mundo da resignação. Contra esse estado de fato surge Zé do Caixão, o homem da revolta, o coveiro que não crê nos valores habituais, o materialista que não teme assombração, que zomba de suas vítimas porque elas, até o último instante, apostam no Deus intervencionista e não em suas próprias condições para se salvar. É importante notar como Mojica faz questão de inserir nos filmes desta trilogia as instâncias de poder: há o coronel em *Esta noite encarnarei no teu cadáver*; há a polícia que se arroga poderes sobre vida e morte em *Encarnação do Demônio*. Não à toa, os filmes evocam duas figuras horripilantes e tristemente verdadeiras da sociedade brasileira. Uma delas, nos anos 1960, é o líder político local que legisla, julga e executa segundo sua própria lei; outra, contemporânea, é a polícia que, à maneira dos esquadrões da morte, chacina crianças achando que faz o bem à sociedade. Estamos realmente falando de um cinema de fantasia?

Quando o assunto é filmes de terror, o primeiro ímpeto é considerá-lo um gênero fantasioso, desapegado das amarras da vida real, um universo inteiramente organizado para a adesão inconsequente de um espectador bitolado (ao menos é o estereótipo que as pessoas “sérias” têm do gênero). Em todo caso, excluindo o juízo moralizante da frase final, muitos filmes – e alguns grandes entre eles – se enquadram perfeitamente no modelo. Outros realizadores – podemos pensar em George Romero, John Carpenter, Wes Craven, Joe Dante e nosso José Mojica Marins – não poderiam estar mais longe desse paradigma estereotipado.

O horror que esses cineastas elaboram está intimamente ligado não ao horror da imaginação, mas ao horror cotidia-

O cinema de José Mojica Marins e o horror que dele nasce são de natureza icônica. Não é questão de suspense. Não sentimos o menor medo pela antecipação do horror que está por vir (armas de mestres como Tourneur e Hitchcock). O horror surge pelas próprias situações, sejam elas as heresias e blasfêmias desferidas por Zé do Caixão em sua cruzada contra as superstições religiosas do populacho (o que, francamente, deve ter levantado mais sobrancelhas nos anos 1960 do que hoje, céticos que somos); ou pelas situações-limite de contato físico com animais repugnantes, aranhas, baratas, cobras, ratos, ou com o quase equivalente desses bichos, aqueles que infligem dor, agulhas, pedras colossais, machadinhas, dedos nos olhos, ou simplesmente pelo toque embrutecido do serviçal Bruno. Não é um horror metafísico – é um horror absolutamente físico. E o fato de que Zé do Caixão se veja nos três filmes assombrado por imagens absurdas de culpa e ressentimento só mostra que até o mais materialista daquelas redondezas ainda tem uma consciência inteiramente regida pela imaginação e pela culpa. Prova de que o enraizamento das tradições ainda é muito, muito mais forte do que supomos.



*À meia-noite levarei sua alma*

*À meia-noite levarei sua alma*, *Esta noite encarnarei no teu cadáver* e *Encarnação do Demônio* certamente compõem a parte mais mitológica (se é esse mesmo o termo) da carreira de José Mojica Marins, ainda que não seja o que de mais inventivo o cineasta fez (nesse quesito, *O despertar da besta* e *Finis Hominis* levam o cetro de rei e príncipe, respectivamente). Mas são as mais perfeitas radiografias – ainda que ligeiramente exageradas e convertidas em uma filosofia de lunático – da revolta contra o conformismo reinante, uma lógica que diz que se deve obedecer aos poderes religiosos, aos poderes políticos, ao poderes da força. São ficções apropriadamente ancoradas ao imaginário brasileiro dos últimos quarenta anos.

Ruy Gardnier



*Encarnação do Demônio*

# O MANÍACO DO PARQUE – 2002-2009, SP. Cor. 74 min.

Alex Prado

Um dos casos policiais mais marcantes no imaginário popular brasileiro recente, os crimes cometidos pelo homem que ficou conhecido como Maníaco do Parque ocorreram em fins dos anos 1990 e ganharam destaque na mídia: uma série de estupros e assassinatos ocorridos no Parque do Estado, em São Paulo. Seguindo uma tradição no cinema, a história de Francisco de Assis Pereira saiu das páginas policiais para as telas neste filme de Alex Prado. Trata-se do retorno ao cinema do veterano diretor, associado a produções da Boca de Cinema de São Paulo, com predileção pelos *westerns*, como *Gregório 38*, *Sangue em Santa Maria*, e policiais como *Fuga das mulheres desesperadas*.



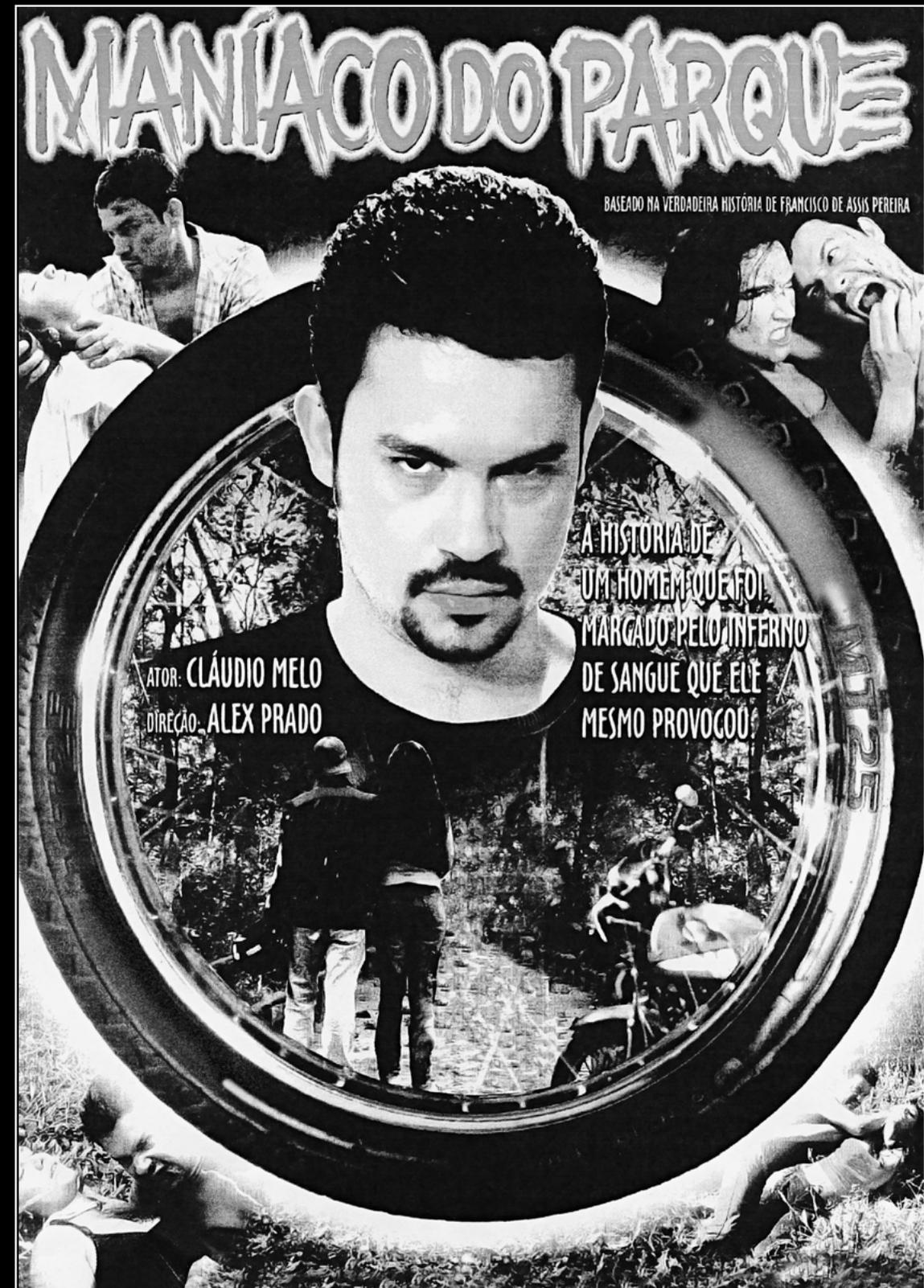
Produzido em 2002, o filme foi concluído em 2009. A partir da história real e da história contada a Alex Prado pelo próprio Maníaco, enquanto preso, o filme apresenta justificativas para as ações do assassino: infortúnios que Francisco viveu entre a infância e a adolescência. O preconceito social, experimentado quando criança, o assédio sexual de uma vizinha e de um patrão, um acidente de bicicleta no qual um pedaço de madeira entrou em sua cabeça e que teria deixado sequelas – entre elas, a inclinação à violência gratuita –, além de desilusões amorosas.

Para completar o drama, o personagem tem seu pênis arrancado por uma ninfomaníaca em companhia de um certo Zé Pelintra, num cemitério, entre oferendas de feitiçaria, o que rende ao Francisco do filme, além do problema físico, uma assombração. A partir daí, um ser bestial, dotado de cornos, passa a atormentá-lo durante suas ações maníacas.

Assim, parece até compreensível quando Francisco diz que irá se vingar de todas as mulheres e parte para a ação. Surpreende a facilidade com que o personagem convence suas vítimas para uma sessão de fotos de moda no meio da mata. O que à primeira vista poderia ser visto apenas como simplismo do filme era, na verdade, característica real do Maníaco, isto é, perceber um ponto fraco nas vítimas – e elas realmente caíam na história.

A sucessão de mortes, se por um lado chama a atenção pela busca da crueza e do realismo, por outro se torna cansativa e longa, entremeada de modo confuso pela ação de outro motoqueiro maníaco, que estuproava no mesmo parque. É perceptível que alguns problemas próprios da precária construção do filme tenham redundado na dificuldade para o seu lançamento comercial. Mas merece destaque ainda a correta trilha sonora, realizada pelo maestro Gebara, e a inserção desta obra de Alex Prado numa tradição de filmes brasileiros sobre casos policiais de destaque na mídia, no mesmo rol de *O crime da mala*, *Ato de violência* e *Bandido da Luz Vermelha*.

Alessandro Gamo



# GLOSSÁRIO

**GORE.** Traduzido literalmente do inglês significa “sangue coagulado”, mais especificamente o que escorre em ferimentos. O termo se tornou descritivo para filmes de horror que enfatizam o aspecto violento e sanguinolento das cenas de agressão física, com mutilação, evisceração e esquartejamento. O cineasta norte-americano Herschell Gordon Lewis ficou conhecido como “padrinho do gore” a partir do início da década de 1960, quando lançou filmes ultrajantes e violentos como *Blood feast* (1963), *Two thousands maniacs!* (1964), *Color me blood red* (1965) e *The gore gore girls* (1972). O termo se refere ao elemento sangrento desses filmes, cujo estilo passou a ser denominado *splatter* a partir do final dos anos 1970.

**MONDO.** O termo (“mundo”, em italiano) surgiu a partir do surpreendente sucesso internacional do documentário sensacionalista *Mundo cão* (1962), o qual explora aspectos extravagantes, chocantes e apelativos em regiões selvagens, principalmente crueldade com animais, bizarros rituais de iniciação e acidentes fatais. O êxito comercial originou uma onda de filmes, muitos deles com material forjado, mas apresentando-se como documentários autênticos. A produção brasileiro-alemã *Feitiço do Amazonas* (1955), de Zygmunt Sulistrowski, é considerada precursora deste subgênero, lançada sete anos antes da primeira realização italiana feita neste estilo.

**NOIR.** O termo “film noir” (“filme negro”, em francês) foi cunhado pelo crítico Nino Frank para definir o aspecto sombrio de muitas produções norte-americanas das décadas de 1940 e 1950, em especial filmes policiais e de suspense, além de algumas fitas de horror (o ciclo produzido por Val Lewton para a RKO, por exemplo). O estilo, caracterizado pela fotografia com forte contraste de claro-escuro e por narrativas de densa atmosfera psicológica, personagens amorais e desfecho trágico, é notadamente presente nas produções do cinema industrial paulista da década de 1950, em obras como *Veneno* (1952), *Luz apagada* (1953), *Estranho encontro* (1958) e *Ravina* (1959).

**SLASHER.** Subgênero dos filmes de horror que tem como característica a presença central de um assassino psicótico. Geralmente disfarçado por uma máscara e cuja verdadeira identidade é desconhecida, ele persegue e mata inesperadamente suas vítimas de maneira explícita e violenta, quase sempre utilizando armas cortantes (o termo, em inglês, significa “cortar”, “fatiar”). O filão teve início com o inesperado sucesso comercial de *Halloween, a noite do terror* (1978), cuja fórmula foi sistematicamente copiada por diversas outras produções populares durante as décadas de 1980 e 1990, como *Sexta-feira 13*, *Acampamento sinistro* e a trilogia *Pânico*.

**SNUFF.** Subgênero do cinema de horror cujos filmes supostamente apresentam cenas verídicas de assassinato diante das câmeras, registradas de maneira clandestina. O termo foi criado pelo escritor *beat* Ed Sanders, em 1971, para descrever os míticos filmes que membros da “família” de Charles Manson teriam realizado enquanto cometiam assassinatos. Nunca foi comprovada a existência de tais filmes, mas tornou-se uma subcategoria do horror, explorado em forma de ficção. Um dos exemplares mais conhecidos é a pobre realização argentina *Snuff* (1976), que causou controvérsia na mídia e serviu de inspiração para a criação do brasileiro *Vítimas do prazer: snuff* (1977), de Cláudio Cunha.

**SPLATTER.** Estilo de horror cinematográfico que enfatiza as cenas de violência explícita, com representação gráfica e grotesca de eviscerações, desmembramentos e jorros de sangue, investindo principalmente nos efeitos especiais e de maquiagem para causar choque e repulsa. O termo – que significa “esguichador” (de sangue) em inglês – foi utilizado pela primeira vez pelo diretor George A. Romero para definir seu *Zombie: despertar dos mortos* (1978). Em seguida, foi adotado pelo crítico John McCarthy. A palavra logo passou a ser utilizada para descrever os filmes mais sanguinolentos feitos a partir dos anos 1980, alguns chegando a exageros paródicos (como *Fome animal*).

**TERRIR.** Termo adotado pelo cineasta carioca Ivan Cardoso para definir seu estilo narrativo, marcado pela mescla de elementos de horror e comédia (“terror” + “rir” = “terrir”), mais especificamente os clássicos filmes de monstros e as chanchadas musicais. Alguns dos filmes mais populares de Cardoso neste estilo são *Nosferato no Brasil* (1970), *O segredo da múmia* (1982) e *As sete vampiras* (1986). Mas obras de outros cineastas também costumam ser descritas como “terrir”, por exemplo, *Olhos de Vampa* (1996), de Walter Rogério, e até mesmo algumas das extravagâncias experimentais do Cinema Marginal.

**TRASH.** Terminologia pejorativa (“lixo”, em inglês) utilizada para descrever obras cinematográficas que, de tão mal feitas tecnicamente, tornam-se risíveis para a plateia, que costuma se interessar por tais filmes apenas para rir de seus defeitos. O americano Edward D. Wood Jr. costuma ter seus filmes de horror e ficção científica assim classificados, como *Plano 9 do espaço exterior* (1959), eleito o pior filme de todos os tempos. Existe também o *trash* intencional, exemplificado pelas obras transgressoras e ultrajantes do diretor John Waters (*Mundo trashed*, *Pink flamingos*, *Polyester*), da produtora Troma (*The toxic avenger*, *Terror firmier*) e do videomaker catarinense Petter Baiestorf (*Criaturas hediondas*, *Zombio*).



# PANORAMA DO HORROR NO CINEMA BRASILEIRO

Carlos Primati

Esta filmografia compila 144 longas profissionais brasileiros que contêm elementos identificados com o horror, independentemente de classificação de gênero (drama, comédia, musical, romance, policial etc.). A filmografia a seguir não pretende ser completa, mas procura compilar o maior número possível de filmes brasileiros que mantenham diálogo com o gênero do horror. A dificuldade em rastrear essa produção de longas-metragens se deve à inexistência de dados sistemáticos e à falta de registros confiáveis e em bom estado. Este panorama lista os trabalhos mais importantes realizados nesta temática. A elaboração da filmografia contou com a colaboração do editor do livro e de sua equipe, o que contribuiu para decidir pela inserção destes filmes na seção, objetivando aperfeiçoar as informações aqui disponíveis.

A lista inclui coproduções internacionais realizadas no país em parceria entre companhias brasileiras e estrangeiras. Não foram considerados os filmes estrangeiros dirigidos por cineastas brasileiros, mas é interessante mencionar a produção inglesa *Dead of night* (*Na solidão da noite*), de 1945, uma antologia de episódios cuja melhor história foi dirigida pelo carioca Alberto Cavalcanti, e o recente *The morgue* (*Cadáveres 2*), de 2008, codirigido em Hollywood pelo cearense Halder Gomes e pelo carioca Gerson Sanginitto.

Vale citar também *Demoni 3* (*Noite infernal*), mais conhecido como *Black demons*, filme italiano – falado em inglês – realizado em 1991 no Rio de Janeiro, dirigido por Umberto Lenzi com elenco internacional e coadjuvantes brasileiros. Repleto de elementos preconceituosos e ofensivos, é curioso por mostrar a visão estrangeira acerca da macumba, mostrando um ritual com todos os seus elementos pitorescos. A premissa poderia render um bom exemplar de horror, sobre seis escravos cegos, enforcados há cerca de um século, que ressuscitam por meio de rituais de macumba, tornando-se zumbis que buscam vingança contra os homens brancos; mas redundando num filme apenas mediano.

O horror não é novidade na cinematografia nacional. É provável que elementos de horror já se mostrassem presentes em narrativas ficcionais brasileiras nos tempos do Cinema Mudo. A pouca documentação disponível sobre os primórdios do cinema nacional inclui informações fragmentadas de filmes – hoje considerados completamente perdidos – que possivelmente dialogavam com o macabro, o sobrenatural e o fantástico. Obras como *O diabo* (1908), inspirado nos curtas fantásticos de Georges Méliès, e *Le film du diable* (1917), cujas poucas informações a respeito de seu conteúdo são contraditórias, têm títulos inegavelmente sugestivos, mas pouco se sabe a respeito deles além disso.

Na mesma época, a dramatização em filme de violentos crimes verídicos também originou exemplares contendo elementos que, mais tarde, seriam identificados com o horror. Películas criminais como *Os estranguladores*, *O crime da mala* e *A mala sinistra*, todos de 1908, fizeram muito sucesso na época, inspirados diretamente na agitada crônica policial. O filão rendeu inúmeros exemplares, todos com sessões concorridas e polêmicas, com títulos como *O crime dos Banhados* (1914), *O crime de Cravinhos* (1920) e *O crime da mala* (1928), este último com duas versões no mesmo ano, tratando de outro assassinato, sem relação com o filme de vinte anos antes. Décadas mais tarde, casos similares serviriam de tema para filmes sensacionalistas vinculados à linguagem própria do horror, como *O estripador de mulheres* (1978) e *O Maníaco do Parque* (2002).

Ainda no período mudo, chamam a atenção informações de obras como *A feiticeira da rua da moeda* (1930), produção recifense que talvez não tenha sido concluída, e *O mistério do dominó preto* (1931), história criminal que teria sido o primeiro filme brasileiro dirigido por uma mulher, Cléo de Verberena. Estes se juntam a um punhado de títulos que caíram no esquecimento e se tornaram meros vultos numa filmografia que talvez jamais seja devidamente decifrada.

Por último, é importante salientar que não foram consideradas, para a compilação deste panorama, a significativa produção de vídeos de horror amadores. Essa vertente surgiu em meados da década de 1980, com o advento do padrão de vídeo VHS, e continua crescendo, agora em formato digital, democratizando a feitura de obras de ficção, inclusive longas-metragens. Enquanto que o formato vídeo é meramente um detalhe decorrente da restrição orçamentária em filmes como *Mangue negro* e *Morgue story*, essa mesma tecnologia – de fácil acesso – é a ferramenta que possibilita a concretização de projetos de muitos realizadores amadores.

É virtualmente impossível fazer um levantamento completo das realizações desse tipo, muitas das quais jamais romperam os limites de um fechado círculo de amigos, sem possibilidades para exibição em cinema ou mesmo distribuição em vídeo. Porém, alguns nomes merecem destaque por terem superado tais obstáculos. O catarinense Petter Baiestorf conquistou um impressionante séquito de admiradores por meio de filmes ofensivos e transgressores, que se assumem de mau gosto, inspirando-se nos filmes da produtora norte-americana Troma e em cineastas como John Waters, combinando horror, violência, sexo e música barulhenta (sempre em doses extremas). Dentro do gênero horror, o prolífico Baiestorf realizou filmes como *Criaturas hediondas* (1993), *Eles comem sua carne* (1996), *Raiva* (2001) e *Arrombada: vou mijar na porra do seu túmulo!!!* (2007), entre outros.

Também surgido no sul, mais precisamente no interior gaúcho, Felipe M. Guerra apresenta uma curiosa mescla de horror com comédia, em filmes longos como *Entre em pânico ao saber o que vocês fizeram na sexta-feira 13 do verão passado* (2001) e *Canibais & solidão* (2006), os quais assumem a estética do *trash* e demonstram incondicional paixão pelo gênero. Tal sentimento – não é exagero afirmar – quase sempre é o que move esses novos realizadores amadores, dentre os quais também se destaca o brasiliense Tiago Belotti. Seu primeiro trabalho é *A capital dos mortos: o começo do fim* (2008), que conta com breves aparições de José Mojica Marins e do falecido Afonso Brazza. Ignorando as óbvias limitações técnicas e orçamentárias, o filme ousa narrar um épico apocalíptico de zumbis, cuja continuação já foi anunciada.

Pertencentes a um nicho criado graças aos próprios esforços, esses realizadores amadores talvez jamais consigam graduar-se ao escalão de cineastas profissionais. Entretanto, à sua maneira, representam o sangue novo no filme brasileiro de horror, mantendo vivo um gênero que ainda não criou tradição em nosso cenário.

**P** • Companhia Produtora

**F** • Fotografia

**T** • Trilha Sonora

**D** • Direção

**M** • Montagem

**E** • Elenco

**R** • Roteiro

## O JOVEM TATARAVÔ

1936, RJ. P&B. 77 min.

**P** • Produções Cinédia **D** • Luiz de Barros **R** • Gilberto de Andrade e Luiz de Barros **F** • Edgar Brasil e Luiz de Barros **M** • Rui Costa e Luiz de Barros **T** • Gaó Gurgel **E** • Marcel Klass, Darcy Cazarré, Marcelino Teixeira, Alfredo Silva, Carlos Frias.

Um homem ressuscita o tataravô usando fórmula secreta para reanimar espíritos, adquirida do túmulo do faraó egípcio Ramsés II. Conquistador e mulherego, o jovem tataravô logo começa a flertar com as moças da casa, causando muita confusão. Comédia de costumes com sessão espírita, macumba, humor ingênuo e alguma picardia.

## FANTASMA POR ACASO

1946, RJ. P&B. 104 min.

**P** • Atlântida Cinematográfica **D** • Moacyr Fenelon **R** • Moacyr Fenelon, José Cajado Filho e Paulo Wanderley **F** • Edgar Brasil **M** • Waldemar Noya e Moacyr Fenelon **T** • Gaó Gurgel, Ary Barroso e Ernesto Nazareth **E** • Oscarito, Grande Otelo, Mário Brasiní, Mary Gonçalves, Renata Fronzi.

Um faxineiro que trabalha em prédio de escritórios morre atropelado e vai parar no Céu, onde se encontra com o espírito do pai do seu patrão. Ele recebe a oportunidade de voltar à terra para ajudar seu chefe, envolvido em confusões amorosas. Comédia fantástica com números musicais e romance.

## CAIÇARA

1950, SP. P&B. 91 min.

**P** • Companhia Cinematográfica Vera Cruz **D, R** • Adolfo Geli **F** • H.C. Fowle **M** • Oswald Hafenricher **T** • Francisco Mignone **E** • Eliane Lage, Abílio Pereira de Almeida, Carlos Vergueiro, Mário Sérgio, Osvaldo Eugênio.

Moça bonita, filha de leprosos, casa-se com um caiçara e vai viver com o marido autoritário em vila de pescadores no litoral paulista. Ela é assediada por outros homens e faz amizade com uma velha bruxa, a qual odeia o marido dela e faz uma maldingança para matá-lo. Melodrama romântico com clima sombrio, foi a primeira realização da Vera Cruz e teve produção de Alberto Cavalcanti.

## ALAMEDA DA SAUDADE, 113

1951, SP. P&B. 90 min.

**P** • Lotus Filmes **D, R** • Carlos Ortiz **F** • George Tamarski **M** • Raimundo Duprat **T** • Sá Porto **E** • Sônia Coelho, Rubens de Queiróz, Maria de Lourdes Lebert, Carlos Ortiz.

Rapaz conhece moça bonita em baile de Carnaval e eles se apaixonam. Passam o dia seguinte juntos, e ela lhe dá seu endereço, mas quando o rapaz vai visitá-la, a mãe da garota lhe conta que a filha está morta há dez anos. Melodrama sobrenatural, filmado em Santos e inspirado numa conhecida lenda urbana.

## MEU DESTINO É PECAR

1952, SP. P&B. 72 min.

**P** • Cinematográfica Maristela **D** • Manuel Peluffo **R** • Manuel Peluffo e Carlos Ortiz **F** • Mário Pagés **M** • José Cañizares **T** • Enrico Simonetti **E** • Antonieta Morineau, Alexandre Carlos, Ziláh Maria, Rubens de Queiróz, Maria de Lourdes Lebert.

Moça se casa contra a vontade com rapaz rico e vai morar com ele numa fazenda, onde é atormentada pela lembrança da esposa anterior dele, que morreu despedaçada por cães e supostamente sai do caixão à noite para caminhar pela mata. Melodrama de horror barroco, adaptado do popular folhetim de Nelson Rodrigues, escrito sob o pseudônimo Suzana Flag.

## VENENO

1952, SP. P&B. 76 min.

**P** • Companhia Cinematográfica Vera Cruz **D, R** • Gianni Pons **F** • Edgar Brasil **M** • Wladyslaw Babuska **T** • Enrico Simonetti **E** • Leonora Amar, Anselmo Duarte, Ziembinski, Paulo Autran.

Homem é atormentado por sonhos premonitórios, nos quais mata a esposa violentamente. Decide se livrar dela depois de conhecer uma cantora de cabaré incrivelmente parecida com sua mulher. Suspense criminal com narrativa clássica e eficiente, intensa carga psicológica e toques sobrenaturais, os quais tentam – em vão – ser explicados clinicamente.



## NOIVAS DO MAL

1952, RJ. P&B. 90 min.

**P**• George Dusek Produções **D, F**• George Dusek  
**R**• Aloisio T. de Carvalho e George Dusek **M**• Milo Harbich **T**• Léo Perachi **E**• Ângela Fernandes, Jocelyne do Carmo, Ambrósio Fregolente, Emilio Castelar.

Moça que trabalhava numa loja de roupas íntimas é encontrada estrangulada com meias de seda. A polícia investiga o crime e descobre que as colegas da falecida estão sendo ameaçadas por suposto assassino psicótico. Melodrama policial vinculado à vertente dos filmes adolescentes, realizado por cineasta tcheco radicado no Brasil.

## O SACI

1953, SP. P&B. 64 min.

**P**• Cinematográfica Maristela **D, R**• Rodolfo Nanni **F**• Ruy Santos **M**• José Cañizares **T**• Cláudio Santoro **E**• Paulo Matozinhos, Lívio Nanni, Aristéia Paula Souza, Olga Maria.

As crianças Pedrinho e Narizinho vivem aventuras no Sítio do Picapau Amarelo, onde o menino faz amizade com o Saci enquanto a garota é enfeitiçada pela bruxa Cuca. Fantasia infantil adaptada do clássico de Monteiro Lobato e em lendas do folclore brasileiro sobre o Saci, um diabrete negro com apenas uma perna que apronta travessuras na mata.

## CHAMAS NO CAFEZAL

1954, SP. P&B. 75 min.

**P**• Multifilmes **D, R**• José Carlos Burle **F**• Giulio de Luca **M**• Gino Talamo **T**• Cláudio Santoro **E**• Angelica Hauff, Guido Lazzarini, Luigi Picchi, José Carlos Burle.

Moça carioca se casa com fazendeiro viúvo, dono de plantação de café, e vai viver com ele no interior paulista. A moça desconfia do comportamento enigmático do marido, que se recusa a falar do passado, ausenta-se da fazenda durante longos períodos e a proíbe de entrar na mata. Melodrama romântico de mistério, sombrio e com atmosfera de paixão mórbida, com a impactante cena final revelando a abandonada festa de casamento.

## FEITIÇO DO AMAZONAS / NAKED AMAZON

1955, RJ/Berlim (Alemanha). Cor. 69 min.

**P**• Capital Filmes **D, F, M**• Zygmunt Sulistrowski **R**• Herb Meadow, Jan Lechon e E. Egan **T**• Enrico Simonetti **E**• Monique Jaubert, Andrea Bayard, Carlos Roland Nielsen Gough, José Ozório Baptista de Lima.

Expedição comandada por explorador estrangeiro se embrenha pela selva brasileira no Mato Grosso, onde os integrantes atravessam rio infestado de crocodilos, fogem de piranhas assassinas e encontram uma tribo indígena. Falso documentário sensacionalista, considerado precursor do gênero “mondo”, que surgiria na Itália quase uma década depois.

## CURUÇU, O TERROR DO AMAZONAS / CURUÇU, BEAST OF THE AMAZON

1956, SP/Los Angeles (EUA). Cor. 71 min.

**P**• Jewel Productions / Companhia Cinematográfica Vera Cruz **D, R**• Curt Siodmak **F**• Rodolfo Iosey **M**• Terry Morse **T**• Raoul Kraushaar **E**• John Bromfield, Beverly Garland, Tom Payne.

Um caçador e uma doutora se aventuram pela selva amazônica, onde nativos estão sendo mortos de maneira violenta. Os crimes supostamente são cometidos pelo lendário monstro Curuçú, enquanto índios que costumam decapitar seus inimigos também aterrorizam a selva. Violenta aventura com momentos de horror. Coprodução Brasil/EUA rodada em território brasileiro.

## LEONORA DOS SETE MARES

1956, RJ/SP. P&B. 110 min.

**P**• Artistas Associados Filmes / Unifilmes **D**• Carlos Hugo Christensen **F**• Carlos Hugo Christensen e Pedro Bloch **M**• Mário Pagés **M**• José Cañizares **T**• Enrico Simonetti **E**• Suzana Freyre, Arturo de Córdova, Rodolfo Mayer, Jardel Filho, Henriette Morineau.

Um estranho chega a Buenos Aires à procura de Leonora, mulher misteriosa que ele conheceu há tempos na cidade. O homem não acredita quando lhe dizem que Leonora morreu, e passa a procurá-la desesperadamente, desvendando aos poucos um terrível enigma ao conhecer outras pessoas vitimadas por ela. Drama de suspense adaptado da peça “Leonora”, de Pedro Bloch. A exemplo de *Rebeca*, a mulher inesquecível (1940), de Alfred Hitchcock, a personagem-título praticamente não aparece.

## CARA DE FOGO

1958, SP. P&B. 87 min.

**P**• Cinematográfica São José dos Campos **D, R**• Gallileu Garcia **F**• Rodolfo Iosey **M**• João de Alencar **T**• Enrico Simonetti **E**• Alberto Ruschel, Lucy Reis, Ana Maria Nabuco, Milton Ribeiro, José de Jesus.

Casal com filho deixa a cidade grande para reiniciar a vida no interior, onde arrendam sítio abandonado que, segundo dizem os vizinhos, é assombrado por monstro com cara de fogo. Os novos moradores não acreditam em fantasmas e começam a preparar o plantio, até que surgem as aparições. Melodrama rural narrado de modo leve, baseado na novela “A Carantonha”, de Afonso Schmidt.

## ESTRANHO ENCONTRO

1958, SP. P&B. 87 min.

**P**• Cinematográfica Brasil Filme **D, R**• Walter Hugo Khouri **F**• Rodolfo Iosey **M**• Lúcio Braun **T**• Gabriel Migliori **E**• Mário Sérgio, Andrea Bayard, Lola Brah, Sérgio Hingst, Luigi Picchi.

Rapaz socorre uma bela jovem que ele encontra perambulando por estrada escura à noite e a esconde na casa de campo de sua amante. A moça revela que está fugindo do marido, um homem cruel e assustador, que a tortura psicologicamente e controla suas ações. Drama de suspense com intensa atmosfera de mistério e horror psicológico, repleto de cenas tensas com o marido agressivo.



## MISTÉRIO DA ILHA DE VÊNUS / MACUMBA LOVE

1960, SP/Los Angeles (EUA). Cor. 85 min.

**P**• Allied Enterprises / Brinter-Brasil / Barclay Films **D**• Douglas V. Fowley **R**• Norman Graham **F**• Rodolfo Iosey **M**• Mauro Alice **T**• Enrico Simonetti **E**• Walter Reed, Ziva Rodann, William Wellman Jr., June Wilkinson, Ruth de Souza.

Escritor norte-americano, descrente no sobrenatural, tenta provar que mortes violentas ocorridas numa ilha tropical, atribuídas à deusa Damballa (uma mulher supostamente possuída pelo espírito de uma serpente), na verdade foram cometidas pela sacerdotisa Mama Rata-loi. Coprodução Brasil/EUA filmada no Guarujá, litoral paulista, com violência e erotismo.

## OS APAVORADOS

1962, RJ. P&B. 71 min.

**P**• Atlântida Cinematográfica **D**• Ismar Porto **R**• José Cajado Filho **F**• Antônio Gonçalves **M**• Waldemar Noya **T**• Alexandre Gnatalli **E**• Oscarito, Vagareza, Nair Bello, Siwa Castro, Adriano Reys.

Dois primos são despejados da pensão onde moravam e em seguida recebem a notícia de que herdaram uma mansão e grande quantia de dinheiro. Quando chegam ao local, uma velha os adverte de que a casa é assombrada por fantasmas, mas tudo não passa de armação de uma quadrilha criminoso. Comédia de trapalhadas, que marcou o fim da produtora Atlântida, investe no humor com falsas assombrações.

## PLUFT, O FANTASMINHA

1962, RJ. Cor. 95 min.

**P**• Cinecastro **D, R**• Romain Lesage **F**• Armando Cavalcanti de Albuquerque **M**• Jean Naton **T**• Antônio Carlos Jobim **E**• Dirce Migliaccio, Kalma Murtinho, Nelson Dantas, Arrelia.

O pirata Perna-de-Pau afunda o navio do capitão Bonança numa batalha naval e rapta a neta dele, com quem quer se casar. Eles vão parar numa ilha, onde o bandido procura por um tesouro. A moça foge e se esconde numa casa em ruínas, onde é ajudada por Pluft, um fantasma tímido, curioso e meio assustado. Aventura infantil adaptada da peça homônima de Maria Clara Machado.

## À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA

1964, SP. P&B. 81 min.

**P**• Indústria Cinematográfica Apolo **D, R**• José Mojica Marins **F**• Giorgio Attili **M**• Luiz Elias **T**• Hermínio Gimenez **E**• José Mojica Marins, Magda Mei, Nivaldo de Lima, Valeria Vasquez, Eucaris de Moraes.

O cruel e sádico agente funerário Zé do Caixão, temido e odiado pelos moradores da cidadezinha onde vive, é obcecado em gerar o filho perfeito, que lhe possa dar a continuidade de seu sangue. Depois de matar a própria esposa, por ela ser incapaz de engravidar, ele decide seduzir a noiva de seu melhor amigo, acreditando ser ela a mulher ideal que procura.

## O CAIPORA

1964, BA. P&B. 108 min.

**P**• Sani Filmes **D, R, M**• Oscar Santana **F**• Giorgio Attili **T**• Moacyr Carvalho **E**• Carlos Petrovich, Maria da Conceição, Milton Gaúcho, Iva di Carla, Leonel Nunes.

Comunidade no sertão nordestino fica temerosa com a presença de um caipora, rapaz que supostamente tem a maldade no sangue e que leva má sorte e desgraça a todos ao seu redor. Drama rural inspirado no folclore nordestino, aborda a ignorância e a intolerância, sem misticismo e com final otimista.

## O LAMPARINA

1964, SP. P&B. 82 min.

**P**• PAM Filmes **D**• Glaucio Mirko Laurelli **R**• Carlos Garcia **F**• Rodolfo Iosey **M**• José Roberto Milani **T**• Hector Lagna Fietta **E**• Mazzaropi, Geny Prado, Manoel Vieira, Zilda Cardoso, Astrogildo Filho.

Bernardino e sua família perambulam pelo sertão à procura de emprego, onde acabam se juntando ao grupo de cangaceiros. Bernardino convoca a volante, e os bandidos são presos, mas ele se perde dos familiares na confusão e acaba sendo dado como morto. Ele volta para casa um ano após seu desaparecimento, mas os supersticiosos moradores do povoado pensam se tratar de um fantasma.

### PHOBUS, O MINISTRO DO DIABO

1965-1974, MG. P&B. 110 min.

**P**• Organização Cinematográfica Cineminas **D**• Luiz Renato Brescia **R**• Ettore Brescia **F**• Célio Apolinário **M**• José Silvino **T**• Irene Brescia **E**• Neide Giovanni, Glória Lopes, Romarina Monteiro, Zélia Marinho, Ayrton Azevedo.

Phobus, líder de uma seita demoníaca, torna-se imortal por meio de um pacto com Satã, mas não consegue concluir seu plano de dominar a Terra. Ele falha ao tentar tornar imortais a princesa Íris e a rainha Aminófis, que são mortas antes da conclusão do ritual. Cinco mil anos depois, na atualidade, Phobus reencontra em Belo Horizonte as duas mulheres reencarnadas. Raríssima produção independente dos irmãos Brescia, exibida somente em 1974.

### O HOMEM LOBO

1966-1971, SP. P&B. 93 min.

**P**• Pinheiros Filmes **D, R**• Raffaele Rossi **F**• Antônio B. Tomé **M**• Jovita Pereira Dias **T**• Gabriel Migliori **E**• Raffaele Rossi, Claudia Cerine, Lino Braga, Toni Cardi, Osmano Cardoso.

Um professor passa a lecionar em colégio interno onde estuda seu filho adotivo, reagindo de modo estranho quando crimes violentos são cometidos na região, sempre em noites de lua cheia, após serem ouvidos uivos de lobo. Drama de horror filmado em 1966, em Alterosas (MG) e Piracicaba (SP), só chegou às telas em 1971. A dupla sertaneja mirim Chitãozinho & Xororó aparece cantando numa cena.

### ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADÁVER

1967, SP. P&B/Cor. 107 min.

**P**• Ibéria Filmes **D, R**• José Mojica Marins **F**• Giorgio Attili **M**• Luiz Elias **T**• Hermínio Gimenez **E**• José Mojica Marins, Roque Rodrigues, Nádia Tell, William Morgan, Nivaldo de Lima.

Zé do Caixão continua na busca obsessiva da mulher ideal, capaz de gerar o filho perfeito. Auxiliado pelo fiel criado Bruno, ele rapta seis belas moças e as submete às mais terríveis torturas. Porém, ele acaba matando uma mulher grávida e, atormentado pela culpa da morte de uma criança inocente, sofre pesadelo no qual é levado para um Inferno gelado.

### PROEZAS DE SATANÁS NA VILA DE LEVA-E-TRAZ

1967, RJ. P&B. 100 min.

**P**• Copacabana Filmes / Jarbas Barbosa Produções Cinematográficas **D, R**• Paulo Gil Soares **F**• José Medeiros **M**• Rafael Justo Valverde **T**• Caetano Veloso **E**• Jofre Soares, Emanuel Cavalcanti, Isabella, Joel Barcellos, Josef Guerreiro.

Uma pequena comunidade rural rapidamente se transforma numa cidade pré-fabricada quando é descoberto lençol petrolífero na região. Depois que o padre leva a imagem da santa padroeira para a nova cidade, os velhos e as mulheres do vilarejo temem a chegada do Diabo. Pouco depois, um estranho surge no local e começa a realizar milagres e curas, sendo manipulado por políticos.



### O ESTRANHO MUNDO DE ZÉ DO CAIXÃO

1968, SP. P&B. 83 min.

**P**• Ibéria Filmes **D**• José Mojica Marins **R**• Rubens F. Lucchetti **F**• Giorgio Attili **M**• Eduardo Llorente **T**• Hermínio Gimenez **E**• Vany Miller, George Michel Serkeis, Iris Bruzzi, José Mojica Marins, Osvaldo de Souza.

Zé do Caixão apresenta três contos de horror. Em “O fabricante de bonecas”, marginais invadem a casa de um velhinho e descobrem o segredo da confecção de suas bonecas. Em “Tara”, um vendedor de balões segue garota pelas ruas e acaba por possuí-la após a morte. Em “Ideologia”, o excêntrico professor Oaxiac Odéz tenta provar que o instinto prevalece sobre a razão.

### TRILOGIA DE TERROR

1968, SP. P&B. 101 min.

**P**• Produtora Nacional de Filmes / Produções Galasy / Cia. Cinematográfica Franco-Brasileira **D, R**• José Mojica Marins, Ozualdo R. Candeias e Luiz Sergio Person **F**• Giorgio Attili, Peter Ouerbeck e Osvaldo de Oliveira **M**• Sylvio Renoldi **T**• Audimus, Damiano Cozzella e Rogério Duprat **E**• Mário Lima, Vany Miller, Lucy Rangel, Lima Duarte, Cacilda Lanuza.

Longa em três episódios dirigidos por grandes nomes do cinema marginal paulistano. Em “Pesadelo macabro”, um rapaz é aterrorizado por pesadelos nos quais é enterrado vivo. Em “O acordo”, uma mãe oferece donzela ao Diabo em troca de desenganhar a filha. Em “Procissão dos mortos”, um despedido operário enfrenta guerrilheiros fantasmas que surgem à noite.

### INCRÍVEL, FANTÁSTICO, EXTRAORDINÁRIO

1969, RJ. Cor. 90 min.

**P**• C. Adolpho Chadler Produções Cinematográficas **D**• C. Adolpho Chadler **R**• C. Adolpho Chadler e René Martin **F**• Roberto Pace **M**• João Ramiro Mello **T**• Erlon Chaves **E**• Cyll Farney, Sônia Clara, Glaucete Rocha, Fábio Sabag, Wanda Oliver.

Quatro contos de horror narrados por Mário Lago e inspirados no programa de rádio *Incrível, fantástico, extraordinário*. Em “A ajuda”, motorista atende ao apelo de uma mulher que sofreu acidente na estrada e salva o filho dela, descobrindo em seguida que ela também morreu no desastre. Em “O sonho”, garota que vive num pensionato de moças tem pesadelo premonitório no qual fica sabendo como morrerão suas colegas. Em “A volta”, viúva é atormentada pela culpa de ter matado o marido. Em “O coveiro”, o funcionário de um cemitério viola sepultura para roubar o anel de um cadáver.

### MULHER PECADO / EMBRUJADA

1969, SP/Buenos Aires (Argentina). Cor. 78 min.

**P**• Cinemundi Filmes / S.I.F.A. Filmes **D, R**• Armando Bo **F**• Américo Hoss **M**• Rosalino Caterbetti **T**• Jorge Weber **E**• Isabel Sarli, Victor Bo, Miguel Angel Olmos, C. Adolpho Chadler, Daniel De Alvarado.

Bela e voluptuosa mulher, obcecada pela ideia de ter um filho, mas casada com homem impotente, frequenta um bordel e assedia os homens do vilarejo onde mora. Sua lascívia desperta a atenção do Pombero, entidade demoníaca que começa a matar todos que se envolvem com ela. Coprodução Brasil/Argentina, filmada em Foz do Iguaçu.

### O DESPERTAR DA BESTA

1969-1983, SP. P&B/Cor. 91 min.

**P**• Multifilmes **D**• José Mojica Marins **R**• Rubens F. Lucchetti **F**• Giorgio Attili **M, T**• Luiz Elias **E**• José Mojica Marins, Sérgio Hingst, Ozualdo R. Candeias, Andréa Bryan, Ítala Nandi.

Um psiquiatra injeta LSD em quatro voluntários para estudar os efeitos do tóxico sob a influência da imagem de Zé do Caixão. O personagem aparece de diferentes maneiras nos delírios de cada um, misturando horror, perversão e sadismo. Mojica usa narrativa não-linear e recorre ao metacinema para analisar o efeito de seu polêmico personagem no inconsciente coletivo.

### UM SONHO DE VAMPIROS

1969, RJ. Cor. 80 min.

**P**• Servicine Serviços Cinematográficos **D, R**• Iberê Cavalcanti **F, M**• Renato Newmann **T**• João Silvério Trevisan **E**• Ankito, Irma Álvarez, Janet Chermoni, Augusto Mala Filho.

O dr. Pan recebe a visita da Morte e deve escolher entre morrer ou tornar-se vampiro. Ele opta por se tornar um ser sobrenatural e imediatamente passa a vampirizar as pessoas mais importantes da cidade, espalhando o pânico. A vida noturna de morto-vivo lhe proporciona novas sensações, e dr. Pan tira proveito de seus novos poderes. Comédia com momentos de humor sexista.

### BARÃO OLAVO, O HORRÍVEL

1970, RJ. Cor. 70 min.

**P**• Belair Filmes **D, R, T**• Julio Bressane **F**• Renato Laclete **M**• Mair Tavares **E**• Guará Rodrigues, Helena Ignez, Rodolfo Arena, Lillian Lemmert, Isabella.

Filme experimental que se apropria de situações típicas dos clássicos de horror. Narrado de maneira fragmentada, mostra cenas de assassinatos, violações sexuais, lesbianismo e necrofilia, com um velho barão obcecado por cadáveres, auxiliado por seu assistente místico. O cenário varia entre o campo e as movimentadas ruas de uma metrópole.

### A DANÇA DAS BRUXAS

1970, RJ. Cor. 100 min.

**P**• Verona Filmes **D**• Francisco Dreux **R**• Francisco Dreux e Luiz Henrique Bianchini **F**• Mário Carneiro **M**• Raimundo Higinio **T**• Onélio Mota, Geraldo José e Celso Muniz **E**• Lúcia Marina Accioly, Hamilton Vaz Pereira, Roberto Frota Moreira, Acyr Castro.

Uma bruxinha bondosa se recusa a fazer maldades num bosque e entra em conflito com o líder dos feiticeiros, Sua Ruindade Suprema Belzebu III. Ela conhece um jovem lenhador e se junta a ele para combater as demais bruxas que realizam maldades no bosque. Aventura infantil adaptada da peça “A bruxinha que era boa”, de Maria Clara Machado.

### O IMPOSSÍVEL ACONTECE

1970, RJ. Cor. 80 min.

**P**• Rio de Janeiro Cinematográfica / Minuano Produções Cinematográficas / C. Adolpho Chadler Produções Cinematográficas **D**• C. Adolpho Chadler, Daniel Filho e Anselmo Duarte **R**• C. Adolpho

Chadler, Daniel Filho, Gilvan Pereira e Anselmo Duarte **F**•Roberto Pace e Antônio Gonçalves **M**•Manoel Oliveira e Raimundo Hígino **T**•Gallieu Alcânfora **E**•C. Adolpho Chadler, Glória Menezes, Rubens de Falco, Wilza Carla, Tião Macalé.

Três episódios de horror, suspense e comédia, dirigidos por diferentes cineastas. Em “O acidente”, dois sobreviventes de desastre aéreo encontram-se num quarto de hospital, mas, no dia seguinte, um deles descobre que o outro nunca esteve ali. Em “Eu, ela e o outro”, mulher mata o marido e elabora plano macabro para se livrar do cadáver. Em “O reimplante”, homem mulhengo perde a virilidade ao ser atacado por mulher empunhando uma navalha.

## OS MONSTROS DE BABALOO

1970-1975, RJ. P&B. 95 min.

**P**•Elyseu Visconti Produções Cinematográficas **D, R**•Elyseu Visconti Cavalleiro **F**•Renato Lacleite **M**•Geraldo Veloso **T**•Edison Machado **E**•Helena Ignez, Wilza Carla, Zezé Macedo, Betty Faria, Kleber Santos.

Num país imaginário, um empresário vive à beira da falência com suas fábricas de banana, quiabo e jiló. Enquanto a população revoltada ameaça invadir as propriedades do industrial, sua esposa vive caso amoroso com um galá argentino, e os filhos só arrumam confusão. Comédia experimental, evoca o horror por meio do aspecto físico grotesco e caricato dos personagens.

## A POSSUÍDA DOS MIL DEMÔNIOS

1970-1975, RJ. P&B. 71 min.

**P**•Agedor Filmes **D, R**•Carlos Frederico **F**•Edison Baptista **M**•Amauri Alves **T**•Danilo Caymmi **E**•Isabella, Antero de Oliveira, Dita Corte Real, Arthur Maia.

Mulher pobre, atormentada por delírios e visões de fantasmas, é possuída por forças desconhecidas e, impelida por vozes misteriosas, transforma-se numa moça bela e sensual. Ela seduz adolescentes e ataca homens, despertando o ódio da comunidade onde vive. Inicialmente exibido apenas em sessões especiais, o filme foi lançado em circuito no Rio de Janeiro apenas em 1975.

## A CULPA

1971, RJ. Cor. 78 min.

**P**•Batukfilm / B.J.D. Produções Cinematográficas **D**•Domingos de Oliveira **R**•Domingos de Oliveira e Joaquim Assis **F**•Rogério Noel **M**•Lenita Eça e Domingos de Oliveira **T**•Nelson Ângelo **E**•Dina Sfat, Nelson Xavier, Paulo José.

Casal de irmãos, com ajuda do noivo da moça, mata o pai deles, um rico industrial, para ficar com a herança. Eles incendeiam o corpo do velho e o enterram numa propriedade afastada no campo, onde decidem ir morar. Porém, a culpa passa a

atormentá-los, fazendo com que se comportem de maneira paranoica e imprevisível, acreditando que o morto retornou para se vingar. Drama psicológico apoiado em atuações densas do trio central.

## OS DIABÓLICOS HERDEIROS

1971, SP. P&B. 103 min.

**P**•Titanus Filmes **D, R**•Geraldo Vietri **F**•Antônio B. Tomé **M**•Fauzi Mansur **T**•Salatiel Coelho **E**•Marcos Plonka, Ana Rosa, Tony Ramos, Bibi Vogel, Denis Carvalho.

Trze pessoas, vindas de diferentes partes do mundo, reúnem-se num castelo para receber sua parte na herança deixada por aristocrata inglês. Os convidados começam a desaparecer no interior do castelo, vítimas de crimes misteriosos, sobrando apenas o herdeiro brasileiro e seus amigos, que desmascaram o assassino. Trama de horror e suspense típica do gênero.

## FANTASTICON, OS DEUSES DO SEXO

1971, SP. Cor. 89 min.

**P**•Indústria Nacional de Filmes **D, R**•Teresa Trautman e José Marreco **F**•Antonio Meliande e José Marreco **M**•José Marreco **E**•Gilberto Seródio, Teresa Trautman, José Marreco, Denise Corrêa, Filomena.

Comédia formada por três episódios. Em “Curtição”, um rapaz toma drogas alucinógenas. Em “Os últimos”, um homem é atropelado e em seguida conhece mulher que lhe concede poderes sobrenaturais. Em “Kelak, a bruxa”, um rapaz é assombrado por voz misteriosa e acaba se apaixonando por uma feiticeira que não pode se relacionar com mortais.

## O MACABRO DR. SCIVANO

1971, SP. P&B. 72 min.

**P**•Natus Produções Cinematográficas **D**•Raul Calhado e Rosalvo Caçador **R**•Raul Calhado **F**•Wanderley Silva e Raul Calhado **M**•Laércio Silva **E**•Raul Calhado, Luís Leme, Oswaldo de Souza, Ester Brasil.

O dr. Scivano, um político fracassado, retorna à cidade natal e torna-se motivo de piada para a população local. Como vingança, envolve-se com macumba e faz pacto diabólico para enriquecer, recebendo toda noite uma pepita de ouro das mãos de uma figura fantasmagórica. Ele então se transforma em vampiro e passa a atacar as moças do vilarejo.

## MEMÓRIAS DE UM ESTRANGULADOR DE LOIRAS / MEMORIES OF A BLONDE STRANGLER

1971, RJ/Londres (Inglaterra). Cor. 70 min.

**P**•Belair Filmes **D, R, T**•Julio Bressane **F**•Laurie Gane e Julio Bressane **M**•Julio Bressane e Gilberto Macedo **E**•Guará Rodrigues.

Um assassino serial mata mulheres loiras, esperando por suas vítimas no banco de um parque em Londres. Filme experimental inspirado no ritmo repetitivo do “Bolero” de Ravel, com uma sucessão de assassinatos de mulheres insuspeitas, que reflete sobre os clichês do gênero de suspense e horror.

## AS NOITES DE IEMANJÁ

1971, SP. Cor. 84 min.

**P**•Data Cinematográfica **D, R**•Maurice Capovilla **F**•Eliseu Fernandes **M**•Mauro Alice **T**•Dalmo Ferreira **E**•Joana Fomm, Sérgio Hingst, Newton Prado, Roberto Maya, Assunta Peres.

Sentindo-se desprezada pelo marido, uma mulher vai com o amante para o litoral, onde eles assistem aos ritos de Iemanjá. A entidade acaba possuindo a mulher, que se torna sedutora e fatal e mata vários homens, até que o marido surge à sua procura. Horror inspirado no candomblé, baseado no conto “Aquela que vem das águas”, de Ida Laura.

## O DIABO TEM MIL CHIFRES

1972-1978, SP. P&B. 80 min.

**P**•Indústria Nacional de Filmes **D, R**•Penna Filho **F**•Luiz dos Santos **M**•Fauzi Mansur **T**•Giuseppe Mastroianni **E**•Sabrina Marchesini, Rogério Dias, Dirceu Conti.

Casal recebe carta do tipo “corrente”, mas não a passa adiante, apesar de marido e mulher serem supersticiosos. Pouco depois, surge um pintor que se intromete na vida do casal, formando um triângulo amoroso que torna realidade as desgraças preditas na carta. O Diabo surge para o marido e lhe faz proposta para encerrar os castigos que ele vem sofrendo por ter quebrado a corrente.

## GURU DAS SETE CIDADES

1972, RJ. Cor. 87 min.

**P**•Guru Produções Cinematográficas **D, R**•Carlos Bini **F**•Hélio Silva **M**•João Ramiro **T**•Jorge Omar e José Luiz Caetano **E**•Rejane Medeiros, Angelito Mello, Paulo Ramos, Otávio Terceiro, Wilson Grey.

Grupo de jovens desocupados, liderado por *hippie* a quem chamam de Guru, perambula por região deserta conhecida como Sete Cidades, onde pratica rituais de magia negra. Um dos rapazes se envolve com uma moça atraente, casada com um industrial milionário que ela indica para ser sacrificado em ritual demoníaco.

## JANAÍNA, A VIRGEM PROIBIDA

1972, SP. Cor/P&B. 84 min.

**P**•Olho Fotografia e Cinematografia **D, R, F**•Olivier Perroy **M**•Sylvio Renoldi **T**•Egberto Gismonti **E**•Ronnie Von, Marlene França, Raul Cortez, Cyll Farney, Cynira Arruda.

O cantor Ricky Ricardo, não suportando mais a perseguição das fãs históricas, refugia-se no litoral da Bahia, onde frequenta cerimônia de candomblé. Um

pai de santo profetiza que ele conhecerá em breve a bela Janaína, o amor de sua vida. Ele também o alerta, porém, de que Janaína é filha de Iemanjá, prometida a Xangô, e que deve ser entregue ao mar.

## O LOBISOMEM

1972-1975, RJ. Cor. 75 min.

**P**•Elyseu Visconti Produções Cinematográficas **D, R, F**•Elyseu Visconti Cavalleiro **M**•Mair Tavares **E**•Suzana de Moraes, Jack de Castro, Wilson Grey, Paulo Villaça.

Homem excêntrico, que vive em chalé isolado na floresta e supostamente se transforma em lobisomem nas noites de sexta-feira, seduz e ataca moças *hippies* que se aventuram pelo local. Horror experimental, filmado em 1972 e lançado comercialmente somente em 1975, retornando ao circuito exibidor em 1979.



## A VIÚVA VIRGEM

1972, RJ. Cor. 100 min.

**P**•Sincro Filmes **D**•Pedro Carlos Rovai **R**•João Bettencourt, Armando Costa e Cecil Thiré **F**•Hélio Silva **M**•Manoel Oliveira **T**•Carlos Imperial **E**•Adriana Prieto, Jardel Filho, Carlos Imperial, Darlene Glória, Henriqueta Brieba.

Uma moça tímida e virgem se casa com homem autoritário, o qual morre antes de consumir o casamento. A bela e jovem viúva – rica e ainda virgem – se envolve com um golpista conquistador, mas passa a ver o fantasma do marido sempre que está na presença do novo pretendente. O espectro do falecido aparece numa sessão espírita, e propõe ao golpista que o deixe encarnar em seu corpo para ambos possuírem a esposa.

## O ANJO DA NOITE

1974, RJ. Cor. 84 min.

**P**• L.M. Produções Cinematográficas **D, R**• Walter Hugo Khouri **F**• Antonio Meliande **M**• Mauro Alice **T**• Rogério Duprat **E**• Selma Egrei, Eliezer Gomes, Lilian Lemmert, Pedro Coelho, Fernando Amaral.

Moça carioca chega a Petrópolis para trabalhar como babá no casarão de uma família, onde deve cuidar de duas crianças enquanto os pais estiverem ausentes. Sozinha na casa, a moça começa a receber estranhos telefonemas anônimos e pede ajuda ao vigia noturno. Os telefonemas ameaçadores prosseguem e a babá se sente oprimida no casarão, pressentindo a tragédia que se configura.

## EXORCISMO NEGRO

1974, SP. Cor. 94 min.

**P**• Cinedistri **D**• José Mojica Marins **R**• Rubens F. Lucchetti, José Mojica Marins e Adriano Stuart **F**• Antonio Meliande **M**• Carlos Coimbra **T**• Geraldo José **E**• José Mojica Marins, Jofre Soares, Walter Stuart, Geórgia Gomide, Adriano Stuart.

O cineasta José Mojica Marins vai passar as férias na casa de campo de um amigo, onde testemunha fenômenos sobrenaturais quando o pai da família é possuído por Demônio que surge para cobrar uma velha dívida. O criador Mojica enfrenta Zé do Caixão, sua criação mais famosa, ao ser transportado para outra dimensão, onde vive seu *alter ego*. Produção de Anibal Massaini, motivada pelo sucesso internacional de *O exorcista* (1973).



## O JECA MACUMBEIRO

1974, SP. Cor. 88 min.

**P**• PAM Filmes **D**• Pio Zamuner e Amácio Mazzaropi **R**• Amácio Mazzaropi **F**• Pio Zamuner **M**• Inácio Araújo **T**• Hector Lagna Fietta **E**• Amácio Mazzaropi, Jofre Soares, Gilda Valença, Selma Egrei, Ivan Lima.

Um simplório caboclo recebe a visita de um velho amigo, que acredita estar próximo da morte e por isso lhe entrega um saco cheio de dinheiro. Para evitar problemas, o caboclo pede para o sogro de sua filha guardar o dinheiro, mas o homem arma um plano para se apoderar da fortuna. Durante uma cômica sessão espírita, os dois rivais fingem receber almas desencarnadas.

## O SIGNO DE ESCORPIÃO

1974, SP. Cor. 82 min.

**P**• CSC Produções Cinematográficas **D, R, M**• Carlos Coimbra **F**• Antonio Meliande **T**• Chico Moraes e Wilson Miranda **E**• Carlos Lyra, Kate Lyra, Rodolfo Mayer, Maria Della Costa, Wanda Kosmo.

Famoso astrólogo convida nove amigos para uma reunião luxuosa em sua ilha particular, cada um representando um signo do zodíaco. Durante a festa, acontece a primeira de muitas mortes violentas que deixarão os convidados em pânico, isolados na ilha com um assassino misterioso, cujos crimes são previstos por um computador-horóscopo.

## O CAÇADOR DE FANTASMA

1975, RJ. Cor. 83 min.

**P**• Circus Produções Cinematográficas **D, R**• Flávio Migliaccio **F**• José Medeiros **M**• Rafael Valverde **T**• Stefan Wohl **E**• Flávio Migliaccio, Ziembinski, Estelita Bell, Dirce Migliaccio, Roberto Maya.

O excêntrico tio Maneco e seus três sobrinhos saem à procura do avô cientista, que desapareceu ao construir a máquina que o enviou a uma dimensão paralela. O tio e as crianças vão parar num casarão sinistro, onde devem mostrar coragem diante de um velho fantasma, pois ele possui um livro que pode salvar o avô. Aventura infantil inspirada no conto "O fantasma de Canterville", de Oscar Wilde.

## ENIGMA PARA DEMÔNIOS

1975, RJ. Cor. 98 min.

**P**• Carlos Hugo Christensen Produções Cinematográficas **D, R**• Carlos Hugo Christensen **F**• Antônio Gonçalves **M**• Waldemar Noya **T**• Jan Sibelius **E**• Monique Lafond, Luiz Fernando Ianelli, Palmira Barbosa, José Mayer, Eduardo Tornaghi.

Moça órfã volta da Argentina para encontrar seus últimos parentes vivos no interior de Minas Gerais, onde herda da mãe um sítio e grande fortuna. Ao visitar o túmulo da mãe, pega ao acaso uma rosa de uma sepultura e, pouco depois, passa a receber telefonemas do morto, que exige que ela devolva sua flor, levando a garota à beira da loucura. Filme baseado no conto "Flor, telefone, moça" de Carlos Drummond de Andrade.



## JÉCA CONTRA O CAPETA

1975, SP. Cor. 97 min.

**P**• PAM Filmes **D**• Pio Zamuner e Amácio Mazzaropi **R**• Pio Zamuner e Gentil Rodrigues **F**• Pio Zamuner **M**• Walter Vanni **T**• Hector Lagna Fietta **E**• Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Pirillo, Rose Garcia, Nêa Simões.

Vilarejo caipira se agita com a notícia da aprovação da lei do divórcio. A opinião do povo se divide acerca do tema, resultando em conflitos e na morte de um rapaz encrenheiro. Melodrama sertanejo que parodia *O exorcista* (1973) numa cena, com ridícula possessão demoníaca, incluindo a cama que sacode.

## A MULHER DO DESEJO (A CASA DAS SOMBRAS)

1975, RJ. Cor. 81 min.

**P**• Carlos Hugo Christensen Produções Cinematográficas **D, R**• Carlos Hugo Christensen **F**• Antônio Gonçalves **M**• Waldemar Noya **T**• Richard Wagner **E**• José Mayer, Vera Fajardo, Palmira Barbosa, José Luiz Nunes, Neimar Fernandes.

Casal herda a mansão de um tio rico e misterioso e vai morar no interior de Minas Gerais. O espírito do falecido, representado por uma orquídea, permanece no local e se apossa do corpo do sobrinho. O rapaz aos poucos assume a personalidade do tio, tornando-se violento e agindo de maneira estranha.

## PECADO NA SACRISTIA

1975, RJ. Cor. 84 min.

**P**• Miguel Borges Produções Cinematográficas **D, R, M**• Miguel H. Borges **F**• Ronaldo Nunes **T**• Remo Usai **E**• Ivan Cândido, Ítala Nandi, Maurício do Valle, Roberto Bonfim, Francisco Milani.

Um agricultor mata a esposa infiel e foge pelo sertão, deparando-se com a alma penada do cangaceiro Florindo Fede-a-Bode. Este lhe pede que procure seu tesouro enterrado, para que seu espírito possa se libertar. Durante a busca, o agricultor ajuda um padre a combater a mula-sem-cabeça e conhece a lenda da mãe-d'água, cuja voz encantadora pode levar um homem à perdição.

## QUEM TEM MEDO DE LOBISOMEM?

1975, RJ. Cor. 100 min.

**P**• Ipanema Filmes **D, R**• Reginaldo Faria **F**• José Medeiros **M**• Waldemar Noya **E**• Reginaldo Faria, Stepan Nercessian, Camila Amado, Neuza Amaral, Carlos Kroeber.

Dois rapazes e uma noiva abandonada no altar se aventuram pela mata e são obrigados a pernoitar num casarão afastado. Durante a madrugada, a moça é atacada por um lobisomem, e os três amigos acabam prisioneiros de estranha família, chefiada por um coronel sanguinário que tem sete filhas e um filho – este último, segundo a lenda, sofre a maldição de se transformar em lobisomem.

## O SÓSIA DA MORTE

1975, RJ. Cor. 85 min.

**P**• L.M. Produções Cinematográficas **D, R**• João Ramiro Mello **F**• Hélio Silva **M**• Jayme Justo **T**• Milton Nascimento e Som Imaginário **E**• Rubens de Falco, Tânia Scher, Françoise Fourton, Ary Fontoura.

Narciso, professor universitário de vida pacata, inexplicavelmente passa a ser perseguido por seu sósio, que dirige carro idêntico ao seu e faz saques de sua conta bancária. Ele contrata um detetive particular para seguir o impostor, mas o investigador é assassinado e o caso se torna ainda mais misterioso. Suspense eletrizante, inspirado no tema do duplo maligno.

## AMADAS E VIOLENTADAS

1976, SP. Cor. 99 min.

**P**• Dacar Produções Cinematográficas **D, R**• Jean Garrett **F**• Reynaldo Barros **M**• Walter Vanni **T**• Ronaldo Lark **E**• David Cardoso, Fernanda de Jesus, Américo Taricano, Aldine Muller, Arlete Moreira.

Um escritor de livros policiais de sucesso comete crimes brutais contra mulheres, ao mesmo tempo em que trabalha numa obra inspirada em homicídios ainda sem solução. Traumatizado por ter flagrado, na infância, a mãe com o amante, ele cresceu amargurado e sente aversão por mulheres sexualmente agressivas, as quais mata com frieza e crueldade.

## BACALHAU

1976, SP. Cor. 95 min.

**P**• Omega Filmes **D, R**• Adriano Stuart **F**• José Marreco **M**• Roberto Leme **T**• Beto Strada **E**• Hélio Souto, Marlene França, Maurício do Valle, Dionísio Azevedo, Adriano Stuart.

Policial de cidadezinha litorânea investiga morte de banhista, cujo esqueleto é encontrado na praia pela manhã, e deduz que a morte foi causada por um peixe enorme. Ele manda chamar um oceanógrafo português, que identifica a fera do mar como sendo um bacalhau da Guiné. Paródia absurda de *Tubarão* (1975), com piadas incessantes que fazem gozação até com o próprio filme.

## COMO CONSOLAR VIÚVAS

1976, SP. Cor. 97 min.

**P**• MASP Filmes **D**• J. Avelar [José Mojica Marins] **R**• Georgina Duarte Rezende **F**• Giorgio Attili **M**• Roberto Leme **T**• Solon Curvello **E**• Vic Barone, Vosmarline Siqueira, Zélia Diniz, Lorenia Machado, Walter C. Portella.

Golpista com pinta de galã arquiteta plano para ficar rico depois de ler notícia no jornal sobre três empresários milionários que desapareceram em acidente aéreo. Ele usa seus talentos dramáticos para se passar pelos falecidos maridos, e tira proveito das viúvas que se entregam totalmente aos supostos fantasmas.

## ENSAIO GERAL: A NOITE DAS FÊMEAS

1976, SP. Cor. 105 min.

**P**• Virgínia Filmes **D**• Fauzi Mansur **R**• Marcos Rey e Fauzi Mansur **F**• Claudio Portioli **M**• Inácio Araújo **T**• Armando Sanino **E**• Maria Izabel de Lizandra, Marlene França, Kate Hansen, Nadia Lippi, Antônio Fagundes.

Durante o ensaio geral de uma peça teatral, às vésperas da estreia, quatro atrizes são envenenadas por homem misterioso que coloca arsênico no vinho usado em cena. Um inspetor de polícia é chamado e mantém a todos nas dependências do teatro para interrogatório, enquanto as moças agonizam no hospital. Trama de mistério e suspense com assassino psicopata.

## A ESTRANHA HOSPEDARIA DOS PRAZERES

1976, SP. Cor. 79 min.

**P**• Produções Cinematográficas Zé do Caixão **D**• Marcelo Motta **R**• Rubens F. Lucchetti **F**• Giorgio Attili **M**• Nilcemar Leyart **T**• Solon Curvello **E**• José Mojica Marins, Rosalvo Caçador, Marizeth Baumgartem, Luzia Zaracausca.

Misterioso proprietário de uma estranha hospedaria longe da cidade contrata funcionários para receber hóspedes em busca de abrigo. Durante uma noite de tempestade, várias pessoas aparecem, entre

elas grupo de *hippies*, um casal de amantes, um suicida, um gígolô e empresários corruptos. Na manhã seguinte, os hóspedes desavisados descobrem a verdadeira identidade do dono da hospedaria.

## SEDUZIDAS PELO DEMÔNIO

1976, SP. Cor. 90 min.

**P**• E.C. Distribuidora e Importadora Cinematográfica **D, R, F, M**• Raffaele Rossi **T**• Renata Candu **E**• Cesar Robertho, Shirley Stech, José C. Mesquita, Cassiano Ricardo, Oscar Quevedo.

A morte da esposa de um professor universitário leva sua suposta amante ao banco dos réus, mas o culpado pelo crime pode ser o filho adotivo do viúvo. Desde a infância, quando foi oferecido ao Demônio num ritual de macumba, o rapaz sofre episódios de possessão, dominado por um Diabo chifrudo empunhando um tridente.



## BELAS & CORROMPIDAS: SEXTA-FEIRA AS BRUXAS FICAM NUAS

1977, SP. Cor. 107 min.

**P**• Virgínia Filmes **D, M**• Fauzi Mansur **R**• Fauzi Mansur e Marcos Rey **F**• Claudio Portioli **T**• Carlos Reichenbach **E**• Maria Isabel de Lizandra, Fernando Reski, Luigi Picchi, Stela Maia, Ênio Gonçalves.

Mulher rica e solteira, fascinada pela personalidade de Landru, o famoso assassino francês, mata diversos homens que ela atrai até sua mansão, auxiliada pela grotesca empregada corcunda. Porém, ao apaixonar-se por um policial, a assassina precisa livrar-se de seu passado sombrio.

## EXCITAÇÃO

1977, SP. Cor. 87 min.

**P**• MASP Filmes **D**• Jean Garrett **R**• Jean Garrett e Ody Fraga **F**• Carlos Reichenbach **M**• Walter Vanni **T**• Beto Strada **E**• Kate Hansen, Flávio Galvão, Betty Saddy, Zilda Mayo, Liana Duval.

Marido compra casa de praia para ajudar esposa a curar-se de crise nervosa. A mulher, porém, passa a ter visões de um homem enforcado, ao mesmo tempo em que a televisão, o liquidificador e a vitrola passam a funcionar sem que ninguém os ligue. Ela descobre que o antigo proprietário se enforcou na sala e acredita estar possuída pelo espírito do suicida.

## INFERNO CARNAL

1977, SP. Cor. 82 min.

**P**• Produções Cinematográficas Zé do Caixão **D**• José Mojica Marins **R**• Rubens F. Lucchetti **F**• Giorgio Attili **M**• Nilcemar Leyart **T**• Solon Curvello **E**• José Mojica Marins, Luely Figueiró, Osvaldo de Souza, Helena Ramos, Lírio Bertelli.

Brilhante cientista negligencia a esposa para se concentrar em suas pesquisas, fazendo com que ela inicie caso amoroso com o melhor amigo dele. Planejando ficar com sua fortuna, a mulher aproveita um momento de distração do marido para jogar ácido em seu rosto, desfigurando-o. Depois de se recuperar num hospital, ele volta para casa com desejo de se vingar.

## JECÃO... UM FOFQUEIRO NO CÉU

1977, SP. Cor. 91 min.

**P**• PAM Filmes **D**• Pio Zamuner e Amácio Mazzaropi **R**• Amácio Mazzaropi **F**• Pio Zamuner **M**• Mauro Alice **T**• Hector Lagna Fietta **E**• Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Edgard Franco, Elizabeth Hartmann, Gilda Valença.

Jecão, caipira pobre e simplório, ganha na loteria e recebe uma fortuna. O dinheiro é cobiçado por muitas pessoas de sua cidadezinha e ele acaba sendo assassinado. Jecão vai parar no Céu, mas acha tudo muito chato e pede para visitar o Inferno. Enquanto isso, na Terra, sua alma surge em sessão espírita e tenta elucidar o crime de sua morte.

## A VIRGEM DA COLINA

1977, RJ. Cor. 85 min.

**P**• Dragão Filmes **D, R, M**• Celso Falcão **F**• Afonso Vianna **T**• Wilson Alves **E**• Edson Seretti, Cristina Amaral, Jofre Soares, Marcos Lyra, Joel Barcellos.

Um industrial compra um anel num antiquário e o oferece à noiva, que desmaia durante a cerimônia de casamento ao colocar a joia no dedo. A partir dali, ela adquire dupla personalidade: prostituta durante o dia e dama respeitável à noite. O maléfico anel transfigura seu rosto, que se torna grotesco e monstruoso. O marido recorre a um padre exorcista para salvar a esposa.



## VÍTIMAS DO PRAZER: SNUFF

1977, SP. Cor. 108 min.

**P**• Kinema Filmes / A.R.M. Produções Cinematográficas **D, T**• Cláudio Cunha **R**• Carlos Reichenbach e Cláudio Cunha **F**• Roberto Buzzini **M**• Sylvio Renoldi **E**• Carlos Vereza, Rossana Ghessa, Canarinho, Hugo Bidet, Sérgio Hingst.

Um diretor de cinema norte-americano e seu parceiro produtor chegam ao Brasil com o intuito de realizar um filme "snuff", no qual pessoas são mortas de verdade diante das câmeras. Contratam um fotógrafo falido, para que seja o representante da empreitada no país e, começam a selecionar as atrizes, que não fazem a mínima ideia do destino reservado a elas nas filmagens.

## DELÍRIOS DE UM ANORMAL

1978, SP. Cor/P&B. 83 min.

**P**• Produções Cinematográficas Zé do Caixão **D, R**• José Mojica Marins **F**• Giorgio Attili **M**• Nilcemar Leyart **T**• Clayber de Souza e Beto Strada **E**• José Mojica Marins, Jorge Peres, Magna Miller.

Um psiquiatra é aterrorizado por pesadelos nos quais Zé do Caixão tenta roubar sua esposa. Seus colegas decidem buscar ajuda com o cineasta José Mojica Marins, que tenta fazer o doutor compreender que Zé do Caixão não passa de uma criação de sua mente. Filme-montagem com trechos de quatro obras de Mojica e cerca de 35 minutos de cenas novas para costurar a trama.

## A DEUSA DE MÁRMORE: ESCRAVA DO DIABO

1978, SP. Cor. 82 min.

**P**• Panorama Filmes **D, R**• Rosângela Maldonado  
**F**• Giorgio Attili **M**• Walter Wannny **T**• Isnard Simone e Rômulo Paes **E**• Rosângela Maldonado, José Mojica Marins, João Paulo, Luandy Maldonado, Anadir Goi.

A Deusa de Mármore, uma mulher de dois mil anos de idade, preserva sua aparência jovem por meio de pacto demoníaco, extraindo a essência da vida das pessoas com quem mantém relações sexuais. Ela é obrigada por Seu Sete Encruzilhada, um enviado do Diabo, a providenciar mais e mais vítimas. No final, a Deusa é destruída por uma mulher religiosa que empunha um crucifixo.

## ENCARNAÇÃO

1978, SP. Cor. 90 min.

**P**• Prodisfilmes **D, F, M**• José Marreco **R**• Paulo de Carvalho Neto **E**• Rubens de Falco, Celso Faria, Cristina Mullins, Darcy Silva, Cristiane Torloni.

Um jovem viúvo mantém viva a memória da esposa, mantendo um aposento em sua casa no qual preserva objetos que lembram a amada. Apesar de muito reservado, ele se apaixona por uma moça e eles se casam. A noiva, intrigada com o quarto sempre trancado, decide desvendar o mistério que envolve a falecida esposa. Adaptação do livro homônimo de José de Alencar, publicado postumamente, contendo elementos sobrenaturais.

## O ESTRIPADOR DE MULHERES

1978, SP. Cor. 94 min.

**P**• Juan Bajon Produções Cinematográficas **D, R**• Juan Bajon **F**• Antonio Ciambra **M**• Walter Wannny **T**• Manuel Paiva **E**• Ewerton de Castro, Renato Master, Carlos Koppa, Mayara de Castro, Aldine Muller.

Rapaz retraído perambula à noite pelas ruas de São Paulo matando mulheres que encontra ao acaso, apunhalando-as à altura do pescoço. A polícia investiga os crimes desse estripador que espalha o pânico pela cidade e acaba prendendo um funcionário de um matadouro, homem rude com histórico de doença mental.

## A MULHER QUE PÕE A POMBA NO AR

1978, SP. Cor. 84 min.

**P**• Panorama Filmes **D**• J. Avelar [José Mojica Marins] **R**• Rosângela Maldonado **F**• Giorgio Attili **M**• Nilcemar Leyart **T**• Isnard Simone e Rosângela Maldonado **E**• Rosângela Maldonado, Heitor Gaiotti, Luandy Maldonado, Walter C. Portella, Carmen Ortega.

A doutora Adelaide, revoltada com a infidelidade conjugal dos homens, atende esposas traídas que desejam punição aos maridos mulhereiros. A cientista desenvolve criaturas aladas, mistura de

mulher e pomba, que atacam os homens quando eles estão com suas amantes. O surgimento das monstruosas criaturas espalha o pânico entre os homens infiéis.

## NINFAS DIABÓLICAS

1978, SP. Cor. 85 min.

**P**• Presença Filmes **D**• John Doo **R**• Ody Fraga e John Doo **F**• Ozualdo R. Candeias **M**• Máximo Barro **T**• Rogério Duprat **E**• Aldine Muller, Sérgio Hingst, Selma Egrei, Ewerton de Castro, Patrícia Scalvi.

Durante viagem de negócios ao litoral, pacato pai de família acaba dando carona a duas moças que acenavam à beira da estrada. Elas o convencem a parar na praia, onde o homem possui uma delas, que em seguida é morta pela outra com uma pedrada. Desesperado, ele foge com a assassina, porém, a morta ressurgiu no banco traseiro do carro e provoca um acidente.



## O CORONEL E O LOBISOMEM

1979, RJ. Cor. 110 min.

**P**• Alcino Diniz Filmes **D, R**• Alcino Diniz **F**• Antônio Gonçalves **M**• Giuseppe Baldacconi **T**• Helvius Vilela e Marco Versiani **E**• Maurício do Valle, Maria Cláudia, Cléa Simões, Jofre Soares, Selma Egrei.

Coronel vive solitário e frustrado na fazenda que herdou do avô, recusado por todas as mulheres a quem pede em casamento. Desesperado, ele retira uma sereia do mar, que se vinga dele levando para as águas o seu galo de estimação. Depois de morar algum tempo na cidade, ele retorna falido à fazenda, onde enfrenta inimigos criados por sua demência. Tônico Pereira interpreta o lobisOMEM.

## UMA ESTRANHA HISTÓRIA DE AMOR

1979, SP. Cor. 98 min.

**P**• Empresa Cinematográfica Haway / Presença Filmes **D**• John Doo **R**• Walter Negrão **F**• Zetas Malzoni **M**• Máximo Barro **T**• Rogério Duprat **E**• Ney Latorraca, Selma Egrei, Lady Francisco, David José, Claudio Cavalcanti.

Professora chega para lecionar em escola primária do interior, e se envolve com rapaz tímido e afetuoso, ao mesmo tempo em que sente atração por homem bruto e rude, que faz despertar nela um intenso desejo sexual. Uma das crianças, uma menina com poderes visionários, pressente a tragédia que ameaça a mestra e tenta resgatá-la do poder do amante.

## UMA FÊMEA DO OUTRO MUNDO

1979, RJ. Cor. 98 min.

**P**• Lança Filmes do Brasil **D, R**• J. Figueira Gama **F**• Roland Henze **M**• George Huntal **T**• Jaime Bochner e Erley José **E**• Kate Lyra, Milton Vilar, Roberto Pirilo, Anilza Leone, Wilson Grey.

Rico empresário conhece uma bela e misteriosa moça, com quem acaba se envolvendo, apesar de pouco saber a respeito dela. Ela marca encontro num cemitério, mas depois desaparece subitamente do quarto de motel aonde o amante a levou. Quando o homem vai procurá-la em seu endereço, a avó dela conta que a neta morreu anos atrás.

## AS FILHAS DO FOGO

1979, SP. Cor. 95 min.

**P**• Lynxfilm / Editora Três **D, R**• Walter Hugo Khouri **F**• Geraldo Gabriel **M**• João Ramiro Mello **T**• Rogério Duprat **E**• Paola Morra, Karim Rodrigues, Rosina Malbouisson, Serafim Gonzalez, Selma Egrei.

Moça chega para visitar uma amiga que vive em casarão no campo, onde acabam conhecendo mulher mais velha que vive na vizinhança. Esta lhes revela que costuma gravar vozes de pessoas mortas e mostra a uma delas alguns de seus registros em áudio, deixando-a assustada. Impressionante história de fantasmas, com momentos ao mesmo tempo apavorantes e sutis.

## A FORÇA DE XANGÔ

1979, RJ. Cor. 100 min.

**P**• Cine TV e Áudio Visual **D, R**• Iberê Cavalcanti **F**• Renato Neumann **M**• Iberê Cavalcanti, Renato Neumann e Leovigildo Cordeiro (Radar) **T**• Sebastião Tapajós **E**• Elke Maravilha, Geraldo Rosa, Grande Otelo, Ivone Lara, Zezé Motta.

Homem preguiçoso e mulhereiro que gosta de jogar capoeira e beber conhece uma bela moça durante o Carnaval. Eles iniciam um relacionamento sério e planejam ter filhos, mas logo o homem volta a se envolver com outras mulheres. Como vingança, sua companheira, filha de lãnsã, pede para que sua mãe de santo invoque um Exu em forma de mulher para castigar o infiel e fazê-lo sofrer.



## A FORÇA DOS SENTIDOS

1979, SP. Cor. 100 min.

**P**• Kinema Filmes **D**• Jean Garrett **R**• Jean Garrett e W. A. Kopecky **F**• Carlos Reichenbach **M**• Eder Mazini **E**• Paulo Ramos, Aldine Muller, Ana Maria Kreisler, Benjamin Cattan, Elizabeth Hartmann.

Escritor de livros fantásticos descobre que a ilha que descrevera em seus contos realmente existe e decide conhecer o local. Logo passa a se relacionar com os poucos moradores e fica obcecado por uma moça surda-muda, que o induz a se deixar seduzir pelas mulheres da ilha. Enquanto isso, descobre que toda noite o cadáver de um homem surge na praia e é devolvido ao mar no alvorecer.

## O MATADOR SEXUAL

1979, SP. Cor. 94 min.

**P**• MQ Filmes **D**• Tony Vieira **R**• Rajá de Aragão **F**• Henrique Borges **M**• Walter Wannny **E**• Tony Vieira, Zilda Mayo, Neide Ribeiro, Suelly Aoki, Célia Artacho.

A cidade de São Paulo é aterrorizada por misterioso assassino de mulheres, um maníaco sexual que ataca prostitutas numa área movimentada da metrópole. O psicopata é um marginal traumatizado na infância, privado do amor materno, que enlouquece e tenta compensar essa carência estrangulando mulheres que persegue na noite.



**O PEIXE ASSASSINO / KILLER FISH / AGGUATO SUL FONDO**  
**1979, RJ/Roma (Itália)/Los Angeles (EUA). Cor. 96 min.**

**P** • Fawcett-Majors Productions / Filmar do Brasil  
**D** • Anthony M. Dawson [Antonio Margheriti]  
**R** • Michael Rogers **F** • Alberto Spagnoli **M** • Roberto Sterbini **T** • Guido De Angelis e Maurizio De Angelis  
**E** • Lee Majors, Karen Black, Margaux Hemingway, Marisa Berenson, James Franciscus.

Quadrilha de assaltantes realiza ousado roubo de pedras preciosas e, para despistar a polícia, joga a valiosa carga num lago, planejando recuperá-la mais tarde. Para se precaver de possíveis traidores, o líder do bando enche o lago com famintas piranhas, que logo começam a atacar os bandidos. Aventura violenta filmada no Brasil, com técnicos italianos e elenco de atores norte-americanos, ofuscada pelo sucesso do similar *Piranha* (1978).

**O CANGACEIRO DO DIABO**  
**1980, SP. Cor. 77 min.**

**P** • Asa Filme Publicidade **D, R** • Tião Valadares  
**F** • Ozualdo R. Candeias **M** • Walter Wannu  
**T** • Roberto Stanganelli **E** • Tião Valadares, Heitor Gaiotti, Claudette Jaubert, Maria Viana.

No sertão nordestino, Januário faz pacto com o Diabo depois que a mulher que ama é forçada a se casar com outro homem. Ele se une ao amigo Izaías, e eles formam um bando de cangaceiros, passando a roubar, matar e saquear por onde passam, tendo a polícia volante em seu encalço. Aventura sertaneja violenta e mística, curiosa pelo toque sobrenatural.

**O JECA E A ÉGUA MILAGROSA**  
**1980, SP. Cor. 106 min.**

**P** • PAM Filmes **D** • Pio Zamuner e Amácio Mazzaropi  
**R** • Kleber Afonso **F** • Pio Zamuner **M** • Walter Wannu  
**T** • Hector Lagna Fietta **E** • Amácio Mazzaropi, Turbío Ruiz, André Luiz de Toledo, Gilda Valença, Geny Prado.

Dois coronéis rivais, donos de terreiros de um-banda e candomblé, disputam a prefeitura de cidadezinha do interior. Um deles é sincero em sua devoção, enquanto o outro é um charlatão oportunista, que faz o povo acreditar numa égua supostamente milagrosa. Último filme de Mazzaropi, morto em 1981, é sua obra mais mística, preocupada com a vida no Além e com a existência de fantasmas.

**JOELMA, 23º ANDAR**  
**1980, SP. Cor/P&B. 98 min.**

**P** • Produções Cinematográficas Souza Lima **D** • Clery Cunha **R** • Dulce Santucci **F** • Claudio Portioli  
**M** • Jair Garcia Duarte **T** • Tibor Reisner **E** • Beth Goulart, Liana Duval, Marly de Fátima, Carlos Marques, Jesse James.

Moça com interesses místicos começa a trabalhar num escritório do edifício Joelma, onde acaba se tornando uma das vítimas fatais de um grande incêndio. Drama com momentos tensos e assustadores, inclui cenas reais da tragédia ocorrida em São Paulo em 1º de fevereiro de 1974, que matou 179 pessoas. Baseado no livro *Somos seis*, psicografado por Francisco Cândido Xavier recebendo espíritos de seis vítimas do incêndio.

**O MÉDIUM: A VERDADE SOBRE A REENCARNAÇÃO**  
**1980, SP. Cor. 76 min.**

**P** • E.C. Marte Filmes **D, R** • Paulo Figueiredo  
**F** • Antônio B. Thomé **M** • Cassiano Esteves  
**E** • Ewerton de Castro, Jussara Freire, Paulo Figueiredo, Geórgia Gomide, Cassiano Ricardo.

Cirurgião arrogante é assombrado pelo fantasma de um médico negro que o acusa de praticar a medicina sem sentimentos. O doutor ignora as ameaças do colega e segue a vida se entregando a aventuras amorosas com a secretária, enquanto sua esposa sofre com a doença do filho. Certo dia, o médico desmaia na mesa de operações e é levado a um mundo paralelo, onde descobre o motivo de sua infelicidade.

**A NOITE DAS TARAS**  
**1980, SP. Cor. 81 min.**

**P** • Dacar Produções Cinematográficas **D** • John Doo, David Cardoso e Ody Fraga **R** • Ody Fraga **F** • Claudio Portioli **M** • Jair Garcia Duarte **E** • Arlindo Barreto, Patrícia Scalvi, Matilde Mastrangi, Arthur Roveder, Roque Rodrigues.

Três marinheiros desembarcam em terra firme e vivem diferentes aventuras. Em “A carta de Érico”, rapaz visita moça com tendências suicidas, que ele nunca viu antes, para lhe entregar uma carta, mas ela tampouco conhece o remetente. No final, é revelado que se trata de um fantasma. No episódio “Peixe fora d’água”, marujo é seduzido por linda bandida e se mete em assalto. Em “Julio e o Paraíso”, velho marinheiro se envolve com cinco moças liberais que planejam matá-lo para ficar com seu dinheiro, culminando num ritual mórbido. Contos eróticos com leves toques de fantasia e violência.

**AQUI, TARADOS**  
**1981, SP. Cor. 77 min.**

**P** • Dacar Produções Cinematográficas **D** • John Doo, Ody Fraga e David Cardoso **R** • Ody Fraga **F** • Claudio Portioli **M** • Jair Garcia Duarte **E** • Zaira Bueno, Sônia Garcia, Alvamar Taddei, John Doo, Arthur Roveder.

Três episódios eróticos, dois deles com toques macabros. Em “A tia de André”, sobrinho cobiça a tia boazuda. Em “A viúva do dr. Vidal”, viúva faz sexo com o advogado dentro do caixão do defunto. Chinês necrófilo, em “O pasteleiro”, aborda uma prostituta na rua e a leva para casa, onde a vítima é anestesiada, morta, esquartejada e moída, servindo como recheio de pastel.

**A COBIÇA DO SEXO**  
**1981-1983, SP. Cor. 82 min.**

**P** • Edward Freund Produções Cinematográficas **D** • Mozael Silveira **R** • Mozael Silveira e Vitor Lustrosa **F** • Afonso Vianna **M** • Walter Wannu e Leovigildo Cordeiro (Radar) **E** • Lameri Faria, Milton Gonçalves, Winston Churchill, Catalina Bonaski, Matilde Mastrangi.

Átila vive numa fazenda com a esposa, que o humilha constantemente. Depois da morte misteriosa da amante, uma empregada da casa, ele faz pacto com o Diabo, a quem oferece a esposa em troca de riquezas. Pouco depois, um padre que passava pelo local em noite de tempestade pede abrigo na fazenda. Ele nota o ambiente estranho da casa e vê o fantasma da mulher assassinada, que lhe mostra sua cova vazia.

**DELÍRIOS ERÓTICOS**  
**1981, SP. Cor. 80 min.**

**P** • Presença Filmes / Brasil Internacional Cinematográfica / E.C. Marte Filmes **D, R** • W. A. Kopezky, Peter Ivan Jozsef Rác e John Doo **F** • Reynaldo Barros **M** • Jair Garcia Duarte **E** • Fábio Villalonga, Rosângela Gomes, Flávio Portho, Arlindo Barreto, Lia Furlin.

Suspense, horror e erotismo em três episódios. Em “Sussurros e gemidos”, um homem é seduzido por espécie de “ninfa da chuva” e desperta nu na floresta, onde encontra vários homens mortos. Em “Ressurreição”, psiquiatra é encarregado de cuidar de moça que acredita estar possuída pelo espírito

de Krishna. Em “Amor por telepatia”, um rapaz e uma moça se observam dentro do ônibus e imaginam como seriam suas vidas se ficassem juntos, com conclusões diferentes.

**DUAS ESTRANHAS MULHERES**  
**1981, SP. Cor. 88 min.**

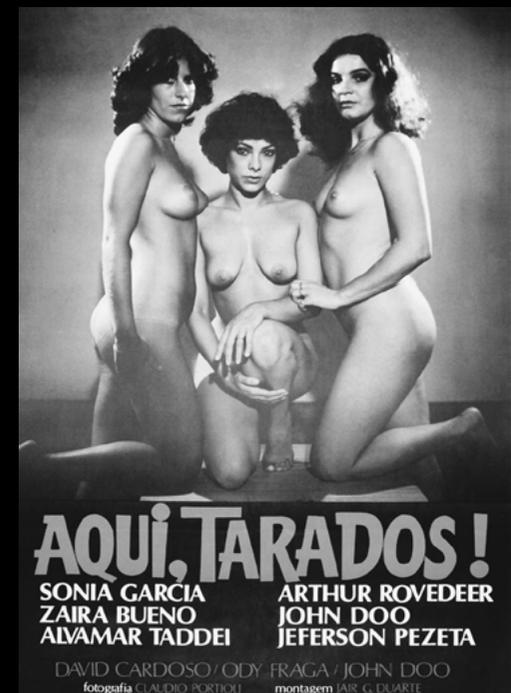
**P** • União Cinematográfica Brasileira / E.C. Marte Filmes **D, M** • Jair Correia **R** • Leila Maria Bueno e Jair Correia **F** • Tony Rabatoni **E** • Hélio Porto, Patrícia Scalvi, John Doo, Zélia Diniz, Fátima Celebrini.

Dois histórias de horror sobrenatural. Em “Diana”, mulher casada com homem bruto conhece casualmente rapaz idêntico ao seu marido, porém de temperamento amável. Em “Eva”, um homem desperta com as feições de outra pessoa, vítima de um acidente de carro. Em viagem de negócios, ele dá carona a uma mulher que vai identificar o corpo do marido, morto em desastre automobilístico.

**AS NINFAS INSACIÁVEIS**  
**1981, SP. Cor. 85 min.**

**P** • E.C. Marte Filmes **D** • John Doo **R** • W.A. Kopezky e John Doo **F** • Antonio Meliande **M** • Cassiano Esteves **E** • Zilda Mayo, Flávio Portho, Alvamar Taddei, Tânia Gomide, Roque Rodrigues.

Quatro moças, que se dizem estudantes, acampam numa praia, onde uma delas se interessa por um pescador que mora perto dali com as duas filhas. Contrabandistas surgem no local para desenterrar caixas de uísque e são flagrados pelas estudantes, que seduzem os bandidos com a ajuda das filhas do pescador. Um violento confronto acontece, revelando que as moças são ninfas sobrenaturais.



## PORNÔ

1981, SP. Cor. 82 min.

**P**• Dacar Produções Cinematográficas **D**• Luiz Castellini, David Cardoso e John Doo **R**• Ody Fraga **F**• Claudio Portioli **M**• Jair Garcia Duarte **T**• Ronaldo Lark **E**• David Cardoso, Patrícia Scalvi, Matilde Mastrangi, Zélia Diniz, Arthur Roveder.

Três episódios eróticos, o último deles com toques fantásticos. Em “As gazelas”, estudante colegial seduz amiga em casa. Em “O prazer da virtude”, mulher veste hábito de freira para agradar o parceiro. Em “O gafanhoto”, mulher cega, mas capaz de enxergar através de espelhos dos cômodos de sua mansão, mantém um rapaz preso no local para lhe fazer companhia. Este, como vingança, tortura a mulher obrigando-a a transar com um gafanhoto.

## A REENCARNAÇÃO DO SEXO

1981, SP. Cor. 85 min.

**P**• Cláudio Cunha Cinema & Arte **D, R**• Luiz Castellini **F**• Claudio Portioli **M**• Eder Mazini **E**• Patrícia Scalvi, Artur Roveder, Roque Rodrigues, Lia Farrel, Lídia Di Paula.

Pai de família furioso e enciumado com o romance da filha com um empregado da casa mata o rapaz a golpes de machado e enterra o corpo no quintal. A moça, em transe, encontra a cova e corta a cabeça do cadáver, enterrando-a num vaso. Dez anos depois, a casa é alugada por outras pessoas e a cabeça decepada as induz telepaticamente a matar seus respectivos parceiros.



## BANQUETE DE TARAS

1982, RJ. Cor. 79 min.

**P**• W.C. Filmes **D, R**• Carlos Alberto Almeida **F**• Jorge da Silva **M**• Severino Dadá **T**• Wagner Pappette **E**• Jotta Barroso, Sérgio Madureira, Bianca Blonde, Kelly Berg, Newton Couto.

Homem estranho chega à mansão de jovem escultor, em Nova Friburgo, dizendo ter vindo da Transilvânia para cuidar de interesses do tio do rapaz, morto há 500 anos, mas ainda vivo em espírito. O escultor precisa fazer sexo com quatro mulheres diferentes durante quatro noites seguidas, para saciar o desejo de sangue do tio vampiro. Terror erótico, com um pálido imitador de Christopher Lee.

## BONECAS DA NOITE

1982, SP. Cor. 80 min.

**P**• Íris Produções Cinematográficas **D**• Mário Vaz Filho e Antonio Meliande **R**• Mário Vaz Filho e Luiz Castellini **F**• A.J. Moreiras e Antonio Meliande **M**• Eder Mazini **T**• Jairo Ferreira **E**• Fábio Villalonga, Vanessa Alves, Rubens Pignatari, Eudes Carvalho, Maristela Moreno.

Horror e erotismo em dois episódios. Em “Noite infinita”, gigolô conhece uma moça que o convida para noite de prazeres. Ao visitar a chácara dela, ele descobre que a família da moça trabalha no ramo de frios e laticínios, mantendo cadáveres humanos no frigorífico. Em “A noite do estrangulador”, rapaz decide se livrar da irmã, a quem nutre intenso ódio, aproveitando a série de assassinatos de prostitutas que ocorre na vizinhança.

## O CASTELO DAS TARAS

1982, SP. Cor. 84 min.

**P**• Dorival F. Coutinho Produções Cinematográficas **D**• Julius Belvedere **R**• Dorival Coutinho e Julius Belvedere **F**• Sérgio Mastrocola **M**• Máximo Barro **T**• Manuel Paiva e Luiz Chagas **E**• Dorival Coutinho, Esmeralda Barros, Margareth Souto, Ely Silva, Sebastião A. Siqueira.

Três moças, estudantes de parapsicologia, acompanham a professora em visita a um misterioso castelo localizado num vilarejo isolado. A mestra, porém, revela-se uma sacerdotisa do mal e invoca o espírito do terrível Marquês de Sade, que encarna num jovem pastor protestante que começa a violentar e matar várias mulheres.

## EXCITAÇÃO DIABÓLICA

1982, SP. Cor. 86 min.

**P**• Thomé Filmes **D, R**• John Doo **F**• Claudio Portioli **M**• João de Alencar **E**• Aldine Muller, Zaira Bueno, André Loureiro, José Lucas, Wanda Kosmo.

Três motoqueiros arruaceiros provocam uma prostituta de rua decadente e vulgar. Enfurecida, a mulher usa poderes sobrenaturais e se vinga através de feitiços, fazendo com que a enxerguem de maneiras diferentes. A velha surge como a mulher do desejo de cada um deles, seduzindo-os e os levando a um destino terrível.

## INSTINTO DEVASO

1982-1987, SP. Cor. 80 min.

**P**• Omega Filmes / E.C. Marte Filmes **D, R**• Luiz Castellini **F**• Carlos Reichenbach **M**• Wanderley Klein e Eder Mazini **E**• Patrícia Scalvi, Ênio Gonçalves, Malu Braga, Genilson de Souza, Eudes Carvalho.

Homem rico, obcecado com a ideia da morte, abandona a esposa e se envolve com uma prostituta, que leva para sua casa de praia. Quando chegam ao local, ele se revela um psicopata e a prende na casa, torturando-a com escorpiões e discursos megalômanos. Drama de horror psicológico filmado em 1982 e lançado somente cinco anos depois.

## LILIAM, A SUJA

1982, SP. Cor. 77 min.

**P**• Galante Produções Cinematográficas **D, F**• Antonio Meliande **R**• Antonio Meliande e Rajá de Aragão **M**• Eder Mazini **E**• Lia Furlin, Felipe Levy, Luiz Carlos Braga, Roque Rodrigues, Leonor Lambertini.

Lilium, secretária que vive no subúrbio paulistano, sustenta a mãe paraplégica submetendo-se ao constante assédio do patrão. À noite, seduz ricos solitários em casas noturnas, faz sexo com eles e, após satisfazer seus desejos, mata-os impiedosamente, deixando uma rosa e a frase “Lilium, a suja” escrita com sangue.

## O SEGREDO DA MÚMIA

1982, RJ. Cor/P&B. 81 min.

**P**• Mapa Filmes / Super 8 Produções **D**• Ivan Cardoso **R**• Rubens F. Lucchetti **F**• João Carlos Horta, César Elias e Renato Laclette **M**• Ricardo Miranda, Cris Altan e Gilberto Santeiro **T**• Júlio Medaglia **E**• Anselmo Vasconcelos, Clarice Piovesan, Wilson Grey, Regina Casé, Evandro Mesquita.

Cientista excêntrico descobre no Egito a múmia de Runamb, que no passado foi um assassino de mulheres condenado à morte. O doutor traz a múmia de volta à vida para desenvolver um soro da imortalidade, mas a criatura começa a raptar mulheres indefesas, levando-as para a mansão do cientista. Um dos exemplares “terrir” de Ivan Cardoso, com participação de José Mojica Marins no prólogo.



## MOMENTOS DE PRAZER E AGONIA

1983, RJ. Cor. 91 min.

**P**• Rossana Ghessa Produções Cinematográficas **D, M**• Adnor Pitanga **R**• Adnor Pitanga e Vital Filho **F**• Ruy Santos **T**• Antonio Krisnas **E**• Rossana Ghessa, Anthony Steffen, Rinaldo Genes, Elena Andrea, Marcos Wainberg.

Professora ginásial se muda da cidade grande para lecionar no interior, tentando superar caso conturbado que viveu com outra mulher. Ela se envolve com um rico fazendeiro da região e reinicia o romance com a ex-amante, que surge para uma visita inesperada. Ao mesmo tempo, mortes violentas acontecem no bosque, a começar por uma jovem aluna. Trama de suspense com assassino em série, segue a fórmula do gênero.

## A NOITE DAS TARAS Nº 2

1983, SP. Cor. 82 min.

**P**• Dacar Produções Cinematográficas **D**• Claudio Portioli e Ody Fraga **R**• Ody Fraga **F**• Claudio Portioli **M**• Jair Garcia Duarte **E**• David Cardoso, Matilde Mastrangi, Ênio Gonçalves, Wanda Kosmo, Liana Duval.

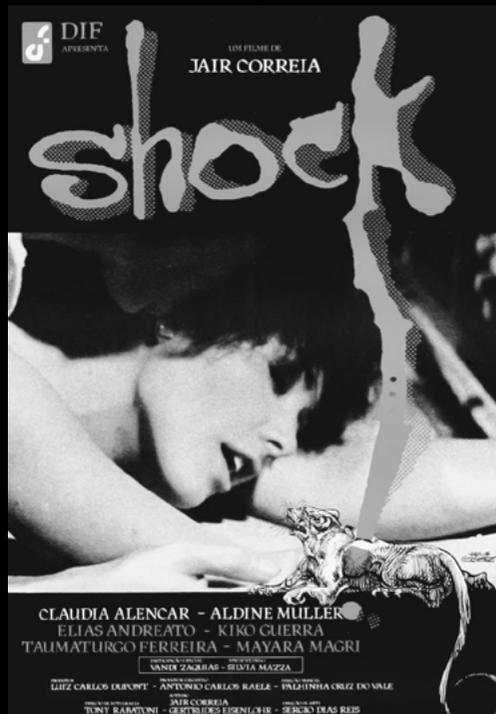
Dois contos eróticos. Em “Solo de violino”, rapaz vive relação tempestuosa com a mãe, ressentida com o falecido marido, de quem o rapaz herdou um violino e a paixão pela música. Devido ao ódio da mãe, ele se torna psicopata e passa a estrangular prostitutas. O episódio “A guerra da Malvina” brinca com o astro David Cardoso, cuja mansão é invadida por criminosas lideradas por Mastrangi.

## KARMA: ENIGMA DO MEDO

1984, SP. Cor. 80 min.

**P**• Virgínia Filmes **D**• F. Faez [Fauzi Mansur e Custódio Gomes] **R**• W. A. Kopezky **F**• Custódio Gomes e Henrique Borges **M**• João de Alencar **E**• Alan Fontaine, Tatiana Mogambo, Heitor Gaiotti, Custódio Gomes, Tony Paez.

Casal de irmãos se prepara para a inauguração de seu hotel-fazenda, mas o rapaz morre misteriosamente no exato momento em que um empregado sacrificava um porco deformado. A alma do morto é recebida por espírito bondoso, que lhe explica ter acontecido no local, há muito tempo, uma violenta chacina e que chegou o momento dos desgraçados serem vingados.



## A MULHER SERPENTE E A FLOR

1984, SP. Cor. 87 min.

**P**• Empresa Cinematográfica Haway **D, F, M**• José Marreco **R**• Benedito Ruy Barbosa **T**• Cacá Bloise e Aroldo Santarosa **E**• Ciça Manzano, Rosemar Schick, Eduardo Tornaghi, Juca de Oliveira, Patrícia Scalvi.

Moça abandona o noivo no altar e se refugia numa casa de praia, onde acaba se apaixonando por uma vizinha misteriosa. Ao descobrir reveladores segredos de família, ela é estuprada por um maniaco e envolvida em trama de vingança, sadismo e morte. Suspense violento, baseado no conto “A serpente e a flor”, de Cassandra Rios.

## AS RAINHAS DA PORNOGRAFIA

1984, SP. Cor. 85 min.

**P**• Virgínia Filmes **D**• Vitor Triunfo [Fauzi Mansur] **R**• W. A. Kopezky e Vitor Triunfo [Fauzi Mansur] **F**• Gesvaldo Arjones Abril **M**• Joaquim Rodrigues de Souza **T**• Izat Izagy **E**• Alam Fontaine, Kristina Keller, Mara Carmem, Gisa Delamare, Oásis Minitti.

Quatro atores se perdem da equipe de produção de um filme e ficam à deriva num barco. Chegam a uma ilha habitada por tribo selvagem e acabam sendo capturados, descobrindo que os primitivos foram vítimas de experiências genéticas realizadas por médico louco. Os índios são comandados por um fauno, ser metade humano, metade cabrito, que toca sua flauta e induz a todos a praticar orgias sexuais.

## SHOCK

1984, SP. Cor. 78 min.

**P**• DIF Distribuidora Internacional de Filmes **D, M**• Jair Correia **R**• Jair Correia e Gertrudes Eisenlohr **F**• Tony Rabatoni **T**• Palhinha Cruz do Vale **E**• Cláudia Alencar, Aldine Muller, Elias Andreato, Taumaturgo Ferreira, Mayara Magri.

Integrantes de uma banda de rock e suas namoradas são aterrorizados, depois de festa realizada numa casa afastada, por homicida misterioso. Após cometer os crimes, o psicopata toca bateria, atormentando psicologicamente os poucos que ainda permanecem no local, refugiados num cômodo e tentando resistir até o nascer do dia.

## ESPELHO DE CARNE

1985, RJ. Cor. 106 min.

**P**• Enigma Produções Cinematográficas **D R**• Antonio Carlos Fontoura **F**• Carlos Egberto **M**• Denise Fontoura **T**• David Tygel **E**• Hileana Menezes, Denis Carvalho, Maria Zilda, Daniel Filho, Joana Fomm.

Homem compra em leilão um espelho que pertenceu a famoso bordel e o presenteia à esposa. O objeto exerce estranho fascínio sobre as pessoas, despertando a luxúria e o desejo sexual, inclusive no casal de amigos que visita o apartamento com frequência. Os casais se entregam livremente aos prazeres do sexo, até que a esposa vê no espelho um homem barbudo com cascos de bode.

## ESTRELA NUA

1985, SP. Cor. 83 min.

**P**• Olympus Filme **D, R**• Ícaro C. Martins e José Antônio Garcia **F**• Antonio Meliande **M**• Eder Mazini **T**• Arrigo Barnabé **E**• Carla Camuratti, Cristina Aché, Ricardo Petraglia, Selma Egrei, Jardel Mello.

Jovem atriz tem grande oportunidade profissional ao ser contratada por um importante estúdio de dublagem. Um de seus primeiros trabalhos é dublar a voz de uma problemática estrela que acabou de se suicidar. No entanto, a personalidade da morta aos poucos passa a se manifestar fantasmagoricamente em sua substituta, deixando-a transtornada.

## GOZO ALUCINANTE

1985, SP. Cor. 90 min.

**P**• MASP Filmes **D**• Jean Garrett **R**• Jean Garrett, Ody Fraga, Mário Vaz Filho e Marco Rosa **F**• Carlos Reichenbach **M**• João de Alencar **T**• Henry Pollak **E**• Débora Muniz, Jaime Cardoso, Sílvia Dumont, Robert Sampson.

Mulher incapaz de atingir o orgasmo consulta um terapeuta, mas acaba sendo raptada pouco depois. No cativeiro, é submetida a sessões de sado-masochismo e, ao tentar fugir, é escolhida para ser sacrificada em cerimônia de magia negra. Pornô com elementos de horror e ficção científica.

## OS ANOS DOURADOS DA SACANAGEM

1986, SP. Cor. 48 min.

**P**• Cult Vídeo **D**• Paolo Antonione **R**• Paolo Antonione, Severino Vertove e Timel Zinemote **F**• Severino Vertove **M**• Timel Zinemote **E**• Sandra Morelli, Niceias Dutra, Denise Belmont, Henry Pepper.

Garotinho é flagrado pelo avô assistindo filme pornô escondido. O velho decide lhe ensinar uma lição e mostra sua coleção de revistinhas de quadrinhos eróticos. Duas histórias dos “catecismos” de Carlos Zéfiro são adaptadas para o formato do sexo explícito, a segunda delas com um padre que se vê obrigado a copular com uma moça pecadora para exorcizar o Demônio que possui o corpo dela, imitando diversas passagens do filme *O exorcista* (1973).

## ARREPIOS

1986, SP. Cor. 90 min.

**P**• N Produções Cinematográficas **D, R**• Syllas Bueno e Carlos Nascimento **F, M**• Carlos Nascimento **E**• Lya Soul, Kelly Muriel, Karine Miranda, Custódio Gomes, Chumbinho.

Pornô de produção barata em episódios. Na época, foi anunciado como a primeira produção brasileira a combinar sexo explícito com enredos de terror. Entre as bizarras atrações estão uma aranha mutante e um monstro das cavernas. Relançado, em 1992, com o título *Aberrações*.

## A HORA DO MEDO

1986, SP. Cor. 78 min.

**P**• Platéia Filmes **D, R**• Francisco Cavalcanti **F**• Salvador do Amaral **M**• Walimir Dias **T**• Francisco Cavalcanti e Walimir Dias **E**• Francisco Cavalcanti, Marie Edelgunde Platz Wichering, Alberto Karlinski, Ely Silva, Fabrício Cavalcanti.

Um rapaz mentalmente abalado devido a trauma na infância, quando testemunhou o pai torturando uma mulher durante o sexo, tem surtos homicidas sempre que se relaciona com alguma moça na intimidade. A mãe dele, cúmplice nos crimes, encarrega-se de arrumar novas vítimas e saciar o apetite do filho por sexo e sangue. Depois de mortas, elas são enterradas em cemitério improvisado no quintal.

## PERDIDOS NO VALE DOS DINOSSAUROS / NUDO E SELVAGGIO

1986, RJ/Roma (Itália). Cor. 87 min.

**P**• Doral Filmes **D, R, M**• Michele Massimo Tarantini **F**• Edison Batista **T**• Maurizio de Angelis **E**• Michael Sopkiw, Suzane Carvalho, Milton Rodrigues, Marta Anderson, Carlos Imperial.

Uma expedição particular parte em pequeno avião rumo à floresta amazônica em busca de um local proibido, onde encontram-se valiosos achados arqueológicos. O avião sofre acidente e cai na selva, matando o piloto e alguns membros do grupo. Os sobreviventes se embrenham na selva e enfrentam sanguessugas, piranhas, jacarés, cobras, areia movediça e índios canibais.

## AS SETE VAMPIRAS

1986, RJ. Cor/P&B. 90 min.

**P**• Super 8 Produções Cinematográficas **D**• Ivan Cardoso **R**• Rubens F. Lucchetti **F**• Carlos Egberto **M**• Gilberto Santeiro **T**• Júlio Medaglia **E**• Nicole Puzzi, Nuno Leal Maia, Andréa Beltrão, Simone Carvalho, Lucélia Santos.

Coreógrafa infectada por mordida de planta carnívora se transforma em vampira e vive reclusa em casa, alimentando-se de vítimas atacadas nas madrugadas escuras. Ela aceita o convite de um amigo e cria o balé “A dança das sete vampiras” para uma boate carioca frequentada por um detetive particular, sua secretária e o policial encarregado de investigar as mortes.

## OS FANTASMAS TRAPALHÕES

1987, RJ. Cor. 85 min.

**P**• Renato Aragão Produções Artísticas / DEMUZA Produções Cinematográficas / Art Films / Cinematográfica Sul **D**• J.B. Tanko **R**• J.B. Tanko e Domingos Demasi **F**• Nonato Estrela **M**• Diana Vasconcellos **T**• Ugo Marotta **E**• Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum, Zacarias, Bia Seidl.

Quatro vendedores de artesanato de beira de estrada se envolvem em perseguição de carros e so-correm um velho que, antes de morrer, fala sobre

uma fortuna escondida num quadro no castelo de seu falecido irmão. Os Trapalhões, acompanhados por um delegado de polícia, seguem para o castelo, onde enfrentam assombrações e bandidos que querem se apoderar do dinheiro.

## GEMIDOS & SUSSURROS

1987, SP. Cor. 77 min.

**P** • Empresa Cinematográfica Rossi **D, R, M** • Raffaele Rossi **F** • Raffaele Rossi e Pio Zamuner **E** • Zaira Bueno, Claudette Joubert, Grace Beck, Tekka Lanza, Cesar Robertho.

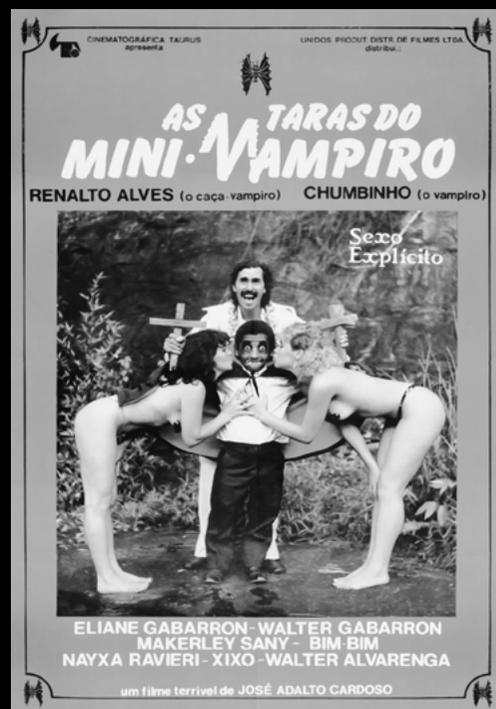
Três episódios com sexo explícito. Em “Gemidos e sussurros”, mulher flagra o marido na cama com outra e decide arrumar um amante. Horror e falso sobrenatural se misturam ao sexo em “A casa dos prazeres proibidos”, no qual rica e jovem condessa, adepta do sadomasoquismo, é atraída à sala de torturas e participa de orgias violentas. “Corpos ardentes” traz mulheres que se sujeitam a fazer sexo com animais.

## A MENINA DO SEXO DIABÓLICO

1987, SP. Cor. 93 min.

**P** • Panorama Vídeo Filmes / Magalhães Produções de Filmes **D, R, T** • Mario Lima **F** • Virgílio Roveda **M** • Roberto Leme **E** • Makerley Sany, Walter Gabarron, Nelson Magalhães, Elza Leonetti do Amaral.

Moça virgem, no despertar da sexualidade, sofre frustração amorosa e decide se mudar da cidade grande para o sítio de um primo, onde descobre o amor e sofre abuso sexual. Pornô trágico, com desfecho sobrenatural, lançado em versão sem sexo explícito como *A vingança diabólica* (1988).



## AS TARAS DO MINI VAMPIRO

1987, SP. Cor. 61 min.

**P** • Unidos Prod. Distr. Filmes / E. Szankovski Prods. Cinemats. **D, R, M** • José Adalto Cardoso **F** • Renalto Alves **T** • Walter Alvarenga **E** • Renalto Alves, Chumbinho, Bim Bim, Makerley Sany.

Vampiro anão aterroriza cidadezinha caipira atacando casais de namorados em seus momentos de intimidade. A notícia se espalha e um caçador de vampiros profissional é chamado para resolver o caso, mas ele encontra o pequenino chupador de sangue fraco e incapaz de atacar. Pornô cômico de horror com o anão Chumbinho no papel de vampiro.

## ATRAÇÃO SATÂNICA / SATANIC ATTRACTION

1989, SP. Cor. 103 min.

**P** • J. D'Ávila Produções Cinematográficas **D** • Fauzi Mansur **R** • Felipe Grecco e Fauzi Mansur **F** • Antonio Meliande **M** • Eder Mazini **T** • Júlio Medaglia **E** • Ênio Gonçalves, Gabriela Toscano, André Loureiro, Cláudia Alencar, Vera Zimmerman.

Num recanto tropical, psicopata esquarteja jovens mulheres para alimentar o túmulo de sua irmã com o sangue das vítimas, tentando trazê-la de volta à vida. A menina foi sacrificada num pacto com o Demônio, e agora ele a deseja como amante. Uma radialista cria polêmica ao narrar os crimes sangrentos antes de se tornarem realidade. Produção falada em inglês, realizada para o mercado estrangeiro.

## O ESCORPIÃO ESCARLATE: UMA AVENTURA DO ANJO

1990-1993, RJ. Cor/P&B. 85 min.

**P** • Topázio Filmes / Side Walk **D** • Ivan Cardoso **R** • Rubens F. Lucchetti **F** • José Tadeu, Renato Laçete e Carlos Egberto **M** • Gilberto Santeiro **T** • Júlio Medaglia e Gilberto Costa **E** • Herson Capri, Andréa Beltrão, Nuno Leal Maia, Monique Evans, Isadora Ribeiro.

Anjo é o intrépido herói de um seriado de rádio de muito sucesso, no qual enfrenta seu arqui-inimigo, o bandido encapuzado Escorpião Escarlata. Uma das ouvintes é uma tímida estilista, que se imagina em meio às aventuras, enquanto ocorrem crimes na cidade, imitando as mortes do programa. Divertido tributo às antigas novelas de rádio, baseado no herói criado por Álvaro Aguiar.

## RITUAL MACABRO / THE RITUAL OF DEATH

1991, SP. Cor. 84 min.

**P** • J. D'Ávila Produções Cinematográficas **D** • Fauzi Mansur **R** • Filipe Grecco e Anthony Roark **F** • Antonio Meliande **M** • Dalete Cunha e João Alencar **T** • Michael Kelly **E** • Olair Coan, Carina Palatinik, Tião Hoover, Sérgio Hingst, Lillian Ramos.

Raro e valioso livro contendo informações sobre antigos rituais indígenas de pajelança é roubado por

integrantes de grupo de teatro. Eles planejam encenar uma peça baseada nos textos do livro, mas durante os ensaios um dos membros da companhia é possuído por entidade sobrenatural e começa a matar os demais, enquanto seu corpo se deteriora.

## OLHOS DE VAMPA

1996, SP. Cor. 74 min.

**P** • Magia Filmes **D, R** • Walter Rogério **F** • Claudio Portioli **M** • Michael Ruman **T** • Wilson Sukorski **E** • Marco Ricca, Washington Luiz Gonzales, Christiane Triccerri, Antônio Abujamra, Joel Barcellos.

Criminoso ataca jovens mulheres no bairro de Pinheiros, em São Paulo, chupando o sangue das vítimas com mordida nas nádegas e deixando-as com um pêssego na boca. Um policial determinado e um fotógrafo da perícia, que quase chega ao êxtase quando clica as mulheres mortas, são destacados para solucionar o caso.

## ANACONDA

1997, RJ/Lima (Peru)/Los Angeles (EUA). Cor. 89 min.

**P** • Skylight Cinema / Iguana Producciones / Cinema Line Film **D** • Luis Llosa **R** • Hans Bauer, Jim Cash e Jack Epps Jr. **F** • Bill Butler **M** • Michael R. Miller **T** • Randy Edelman **E** • Jennifer Lopez, Ice Cube, Jon Voight, Eric Stoltz, Jonathan Hyde.

Grupo de documentaristas se embrenha na selva amazônica à procura de antiga tribo indígena desaparecida. Navegam pelo rio e resgatam um naufrago que se apresenta como caçador de cobras, prometendo levá-los até os índios. O excêntrico e traiçoeiro caçador, na verdade, pretende capturar uma enorme anaconda, mortífera cobra da família das sucuris. Aventura de terror filmada em Manaus.

## A REUNIÃO DOS DEMÔNIOS

1998, SP. Cor. 78 min.

**P** • CN Cine / Canoas Filmes / Casa de Produção / Cinemacentro do Brasil / Filmmaker **D, R** • Antônio S. Cecílio Neto **F** • Aloysio Raulino e Joel Lopes **M** • Michael Ruman **T** • Oswaldo Sperandio **E** • Cláudio Marzo, Walderez de Barros, Guto Coelho, Júlio Torres, Ronaldo França.

Numa cidadezinha do interior, no começo dos anos 1960, três meninos começam a acreditar que têm o poder de invocar o Demônio quando o professor deles sofre um acidente de carro logo depois que desejaram sua morte. Os garotos, amigos inseparáveis, decidem testar seus supostos poderes sobrenaturais e realizam ritual demoníaco improvisado. Drama sobre o dilema da escolha entre o bem e o mal.

## SIMÃO, O FANTASMA TRAPALHÃO

1998, RJ. Cor. 76 min.

**P** • Renato Aragão Produções Artísticas / Globo Filmes **D** • Paulo Aragão **R** • Renato Aragão **F** • Cezar Moraes **M** • Diana Vasconcellos **T** • Renato

Aragão Júnior, Lincoln Olivetti e Caxa Aragão **E** • Renato Aragão, Dedé Santana, Roberto Guilherme, Fernanda Rodrigues, Marcelo Augusto.

Rico casal de velhos compra um castelo mal-assombrado e se muda para o local com seus netos e os atrapalhados empregados Didi e Dedé. A família, interessada em fantasmas, tenta se comunicar com Simão, o espectro que assombra o castelo, mas Didi o deixa irritado ao apelidá-lo de “fantasma bundão”. Comédia infantil com a dupla remanescente da trupe Os Trapalhões.

## GÊMEAS

2000, RJ. Cor. 68 min.

**P** • Conspiração Filmes / Globosat / Casablanca Brazil / Rio Vermelho **D** • Andrucha Waddington **R** • Elena Soarez **F** • Breno Silveira **M** • Sérgio Mekler **T** • Michelle Dibucci **E** • Fernanda Torres, Evandro Mesquita, Francisco Cuoco.

As gêmeas idênticas Marilena e Iara se divertem pregando peças nos homens com os quais se envolvem, fazendo-se passar uma pela outra. Quando Marilena se apaixona por um rapaz e decide não compartilhá-lo com Iara, esta começa a se passar pela irmã em encontros furtivos. Suspense psicológico baseado na obra de Nelson Rodrigues, com atmosfera fatalista e decadente, inspirado no tema do duplo maligno.

## ABELHAS: ATAQUE MORTAL / FLYING VIRUS

2001, SP/Los Angeles (EUA). Cor. 96 min.

**P** • FWP Productions / Swen do Brasil **D, R** • Jeff Hare **F** • Brad Rushing **M** • Edward R. Abroms **T** • Alex Wilkinson **E** • Gabrielle Anwar, Rutger Hauer, Craig Sheffer, David Naughton, Duncan Regehr.

Uma jornalista americana cobre rebelião indígena na floresta amazônica, onde índios da tribo Povo da Sombra atacam instalações petrolíferas dos EUA que estão poluindo a região. A repórter descobre casualmente uma conspiração do Governo para espalhar na região abelhas assassinas que carregam um vírus letal. Coprodução EUA/Brasil filmada em Ubatuba, litoral paulista.

## O XANGÔ DE BAKER STREET

2001, RJ/Lisboa (Portugal). Cor. 123 min.

**P** • Skylight Cinema / MGN Filmes / RTP **D** • Miguel Faria Jr. **R** • Patrícia Melo **F** • Lauro Escorel **M** • Diana Vasconcellos **T** • Edu Lobo **E** • Joaquim de Almeida, Marco Nanini, Anthony O'Donnell, Maria de Medeiros, Cláudia Abreu.

Durante a visita da atriz francesa Sarah Bernhardt ao Rio de Janeiro, em 1886, o misterioso roubo de um violino Stradivarius traz ao país o famoso detetive inglês Sherlock Holmes. Ele investiga o furto e descobre relação com onda de crimes, nos quais mulheres são degoladas nas ruas escuras e têm as orelhas cortadas por *serial killer* desconhecido. Adaptação do livro homônimo de Jô Soares.

## O MANÍACO DO PARQUE

2002-2009, SP. Cor. 74 min.

**P** • Cometa Filmes **D** • Alex Prado **R** • Solange Queiróz **F** • Renato Alves **M** • Walmir Dias **T** • Bernardo Gebara **E** • Cláudio Mello, Claudio Paulo, Cleber Armeloni, Daiane Brito, Franklin Fiuza.

O motoboy Francisco de Assis Pereira, após enfrentar decepções amorosas, decide se vingar das mulheres. Dominado por espírito mau, seduz belas moças dizendo ser fotógrafo de moda. Ele promete transformá-las em modelos famosas e as atrai para matagal, onde as estupra e mata. Produção baseada no caso verídico do assassino que violentou e estrangulou várias mulheres em 1998.

## O CORONEL E O LOBISOMEM

2005, RJ. Cor. 103 min.

**P** • Natasha Filmes **D** • Maurício Farias **R** • Guel Arraes, João Falcão e Jorge Furtado **F** • José Roberto Eliezer **M** • Carlos Roberto Mendes **T** • Milton Nascimento e Caetano Veloso **E** • Diogo Vilela, Selton Mello, Ana Paula Arósio, Tônico Pereira, Pedro Paulo Rangel.

Quando se encontra em vias de perder suas propriedades para um rival, coronel argumenta em tribunal que seu adversário é um lobisOMEM dissimulado. Para provar a tese, relembra a trajetória de ambos, quando herdou terras e fortuna do pai e se apaixonou por uma bela prima que desgraçadamente acabou se casando com seu oponente. Comédia sobrenatural baseada na obra homônima de José Cândido de Carvalho.

## UM LOBISOMEM NA AMAZÔNIA

2005, RJ. Cor. 75 min.

**P** • Diler & Associados **D** • Ivan Cardoso **R** • Rubens F. Lucchetti **F** • José Guerra **M** • João Paulo Carvalho, Aruanã Cavalleiro, Sérgio Marini e Fernando Vidor **T** • Mú Carvalho **E** • Paul Naschy, Evandro Mesquita, Danielle Winitz, Nuno Leal Maia, Tony Tornado.

Grupo de jovens faz expedição à floresta amazônica para experimentar chá alucinógeno, enquanto diversos moradores de localidade próxima são brutalmente mortos por um animal selvagem desconhecido. O delegado da cidade e um biólogo americano investigam o caso, enquanto o sinistro dr. Moreau realiza experiências genéticas baseadas no diário do cientista nazista Josef Mengele.

## ACREDITE, UM ESPÍRITO BAIXOU EM MIM

2006, MG. Cor. 94 min.

**P** • FAM Filmes / Cangaral Produções **D** • Jorge Moreno **R** • Ronaldo Ciamboni e Rodrigo Campos **F** • Markão **M** • Cristiane Nery, João Marinho e Sílvia Pinheiro **T** • Vandder Lima **E** • Ilvio Amaral, Maurício Ganguçu, Marília Pêra, Arlete Salles, Cláudia Mauro.

Homossexual assumido morre tragicamente e seu espírito fica vagando no Além, inconformado com seu destino, até que ele descobre ser capaz de influenciar os vivos. Decide, então, encarnar num homem machista, fazendo-o passar por diversas situações constrangedoras. Comédia gay sobrenatural adaptada da peça de teatro homônima de Ronaldo Ciamboni, que fez muito sucesso nos palcos mineiros.

## FICA COMIGO ESTA NOITE

2006, RJ. Cor. 74 min.

**P** • Diler & Associados **D, R** • João Falcão **F** • Mauro Pinheiro Jr. **M** • Natara Ney **T** • Robertinho de Recife **E** • Vladimir Brichta, Gustavo Falcão, Laura Cardoso, Milton Gonçalves, Alinne Moraes.

Edu e Laura se conhecem numa livraria e o romance logo resulta em casamento. Ele faz sucesso como músico de rock, e sua vida conjugal entra em crise. Antes que possa fazer as pazes com a esposa, Edu morre subitamente e, na forma de fantasma, tenta de tudo para passar a última noite na companhia da amada, ajudado por um espectro egoísta. Comédia romântica com temática sobrenatural.

## O SARCÓFAGO MACABRO

2006, RJ. Cor/P&B. 53 min.

**P** • Topázio Filmes **D, R** • Ivan Cardoso **F** • Jacques Cheuiche, Renato Laclete, Carlos Egberto, João Carlos Horta e César Elias **M** • Francisco Sérgio Moreira **T** • Mú Carvalho **E** • Carlo Mossy, Tony Tornado, Wilson Grey, Jane Silk, Luiza Mariani.

Agente do FBI encontra o diário secreto do oficial nazista Heinrich Himmler entre documentos do Pentágono, e descobre um mirabolante plano de fuga para o Brasil mantido por oficiais do Terceiro Reich: diante da iminente derrota na guerra, Adolf Hitler e seus asseclas se disfarçam de múmias e são despachados aos trópicos por um cientista brasileiro. Colagem de cinejornais e restos de filmagens de *O segredo da múmia* (1982).

## CORPO

2007, SP. Cor. 85 min.

**P** • Confeitaria de Cinema / Glaz Entretenimento **D, R** • Rossana Foglia e Rubens Rewald **F** • Márcio Langeani **M** • Idê Lacrete **T** • Eduardo Queiroz **E** • Leonardo Medeiros, Rejane Arruda, Chris Couto, Louise Cardoso, Regiane Alves.

Médico legista se depara com um mistério quando chega ao necrotério e vê o cadáver de uma jovem mulher encontrado junto de ossos desenterrados de uma vala comum. As análises indicam que o corpo tem mais de trinta anos, mas, por alguma estranha razão, manteve-se preservado. Ao investigar o caso, o legista encontra a filha de uma guerrilheira e descobre que a moça é idêntica ao cadáver.

## O HOMEM QUE DESAFIOU O DIABO

2007, RJ. Cor. 106 min.

**P** • Filmes do Equador / Produções Cinematográficas LC Barreto **D** • Moacyr Góes **R** • Moacyr Góes e Bráulio Tavares **F** • Jacques Cheuiche **M** • Letícia Giffoni **T** • André Moraes **E** • Marcos Palmeira, Livia Falcão, Fernanda Paes Leme, Flávia Alessandra, Hélder Vasconcellos.

Zé Araújo, caixeiro-viajante mulherengo e inquieto, foge da mulher com quem foi forçado a se casar e torna-se Ojuara, saindo em busca de terra onde montanhas são de rapadura e rios vertem leite. Em sua caminhada, encontra fantasmas de escravos e pede pousada em casebre amaldiçoado, onde desafia o Diabo e rouba-lhe uma pataca. Comédia fantástica, repleta de misticismo, musicalidade e erotismo.

## BELLINI E O DEMÔNIO

2008, SP. Cor. 120 min.

**P** • Imagem Filmes **D, R** • Marcelo Galvão **F** • Rodrigo Tavares **M** • Mauro Lima **T** • Eduardo Queiroz **E** • Fábio Assunção, Rosanne Mulholland, Marília Gabriela, Caroline Abras, Nil Marcondes.

O detetive particular Remo Bellini é contratado para localizar um livro raro, o qual ele logo percebe estar envolto em casos de mortes violentas. Ao longo da investigação, ele é envolvido numa trama macabra, influenciado por um poder que o induz a ter alucinações assustadoras. Suspense adaptado do livro homônimo de Tony Bellotto, repleto de cenas de demonologia e rituais satânicos. Foi exibido em festivais ao redor do mundo em 2008, antes de ser lançado em circuito comercial.

## ENCARNAÇÃO DO DEMÔNIO

2008, SP. Cor/P&B. 94 min.

**P** • Olhos de Cão / Gullane Filmes **D** • José Mojica Marins **R** • José Mojica Marins e Dennison Ramalho **F** • José Roberto Eliezer **M** • Paulo Sacramento **T** • André Abujamra e Márcio Nigro **E** • José Mojica Marins, Jece Valadão, Adriano Stuart, Cristina Aché, José Celso Martinez Corrêa.

Zé do Caixão, o agente funerário que torturou e matou em busca da mulher ideal para lhe dar o filho perfeito, é libertado da prisão depois de quarenta anos encarcerado. Ele vai morar numa favela e, perseguido por dois policiais e um padre, mas ajudado pelo fiel Bruno, tenta encontrar a mulher que possa dar continuidade ao seu sangue. Exemplo final da trilogia do personagem Zé do Caixão.

## O FIM DA PICADA

2008, SP. Cor/P&B. 80 min.

**P** • Cinegrama Filmes **D, R** • Christian Saghaard **F** • Janice D'Ávila **M** • André Francioli **T** • Ricardo Reis **E** • Ricardo de Vuono, Cláudia Juliana, Analu Silveira, Carlos Reichenbach, José Mojica Marins.

Em 1850, Macário participa de orgia necrófila na praia e chega a uma taverna, onde invoca Satã. Ele pede para visitar a cidade de São Paulo e é transportado de maneira mágica à metrópole no século XXI. Em meio ao caos urbano, testemunha o cotidiano violento das ruas, onde um pivete se transforma em saci e uma jovem mãe segue sua rotina mesmo depois de ser decapitada em acidente de trânsito.

## MANGUE NEGRO

2008, ES. Cor. 104 min.

**P** • Fábulas Negras **D, R, F, M** • Rodrigo Aragão **T** • Jaceguay Lins **E** • Walderrama dos Santos, Kika de Oliveira, Ricardo Araújo, André Lobo, Markus Konka.

Moradores de um manguezal tentam sobreviver à base de pesca, mas o mangue já não tem muito a oferecer. O tímido Luiz é um dos que sofrem com a mingua, ao mesmo tempo em que tenta criar coragem para se declarar a Rachel, a moça mais bonita da região. O romance, entretanto, é subitamente interrompido quando defuntos ferozes começam a atacar no mangue.

## FILMEFOBIA

2009, SP. Cor. 80 min.

**P** • Plateau Produções / Autentika Films **D** • Kiko Goifman **R** • Kiko Goifman e Hilton Lacerda **F** • Aloysio Raulino **M** • Vânia Debs **T** • Livio Tragtenberg **E** • Jean-Claude Bernardet, Cris Bierrenbach, Hilton Lacerda, Kiko Goifman, José Mojica Marins.

Cineasta realiza documentário no qual faz com que pessoas enfrentem suas fobias, defendendo a tese de que a única imagem verdadeiramente autêntica e convincente é a de um ser humano em contato com seu medo. Estudo sobre os limites do pavor particular e o impacto emocional de enfrentá-lo, construído no formato de falso documentário, refletindo sobre a própria construção de um filme de horror.

## MORGUE STORY: SANGUE, BAIACU E QUADRINHOS

2009, PR. Cor/P&B. 78 min.

**P** • Vigor Mortis **D, R, M** • Paulo Biscaia Filho **F** • Alexander De Marco **T** • Demian Garcia **E** • Leandro Daniel Colombo, Mariana Zanette, Anderson Faganello.

Desenhista de histórias em quadrinhos desperta num necrotério, prestes a se tornar vítima de legista estuprador, que abusa de mulheres indefesas usando veneno de baiacu para fazer com que fiquem parecendo mortas. A moça escapa de ser violentada quando um cataléptico, vendedor de seguros de vida, acorda ao seu lado. Comédia de humor negro adaptada da peça de teatro homônima de Paulo Biscaia Filho.

## FICHA TÉCNICA DA MOSTRA

### Patrocínio

Banco do Brasil

### Realização

Centro Cultural Banco do Brasil

### Idealização

Carlos Prinati

### Produção executiva e curadoria

Eugênio Puppo

### Coordenação de produção

Marcelo Colaiacovo

### Produção

Raoni de Freitas Alves

### Pesquisa

Carlos Prinati

Laura Cánepa

### Designer gráfico

Pedro Di Pietro

### Revisão de filmes

Gilza Veríssimo

Alex Vasques

### Montagem de negativo

Gilza Veríssimo

### Vinheta da mostra

Alexandre Britto

Eugênio Puppo

Marcelo Colaiacovo

### Coordenação e produção gráfica

GFK Comunicação

### Assessoria de imprensa

Rio de Janeiro - F&M ProCultura

Flávia Miranda

Anna Luiza Miller

Brasília – Capta Comunicação

Martha Mendes

### Transporte de materiais

TPK Express

### Projeto cultural

Heco Produções

## FICHA TÉCNICA DO LIVRO

### Concepção editorial

Eugênio Puppo

### Consultoria

Ruy Gardnier

### Direção de arte

Pedro Di Pietro

### Edição de textos

Bruno Zeni

### Produção editorial

Eugênio Puppo

Marcelo Colaiacovo

### Pesquisa de imagem

Eugênio Puppo

Marcelo Colaiacovo

Raoni de Freitas Alves

### Coordenação e produção gráfica

GFK Comunicação

### Revisão de textos

Marília Rodriguez Zanetti

## CRÉDITOS

### Acervo Cinemateca Brasileira

Capa, 4ª capa e orelha – 3 fotos

Páginas 2, 5, 10, 12, 15 e 17 – 6 fotos

Páginas 18, 21, 23 e 24 – 4 fotos

Páginas 25, 28, 29 e 31 – 4 fotos

Páginas 32, 34, 37 e 53 – 4 fotos

Páginas 60, 62, 63, 64 e 65 – 5 cartazes

Páginas 66, 67, 68 e 70 – 4 cartazes

Páginas 72, 78 e 79 – 3 cartazes

### Acervo Centro Técnico Audiovisual - CTAV

Página 30 – 1 foto

### Acervo Instituto Mazzaropi

Página 61 – 1 cartaz

### Acervo de terceiros

Fotos páginas 8, 22, 26, 44 e 45 – José Mojica Marins

Fotos páginas 9, 36, 38 e 41 – Ivan Cardoso

Fotos página 27 – Elyseu Visconti

Fotos páginas 33 e 35 – Cláudio Cunha

Fotos página 39 – Fauzi Mansur

Fotos página 40 – Casablanca Filmes

Foto página 42 – Rodrigo Aragão

Fotos página 43 – Christian Saghgaard

Fotos páginas 46 e 47 – Rubens Prado

Cartazes páginas 55 e 56 – José Mojica Marins

Cartaz página 59 – Elyseu Visconti

Cartaz página 69 – Ivan Cardoso

*Todos os esforços foram feitos para creditar corretamente as imagens. Nem sempre isso foi possível. Teremos o prazer em dar o crédito aos detentores dos direitos caso se manifestem.*

## COLABORADORES

### Alessandro Gamo

Doutor em Multimeios pela Unicamp, professor de cinema no curso de Imagem e Som da UFSCar, é pesquisador do cinema brasileiro e documentarista.

### Alfredo Suppia

Cineasta, pesquisador e professor de cinema do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

### Carlos Prinati

Editor de revistas e livros sobre cinema de horror, tema que pesquisa desde 1992. Organizou, em 2007, a filmografia de José Mojica Marins para a Heco Produções.

### Felipe M. Guerra

Jornalista, trabalha com cinema independente desde 1998. Escreve artigos sobre horror e *exploitation* para o site Boca do Inferno.

### João Carlos Rodrigues

Nascido em 1949, é jornalista, crítico de cinema, escritor e pesquisador. Autor de *O negro brasileiro e o cinema*.

### Laura Loguercio Cánepa

Jornalista, doutora em Multimeios pela Unicamp e professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

### Lúcio De Franciscis dos Reis Piedade

Mestre e doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisador na área de cinema de horror e *exploitation*.

### Marcelo Carrard

Jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica, doutor em Multimeios pela Unicamp, editor do blog Mondo Paura e colaborador da revista eletrônica Zingu e do site Boca do Inferno.

### Sérgio Alpendre

Crítico de cinema da revista Contracampo e do site Cineclick. Foi fundador e editor da revista Paisà e curador da Retrospectiva do Cinema Paulista.

### Remier Lion

Organizador da mostra Cinema Brasileiro, a Vergonha de uma Nação e do cineclubes Malditos Filmes Brasileiros. Publicou *Ivan Cardoso – O mestre do terrir* pela Coleção Aplauso, em 2008.

### Rogério Ferraraz

Jornalista, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

### Ruy Gardnier

Jornalista, editor dos sites Contracampo e Camarilha dos Quatro, pesquisador de cinema do Tempo Glauber, professor e crítico do jornal O Globo.

## AGRADECIMENTOS

Arquivo Nacional  
Centro Técnico Audiovisual – CTAV  
Cinemateca Brasileira  
Fox Film do Brasil  
Instituto Mazzaropi  
Sociedade Amigos da Cinemateca

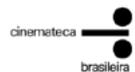
Albina Pereira  
Alessandro Gamo  
Alice Gonzaga  
André Barcinski  
Angela Lima  
Antonio Carlos Ribeiro  
Antonio Laurindo  
Antonio Leão da Silva Neto  
Arthur Sens  
Auré Cantarelli  
Carlos Reichenbach  
Carlos Roberto de Souza  
Cláudio Cunha  
Cláudio Fernando Coimbra  
Daniela Diniz  
Danilo Tamashiro  
David Cardoso  
Débora Butruce  
Edson Sanches  
Eduardo Escorel  
Egberto de Almeida  
Fernanda Guimarães  
Fernanda Valim  
Fernando Fortes  
Francisco Marques  
Gilberto Santeiro  
Henry Grazinoli  
Hernani Heffner  
Hytagiba Carneiro Ferreira  
Ivan Cardoso

João Heitor  
José Adalto Cardoso  
José Mojica Marins  
Juan Bajon  
Leopoldo Talffernbach  
Luiz Carlos Dupont  
Luiz Otavio de Santi  
Marcos do Carmo  
Mario Gallina  
Miguel Henrique  
Millard Schisler  
Pamela Zapparolli  
Patrick Saretta  
Paulo Sacramento  
Regina Lima Silva  
Roseli de Souza  
Silas Freitas  
Sylvio Renoldi Jr.  
Tereza Trautman  
Wilfred Khourí  
Vivian Malusá

### Agradecimentos especiais

Carlos Magalhães  
Fátima Secches  
Felipe Ludovice  
Olga Futemma  
Patrícia de Filippi

Apoio



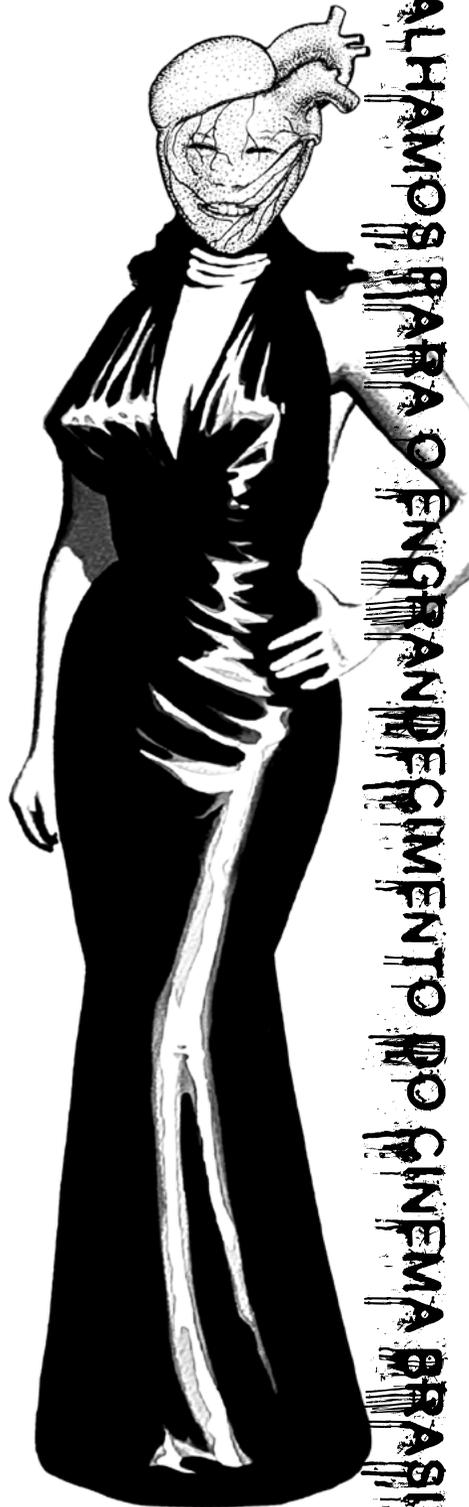
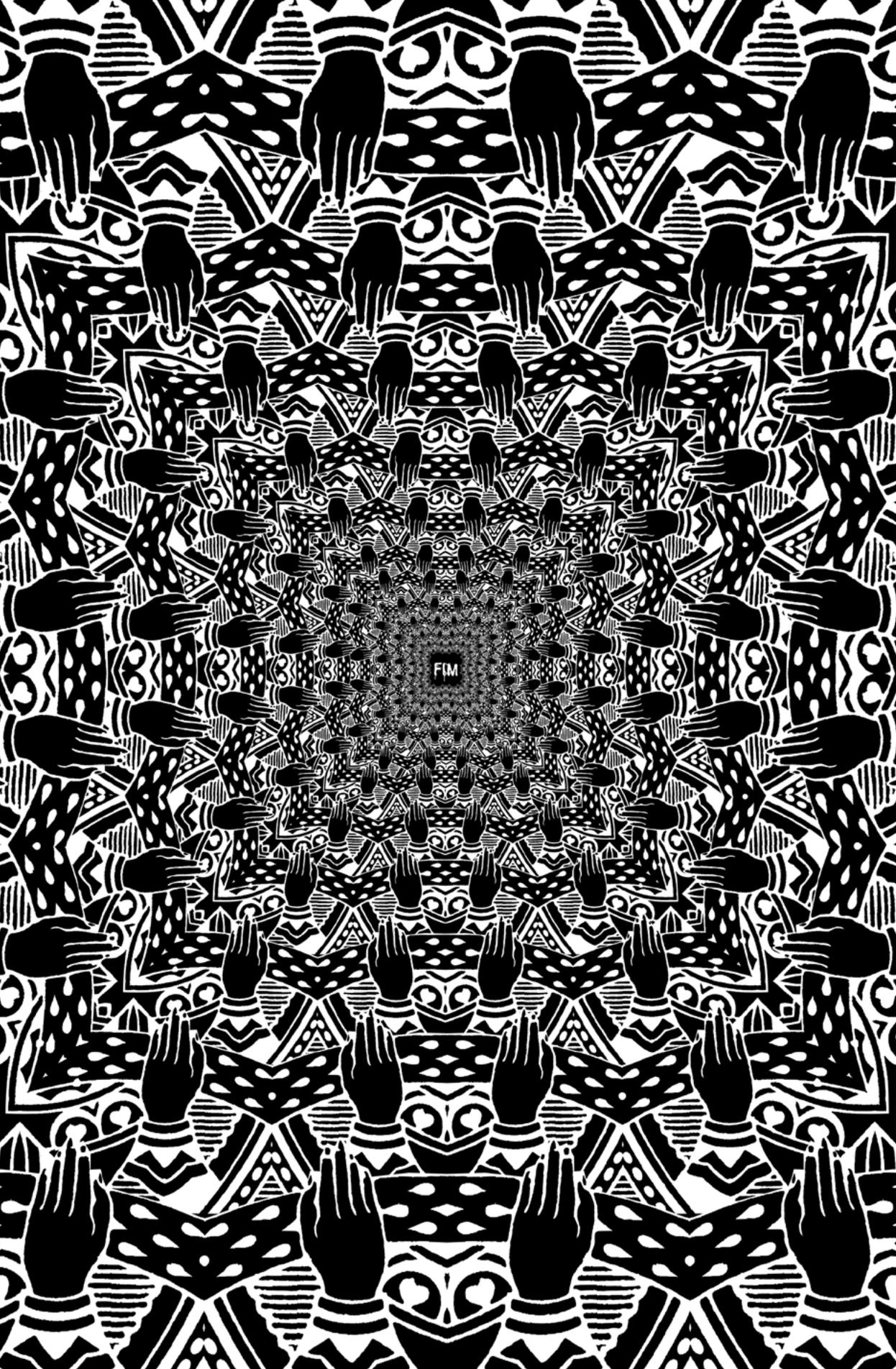
Secretaria  
do Audiovisual



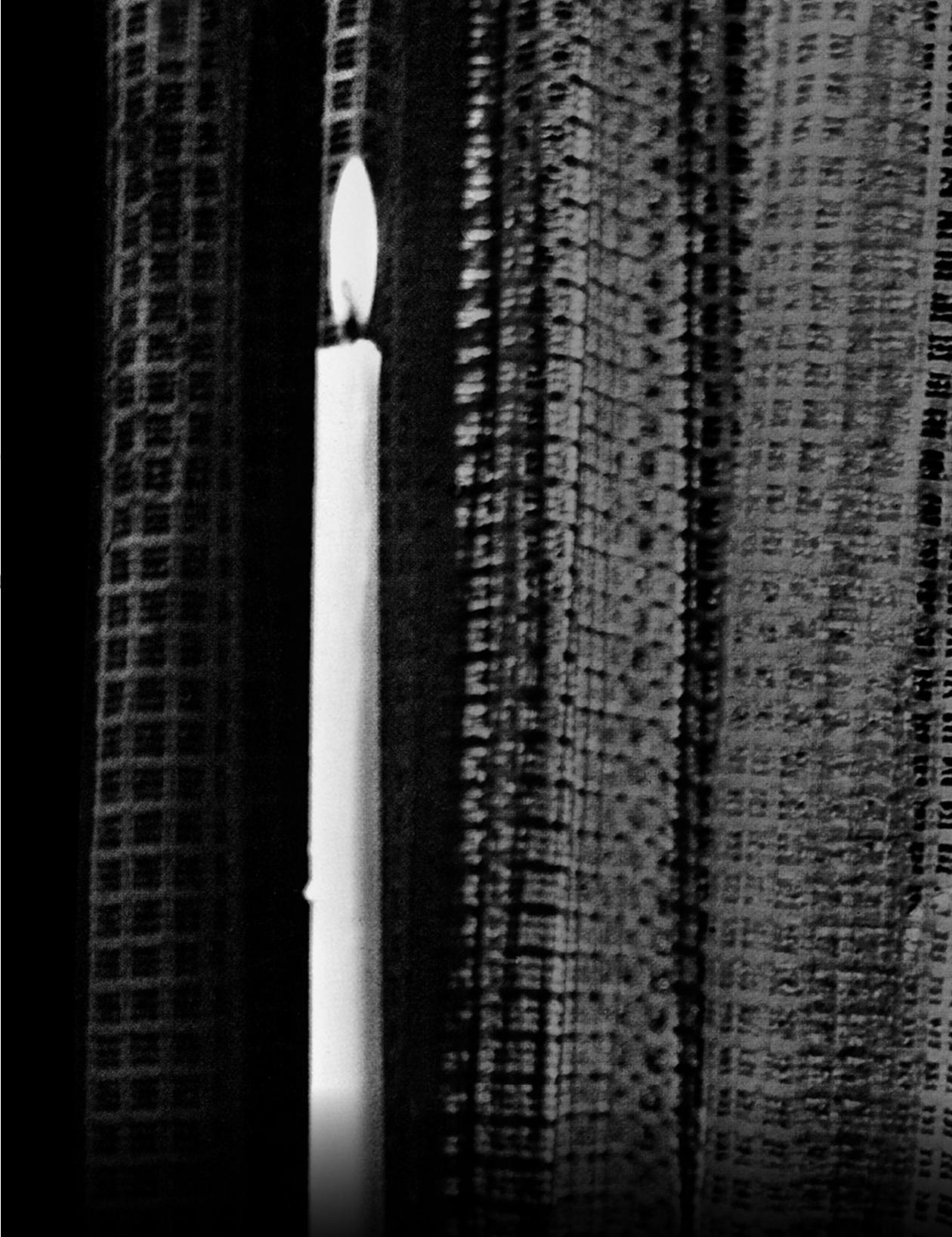
Realização







TRABALHAMOS PARA O ENGRANDECIMENTO DO CINEMA BRASILEIRO



I SBN 978- 85- 98404- 03- 5



9 788598 404035



Realização

